

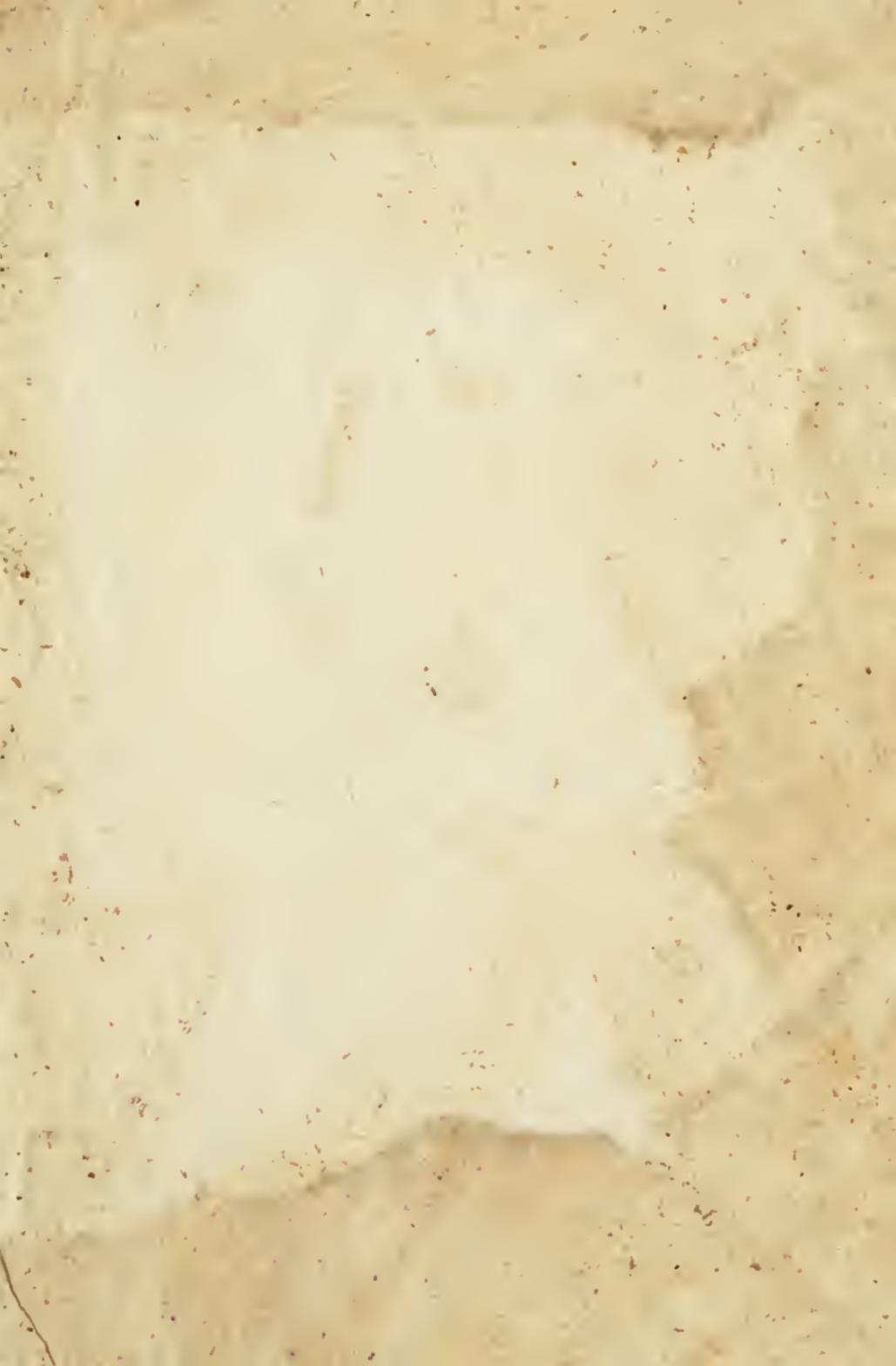


R6184, 724



Presented to the
LIBRARY of the
UNIVERSITY OF TORONTO

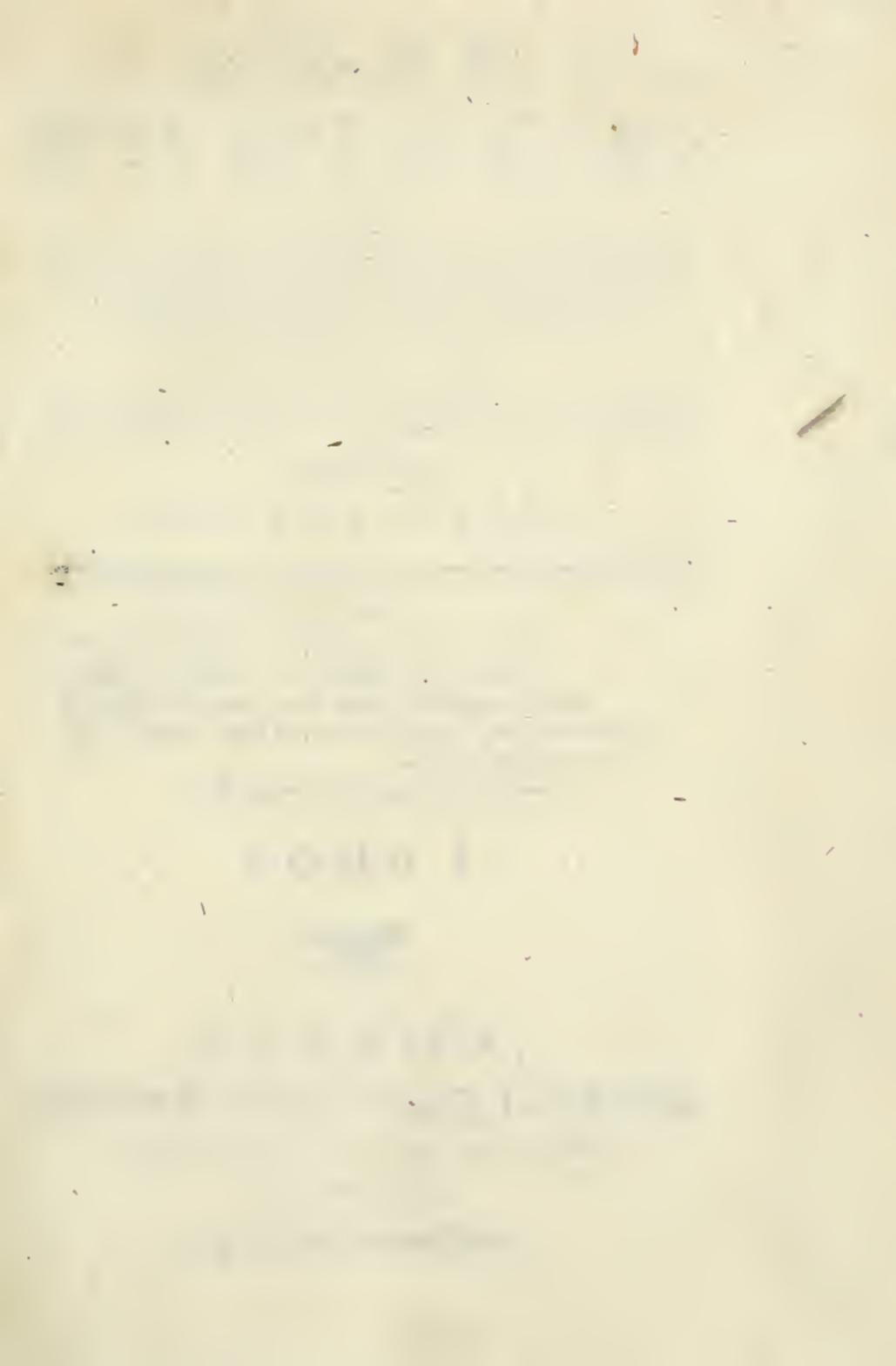
by
Professor
Ralph G. Stanton







10/11/11
10/11/11





Digitized by the Internet Archive
in 2009 with funding from
University of Toronto

ARTE POETICA,

O U

REGRAS DA VERDADEIRA POESIA
em geral, e de todas as suas especies prin-
cipaes, tratadas com juizo critico:

COMPOSTA

Por FRANCISCO JOSEPH FREIRE,

Ulyssiponense.

SEGUNDA EDICAO.

. . . . *Fungar vice cotis, acutum*
Reddere qua ferrum valet, exfors ipsa secandi:
Munus, & officium, nil scribens ipse, decebo;
Unde parentur opes; quid alat, formetque poetam;
Quid deceat, quid non; quo virtus, quo ferat error,
Horat. in Poetic.

TOMO I.



LISBOA,

Na Offic. Patriarcal de Francisc. Luiz Ameno;

M. DCC. LIX.

Com as licenças necessarias.

AO ILL.MO E EX.MO SENHOR
SEBASTIAÕ JOSEPH
DE CARVALHO E MELLO,

*Do Conselho de Sua Magestade , e seu Secretario
de Estado, &c. &c.*

F. J. F.

Augura perpetua felicidade.

T Orna a Arte Poetica a bus-
car a presença de V. Excellencia , em
quem da primeira vez achou tanta be-
nignidade , e honra , que lhe pareceo
* ii ver.

verse tornada à feliz idade de Augusto, e alegrou se de achar em V. Excellencia restituído a Mecenas. Ella vay na firme esperança de conseguir aquella mesma protecção, que ha pouco alcançou a de Horacio, esperando, que mereça eu, pela razão de Portuguez zeloso dos estudos da minha Patria, o mesmo benevolo amparo de V. Excellencia, de que o grande Lyrico Latino se fazia digno por seu incomparavel merecimento.

Para conseguirem o patrocínio de V. Excellencia, grande recommendação levoã consigo aquelles livros, compostos por Escritores Portuguezes, que animados do bom zelo fomentaõ os estudos dos seus patricios: porém, Senhor Excellentissimo, bastando esta razão para eu conseguir a sua preciosa bene-

benevolencia , ainda tenho motivo mais forte para á merecer.

As santas , e inviolaveis leys da gratidaõ todas me estaõ obrigando , a que publique aos meus nacionaes , e aos estranhos o quanto eu devo ao generoso amparo de V. Excellencia na publicaçaõ de alguns de meus escritos. Por occultas vias dá generoso o mar aos rios o cabedal , com que engrossem a corrente, e os rios agradecidos vaõ com as mesmas aguas , que receberaõ , pagar ao mar o seu devido tributo. Hum animo , em quem a memoria dos beneficios recebidos nunca se apaga , se he hum dos objectos mais agradaveis a Deos , como o naõ ha de ser aos homens , e muito mais àquelles , que , como V. Excellencia , pondo toda a sua grandeza em favorecer , e patrocinar aos pequenos ,
mais

mais se assemelhaõ à Divindade suprema?

Porém, Senbor, ainda prescindindo (se pôde ser) do fortissimo motivo do meu agradecimento, considero taõ indispensavel o offerecer a V. Excellencia esta Obra, que eu naõ conheço igual Personagem, a quem a podesse consagrar com huma propriedade mais despida de artificiosa lisonja. Aqui dirão muitos, que eu alludo à natural circumstancia de ter V. Excellencia nos seus annos florentes cultivado nas Academias a sciencia poetica com merecimento taõ distincto, que (se naõ for V. Excellencia) naõ haverá quem delle duvide. Mas naõ he esta a feliz circumstancia, em que me fundo: V. Excellencia sim seria a gloria das nossas Musas, se a sua grande Alma naõ viesse

se

se ao mundo para mayores cousas; quero dizer , mais para dar materia à Poesia , do que para cultivar seus preceitos. Confesso , que seria forte este motivo ; mas outro de mayor pezo dá mais fino realce à propriedade da minha offerta. Em eu publicar huma Arte Poetica , e dedicalla a V. Excellencia , dirão os juizos mais allumiados , que quiz com esta idéa dar aos Poetas logo com os solidos preceitos o verdadeiro Assumpto para os seus versos.

Soffra agora a rara modestia de V. Excellencia , que eu prove esta verdade , copiando algumas bellas imagens daquellas virtudes , que constituem a V. Excellencia o Heróe das Musas Lusitanas. Foraõ os Deoses o primeiro objecto da Poesia , e o segundo aquellas grandes Almas , que pareciao nascidas
de

de especie mais nobre , aquellas , das
quaes V. Excellencia he hum fiel retrato.
O illustre Cidadão , que pelo bem da
sua Patria , o zeloso Ministro , que no
serviço do seu Principe occupavaõ a
actividade , o amor , e o talento , esses
eraõ os assumptos da Poesia naquelles
felices tempos.

Nesta consideraçãõ veja V. Excel-
lencia (a pezar da modestia do seu ani-
mo) se podia eu deixar de honrar com
o seu respeitado Nome huma Arte Poe-
tica , havendo no mesmo tempo , em que
a publico , o Argumento mais fertil pa-
ra os Poetas , quero dizer , vivendo V.
Excellencia , que no serviço desta Mo-
narquia , e na solida gloria do seu Mo-
narca occupa , creyo que até os instan-
tes de sua laboriosa vida ? Que bem
claramente se conhece esta verdade ,
quan-

quando se confronta o que devemos à penna de V. Excellencia com as memorias dos ociosos Ministros de outros Reinados.

Só a posteridade he que fará bem esta confrontação, porque não temerá nem a modestia de V. Excellencia, nem a alguns maliciosos juizos, que não sabem, ou não querem discernir o adulator do homem sincéro. Só ella he que louvará dignamente a hum Ministro, que não só prefere (como outros tem feito) o trabalho ao descanso, mas que só acaba o seu unico descanso no mesmo trabalho, quasi parecendolhe, que nada tem obrado, se sempre não obra: hum Ministro perante quem o illustre em sciencia emparelha com o illustre em sangue: hum Espirito de animo, e constancia incrível, capaz de emprender

der

der tudo , e de tudo encobrir com huma politica , que os mais perspicazes não alcançaõ : hum Homem , que nada deixa à sorte , prevenindo com a meditação profunda , e judiciosas cautelas quaesquer effeitos das cousas ; mas que no mesmo tempo não sabe desprezar occasião , que a sorte lhe apresenta , para estabelecer entre nós a publica felicidade : em fim hum Ministro , que assim sabe conciliar a urbanidade com o respeito , a severidade com a doçura ; de maneira , que os animos sincéros confessão delle , que quando não fosse buscado pela Dignidade , o deveria ser pela Pessoa , sempre honradora dos bons , e tão fiel no que promette , que tão seguro está o beneficio promettido , como o dado.

De Cataõ disse a Antiguidade , que fora a mayor dadiva , que o Ceo dera

aos

aos homens ; pois parecia , que do seyo da natureza sabiraõ , quasi gemeos , Cataõ , e a justiça. Se aquelle famoso Romano mereceo esta expressaõ , quem haverá , que a naõ applique com verdade ao grande Ministro Portuguez ?

Assim fallará , Senhor Excellentissimo , a sincéra Posteridade , e para assim engrandecer as virtudes , e acções de V. Excellencia , naõ tem mais que ler os muitos Documentos , que admirará de taõ zeloso , e activo Ministerio. Mas para que ha de ella recorrer a estas provas , se as ha de ter mayores na sua mesma experiencia ? Gozará da opulencia procedida do estabelecimento de hum solido commercio , e de muitas fabricas de diversas manufacturas , que faraõ menos preciosas as nossas minas. Verá praticadas Leys santissimas , ou para a
exacta

exacta observancia da justiça , ou para o alivio , e tranquillidade dos póvos. Gozará de huma Cidade , que em magnificencia de edificios , em regularidade de plano , e em commodo do publico , não terá que invejar às mais famosas da Europa , se argumentarmos o fim pelos grandiosos principios , que já admiramos : e que todo este bem se deve ao zelo , à aactividade , e à vigilancia de V. Excellencia , que penna haverá hoje , que havendo de escrever deste Reinado , o não confesse aos felices vindouros por hum acto de agradecimento preciso.

Sim , felices vindouros por estas felicidades ; mas felicissimos nós , que gozamos de outras venturas , que são privativas para os que vivemos nesta idade. De muitas podera fazer glorioso catalogo , se o soffrera este genero de escriptura ;

tura ; mas valerá por todas aquella ineffavel felicidade publica , de que V. Excellencia foy instrumento , fazendo triunfar ao nosso amavel Principe de hum execrando attentado contra a sua preciosissima vida , só com fazer executar os seus Reaes Decretos.

Desaggravou-se a Magestade ultrajada por quem no sangue , e no exemplo de seus Mayores tinha multiplicados motivos para a sua fiel vassallagem ; vingou-se a nossa affrontada fidelidade com a morte de huns sacrilegos , infamia perpetua da geraçãõ humana ; e foy V. Excellencia o glorioso instrumento de huma acçãõ , que na antiga Grecia , e Roma se perpetuaria em tantos monumentos publicos , que faltariaõ lugares para as estatuas , e padrões a hum taõ digno Patricio.

Porém se estas faltarem , por serem memorias , que o tempo em fim apaga , ou destroe , não faltarão aquellas , que resistem a toda a successão das idades. Ou na Historia , ou na tradição viverá V. Excellencia tão glorioso , que me basta dizer , que será inseparavel a sua gloria da de hum Rey , que seria admirado de todos , ainda quando Deos o não revestisse da Magestade. Que immensa gloria ! que illustre vaidade para os Netos de V. Excellencia ! mas se he immensa , se he illustre , os serviços , que a merecerão , tambem não lhe são inferiores.

A alta materia , em que hia entrando , pedia não menos toda a fina , e fecunda eloquencia de hum Plinio , que toda a extensaõ do seu famoso Panegyrico ; porém como em mim as forças não igua-
laõ

laõ á grandeza dos desejos, involvo em hum respeitoso silencio o muito que se podera dizer, para ficar mais provado, que ainda quando huma indispensavel obrigaçãõ me naõ inspirasse o consagrar a V. Excellencia esta Obra, o ser ella huma Arte Poetica, estava pedindo que eu a ennobrecesse com o seu illustre Nome, a fim de que nella naõ faltassem nem os preceitos, nem o Heróe: formem-se os Poetas; que para a Epica, e Lyrica tem elles em V. Excellencia hum Argumento taõ vasto, como glorioso.

PROLOGO.

LEitor: Sahe finalmente a publico huma *Arte Poetica*, escrita no nosso idioma, que talvez ha muito tempo desejarias, se entrases no numero daquelles poucos, que desejaõ o adiantamento, e reformaçaõ nos estudos. Confesso-te com ingenuidade, que eu naõ teria em mim o cabedal preciso para tamanha obra, se acaso desde os meus primeiros annos naõ tivesse ajuntado muitos livros da faculdade Poetica, e lido com aquella reflexaõ, que cabe no meu entendimento. Estimulado de amigos, que falsamente me suppunhaõ bom architecto para este grande edificio, deylhe principio, mas com pouco ardor; porque já a idade me leva para outros estudos, até que li huns livros Portuguezes, impressos fóra, intitulados: *Verdadeiro Methodo de estudar, &c.* Vi que nesta obra se queixava justissimamente o seu Author, de que aos Portuguezes, para serem bons Poetas, lhes faltava huma Arte, a que verdadeiramente se podesse chamar Poetica; entaõ continuey na minha empreza com algum fervor, e

**

es.

estudo , como poderás ver , se quizeres.

Naõ entendas , que entaõ me levou a presumpção , de que com esta Arte naõ haveria para o futuro quem censurasse a Portugal nesta parte , e que com ella conseguiria fazer bons Poetas. O que me levou , foy a consideração , de que entre nós naõ havia livro algum impresso , nem ouvi , que manuscrito , sobre esta materia , e só algumas Artes metricas , ou versificatorias. Como havia destas , e taõ triviaes , como saõ as de Borrvalho , Villa-Real , e Rengifo , por isso me empenhey em tratar do que he poetico , como cousa ainda naõ escrita no nosso idioma , deixando de fallar do metrico , como cousa que raros ignoraõ ; e se esperavas pelo contrario , entendendo , que nella acharias hum copioso rhimario de consoantes , enganastes-te ; porque naõ tenho tempo para gastar em discorrer no que já tantos tem dito , e outros poderãõ dizer.

Agora o que me resta he , que em lugar de tal qual agradecimento , ouça satyras , como já tenho ouvido ; porque entre nós he o fruto , que responde à agricultura dos estudiosos , que empre-
gaõ

gaõ o tempo em alguma utilidade dos seus naturaes. Dize o que quizeres, que por mais que faças, nunca me poderás tirar a gloria de ser o primeiro, que sayo a publico com semelhante assumpto, cuja justiça me haõ de fazer os verdadeiros sabios, e amantes da Patria. Igualmente naõ temo o testemunho, que me levatares, chamando-me satyrico, a respeito de censurar a muitos Poetas da primeira classe: chama o que quizeres, que tambem os verdadeiros sabios, e amantes da verdade me haõ de defender, e louvar, por seguir a opiniaõ de *Nullius addiētus jurare in verba Magistri*. Sigo a verdade, e a razao, primeiro que a authoridade; porẽm ainda que seja hum critico mais abortivo, que judicioso, tal qual sou *Non sum ex iudicibus severissimis, qui omnia ad exactam regulam redigam. Multa donanda ingeniis puto; sed donanda vitia, non portenta sunt*; como dizia Seneca no liv. 5. *Controv.*

He verdade, que censuro muitos lugares de Poetas de grande nome; mas igualmente he certo, que com estes mesmos Poetas provo as minhas doutrinas, louvando-os naquella parte, em que

que são dignos de imitação ; no que me parece que não devo merecer o nome de satyrico. Muy facilmente me poderey enganar nestes meus juizos , não chegando a correr o véo à verdade. Se não consigo isto por ignorancia , rogo ao leitor prudente , que ou me perdoe , ou me emende ; que eu não pretendo mais que a utilidade , e instrucção da mocidade Portugueza , para quem unicamente escrevo. Porém se se achar , que as regras , que expendo , são conformes à razão , e bem provadas com authoridades classicas , faça-se-me a justiça , que merecer ; e emende-se cada hum daqui para diante ; que tomara eu ingenuamente poder fazer o mesmo aos muitos vicios poeticos , de que estão cheyas as poesias dos meus primeiros annos , e ainda as dos mais adultos. Porém não sey se encontrarey nos outros esta ingenuidade ; porque os nossos engenhos tem tanto de felices , como de contumazes , e entendem , que pretender enfinallos he hum ponto , que offende a honra , principalmente se o que dá os preceitos não he Escriitor de authoridade , e respeito.

L I C E N Ç A S.

Do Santo Officio.

POde-se reimprimir o livro, de que se faz menção, e depois voltará conferido para se dar licença que corra, sem a qual não correrá. Lisboa, 15 de Setembro de 1758.

Com quatro Rubricas.

Do Ordinario.

POde-se reimprimir o livro, de que se trata, e depois torne conferido, sem o que não correrá. Lisboa, 12 de Fevereiro de 1759.

Costa.

Do Desembargo do Paço.

Que se possa reimprimir vistas as licenças do Santo Officio, e Ordinario, e depois de impresso tornará à Mesa para se conferir, e taxar, e dar licença para correr, que sem ella não correrá. Lisboa, 22 de Fevereiro de 1759.

Com cinco Rubricas.

Póde correr. Lisboa, no Paço de Pa-
lhavã, 29 de Mayo de 1759.

Com quatro Rubricas.

Póde correr. Lisboa, 8 de Junho de
1759.

D. J. A. L.

Que possa correr. Lisboa, 12 de Junho
de 1759, e taxaõ em trezentos reis.

Com quatro Rubricas.

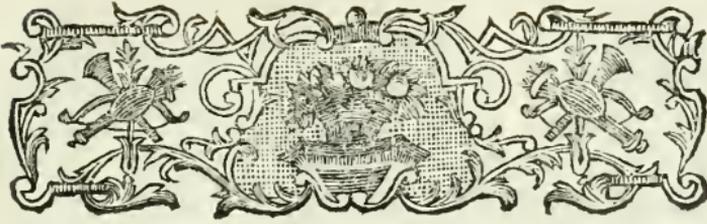
INDICE

DOS CAPITULOS DA I. PARTE.

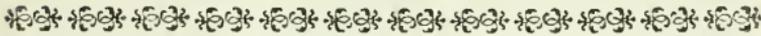
LIVRO I.

- C**apitulo 1. *Da origem, progressos, e essencia da Poesia*, pag. 1.
- Cap. 2. *Da origem da Poesia vulgar*, 15.
- Cap. 3. *Da essencia, e definição da Poesia*, 18.
- Cap. 4. *Do fim da Poesia*, 26.
- Cap. 5. *Da Imitação, e do objecto da Poesia*, 30.
- Cap. 6. *Da Imitação do universal, e do particular*, 35.
- Cap. 7. *Do furor poetico*, 39.
- Cap. 8. *Os Poetas devem ter sua instrucção de todas as sciencias, e artes*, 45.
- Cap. 9. *Os Poetas não devem affectar, que são peritos nas sciencias, e artes*, 49.
- Cap. 10. *Do deleite poetico, e dos seus dous principios, belleza, e doçura*, 54.
- Cap. 11. *Em que precisamente consista a belleza poetica*, 55.
- Cap. 12. *Da belleza da materia, e como della se possaõ tirar verdades peregrinas*, 65.
- Cap. 13. *Como os Poetas buscão o verdadeiro; trata-se daquelle, que he certo, do que he crível, e provavel, chamado por outro nome Verosimil*, 71.
- Cap. 14. *Da Belleza do Artificio, sua virtude, e seus exemplos*, 75.
- Cap. 15.

- Cap. 15. *Dá-se huma geral noticia da Fantasia ; differença entre ella , e o Entendimento , e commercio entre si ; imagens fantasticas , e sua divisão , &c. 85.*
- Cap. 16. *Mostra-se com exemplos em que consista a força das imagens simples , e naturaes da Fantasia , 91.*
- Cap. 17. *Das imagens fantasticas artificiaes ; sua excellencia , imagens verdadeiras à Fantasia por causa dos sentidos , outras verdadeiras , ou verosimeis por causa do affecto ; como se forme o engano da Fantasia , &c. 101.*
- Cap. 18. *Da proporção , relação , e semelhança , com que o juizo regula as imagens da Fantasia , 120.*
- Cap. 19. *Dos raptos , e extasis da Fantasia , 129.*
- Cap. 20. *Do engenho , e das imagens intellectuaes , ou engenhosas ; imagens de semelhança ; varios modos de usar dellas ; formação das metáforas , 138.*
- Cap. 21. *Das imagens intellectuaes de relação , e das engenhosas de reflexão ; seus exemplos , 152.*
- Cap. 22. *Das imagens verdadeiras , e das falsas ; examinaõ-se os conceitos do Conde Manoel Thezauro , 166.*
- Cap. 23. *Do verosimil , e inverosimil das imagens ; duas especies de verosimil , 175.*
- Cap. 24. *Da affectação dos conceitos muy refinados , e esquadrinhados ; vicio da escuridade , 183.*
- Cap. 25. *Divisão do estylo em maduro , e florido ; sua origem , e sequazes , 188.*
- Cap. 26. *Extremos viciosos do estylo ; contrapostos , equívocos , paranomias , allusões , e outras pestes condemnadas , 199.*



ARTE POETICA. LIVRO I.



CAPITULO I.

Da origem, progressos, e essencia da Poesia.



EM a Poesia hum naõ sey que de divino, se dermos fé aos Poetas; os quaes, mais que os outros homens, se empenharão em dar a esta sua Arte huma mysteriosa origem. Serve esta de admiração ao tempo, e ao mundo pela sua grande antiguidade, e os professores desta Arte quasi que adoraõ a magestade della mais que a de outra sciencia,
A e guar-

e guardaõ com hum particular ciume os frutos, que della tem nascido. Ha nesta materia muita ficcaõ , que como verdade patrocina- raõ diversos , e graves Authores : porẽm o certo he , que entre estes , e outros muitos desvanecimentos , que saõ em parte huns agra- daveis sonhos, e luminosas mentiras, como lhes chama o grande Muratori na sua admira- vel Obra *Della perfetta Poesia* &c. saõ verda- deiros os fundamentos , com que os Poetas pertendem ter o principado, ou para melhor dizer, o poder de ter na sua maõ a distribui- çãõ do patrimonio da gloria humana. Esta, ainda que talvez seja hum idolo vaõ [se bem que verdadeira origem de mil acções heroi- cas] na verdade estã quasi toda no dominio dos grandes Poetas, os quaes com os seus ver- sos fazem eterna naõ menos a sua fama pro- pria, que a alheya, conservando os beneme- ritos na memoria da posteridade. Vivem ain- da, e eternamente viverãõ innumeraveis He- roes da Grecia, porque vive, e viverã Ho- mero, que os celebrou. Concederaõ os secu- los aos seus versos aquelle privilegio, que naõ gozaraõ os marmores, nem os bronzes, que gasta a voracidade do tempo : e quando o es- tudo Poetico naõ tivesse outra excellencia, bastava certamente esta para fazer recommen- davel o uso de huma tal Arte, e para conven- cer de ignorante a quem a vitupera, ou ao menos a estima em pouco.

He com effeito muito antiga a origem,
e prin-

e principio desta Arte, pois como testifica Eusebio no liv. da *Preparaçãõ Evangelica*, já florescia nos antigos Hebreos, que foraõ muito anteriores aos Poetas Gregos; porque Moysés, quando tirou a esles do Egypto para os levar á sua patria, logo que passaraõ o mar Vermelho, compoz (segundo diz Joseph no 2. liv. das *Antiguidades*) hum Cantico em verso hexametro dedicado a Deos em acçaõ de graças pelo milagre, que obrara em apartar as aguas para passagem de seu povo. He igualmente certo, que David compoz os seus Psalms em diversos metros; e delle diz o mesmo Joseph no 7. liv. das suas *Antiguidades*, que vendo-se este Profeta livre das guerras, e perigos, compozera muitos Psalms, e Cantares em diversas maneiras de metros, usando nelles humas vezes de tres, outras de cinco versos. Corrobora mais isto S. Jeronymo no Prologo sobre as *Chronicas* de Santo Eusebio, dizendo, que naõ ha cousa mais suave, que o Psalterio, o qual á maneira de Horacio, e de Pindaro, humas vezes soa em verso Jambico, outras em Alcaico, outras em Saphico, e outras em meyo pé. Que harmoniosa obra (continua o Santo) he o Deuteronomio, que suave o Cantico de Isaias, que graves os livros de Salamaõ, e que perfeitos os de Job! Naõ se póde apontar o tempo prefixo do nascimento da Poesia: porèm concordãõ os Authores mais graves em que he antiquissima a sua origem, como acaba-

mos de dizer : pois Homero , que floreceo mil annos antes da vinda de Christo , isto he , no tempo de Salamaõ , naõ foy na Grecia o primeiro Poeta , de que ha noticia ; porque já haviaõ florecido *Orfeo* , *Museo* , e *Lino* ; e segundo a authoridade de Plataõ tambem houve *Olimpo* , além de *Orebancio Trasenio* , *Dares Frigio* , e *Syagro* primeiro escritor da guerra Troyana , segundo diz Eliano : porèm nenhum destes Poetas (pelo que se entende) foraõ anteriores a *Moyfés* , a quem se tem por primeiro Poeta , como prova Polidoro Virgilio no 1. livro de *Rerum invent.* pag. 22. Esta opiniaõ , que approvaõ huns , naõ abraçaõ outros , e com fundamento , que naõ se estabelece sómente em conjecturas ; porque dizem , que a Poesia tivera a sua primeira origem entre os Pastores. Assim o mostra a razaõ , e o confirma a authoridade dos Escriitores , que saõ Mestres nesta materia. He certo , que o primeiro estado dos homens foy o de Pastor : assim o diz Varro liv. de *Re rustic.* in princip. *Cum duæ vitæ traditæ sunt hominùm , rustica , & urbana , Q. Pinni , dubium non est , quin hæ non solum loco distincte sint , sed etiam tempore diversam originem habeant. Antiquior est enim multò rustica ; quod fuit tempus , cùm rura colebant homines , neque urbem haberent.* Confirma esta doutrina Plataõ no 3. liv. das Leys , e he seguida de todos os doutos , como prova Joaõ Vintimiglia no seu tratado dos Poetas Sicilia-nos *Bucolicos.* liv. 1. cap. 2. in princip. Pro-
va-se

va-se mais esta opiniaõ ; porque a invençaõ das coufas, em que a natureza tem huma grande parte, necessariamente havia ser dos homens mais antigos, como sobre esta mesma materia escreve largamente Escaligero Poetic. l. 1. cap. 2, e claramente se deduz da doutrina de Arist. Poetic. l. 1. partic. 20. onde prova, que a imitaçaõ, e a harmonia saõ innatas nos homens, e que dellas nasceo a Poesia. Saõ estas as suas palavras: *Cùm autem imitari nobis ex naturâ sit, & harmonia, & rhythmus, à principio, qui naturâ facti erant, præcipuè ad ipsas has res paulatim promoventes, procreaverunt Poesim.* Daqui se convence a grande antiguidade da Poesia; nem entre os Gregos ha doutrina mais antiga do que esta, dizendo Cicero Tuscul. liv. 1. in princip. *Cùm apud Græcos antiquissimum è doctis sit genus Poetarum;* e affirmando Plinio liv. 7. cap. 56. *de Poematum origine magna quæstio est.* Por esta razã he bem vaõ o trabalho daquelles, que se cançaõ em pertender descobrir com certeza qual foy o primeiro Poeta. Assentado pois, que a Poesia fora invençaõ dos primeiros homens, e sabendo-se igualmente, que os primeiros foraõ os Pastores, racionalmente se deve concluir, que estes foraõ os primeiros inventores da Poesia.

Quanto mais, que isto se confirma com a authoridade dos mesmos Poetas, e daquelles de mayor reputaçãõ, como entre outros he o Principe dos Lyricos Latinos: diz pois Horacio l. 2. Epist. 1.

Agri-

*Agricolæ prisci, fortes, parvoque beati,
 Condita post frumenta levantes tempore festo
 Corpus, & ipsum animum spe finis dura ferentem
 Cum sociis operum, & pueris, & conjuge fidâ
 Tellurem porco, Sylvanum lacte piabant;
 Floribus, & vino Genium memorem brevis ævi.
 Fescennina per hunc inventa licentia morem
 Versibus alternis opprobria rustica fudit, &c.*

O mesmo segue Tibullo, cantando deste modo no liv. 2. Eleg. 1.

*Agricola assiduo primum lassatus aratro
 Cantavit certo rustica verba pede.
 Et satur arenti primum est modulatus avenâ
 Carmen, ut ornatos duceret ante Deos &c.*

E no liv. 1. Eleg. 7. tratando das Vendimas, diz tambem assim:

*Ille licor docuit voces inflectere cantu,
 Movit & ad certos nescia membra modos.
 Bacchus, & agricolæ magno confecta labore
 Pectora tristitiæ dissoluenda dedit.*

A estes versos pôde servir de commento o que largamente escreve Casaubono no seu livro da Satyra Grega quasi em todo elle, e particularmente no liv. 1. cap. 1. pag. 9. *Satyrice Poeseos, non secus ac Tragediæ, & Comediæ origo prima ab illis repetenda conventibus, quos vetustissimi mortales, collectis frugibus, cogere soliti, ut gratias Diis acturi sacrificiis operarentur, & laborum, quos sustinuerant, memoriam*
 posi-

posituri, *animum relaxarent; ac jucunditati se darent* &c. unde tandem nati sunt chori saltationesque ad numerum, atque adeo * *Pocsis ipsa: natura paulatim eò ducente ut & verba, quæ dicebant, & pedes, quos movebant, numeris asfringerent* &c.

Porèm Lucrecio, que explicou em verso tudo quanto ensinava a escola de Epicuro, e por consequencia a respeito das cousas syficas necessariamente havia seguir as tradições mais antigas, tratando mais subtilmente desta materia, deu a razaõ, que moveria aos antigos Pastores, para inventarem a Poesia; e diz assim no liv. 5. v. 1378.

*At liquidas avium voces imitaries ore
Ante fuit multò, quàm levia carmina cantu
Concelebrare homines possent, auresque juvare.
Et Zephyri cava per calamarum sibila primùm
Agrestes docuere cavas inflare cicutas.
Inde minutatim dulces didicere querellas,
Tibia quas fundit digitis pulsata canentùm,
Avia per nemora, ac sylvas, saltusque reperta,
Per loca pastorum deserta, atque otia dia &c.*

He muy natural esta opiniaõ de Lucrecio, e delle aprendeo Escaligero tudo quanto escreveo da origem da Poesia: tratando da Bucolica, diz assim Poetic. liv. 1. cap. 4. in princip. *Vetustissimum igitur pocmatum genus ex antiquissimo vivendi more ductum esse par est: tria verò sæculorum genera: Pastoris, Venatoris, Arcatoris; & sanè Pastores, quàm Aratores, antiqui*
ma-

magis: videtur autem modulatio in passionibus inventa primum, vel naturæ impulsu, vel avicularum imitatione, vel arborum sibilis &c.

Estes primeiros homens, estes felices Pastores forão [como temos dito] os que descobrião a Poesia, e naõ contentes do socego da sua vida, e da innocencia do seu rustico divertimento, ajuntaraõ tambem a este a suavidade do canto, e a doçura dos versos; porque ensinados, e movidos do brando susfurro dos regatos, e das folhas das arvores, quando o vento suavemente as agita, e sobre tudo incitados do canto das aves, que habitavaõ os bosques, ou aquelles lugares sombrãos, onde recolhiaõ o gado, começaraõ tambem com a bocca primeiro a imitar o susfurro de hum som mal articulado, e depois agradando-lhes aquella voz com esta tal medição, e restricta a hum tal periodo, e interrompida com taes pausas, e humas vezes velozmente vibrada, outras lentamente produzida, entraraõ tambem com palavras formadas a distinguir aquella tal voz, que, propriamente fallando, era hum modello, ou huma fórma de verso: e porque nem todas as palavras lhes podiaõ caber, entraraõ estes balbucientes Poetas a descobrir humas taes, que unidas com outras se adequassem áquelle espaço de tempo harmonicamente dividido, e a medição deste se fazia com o ouvido. Depois com o exemplo do primeiro verso formando os outros ajudados do genio, e do natural engenho,

inho, prompto a inspirar os vocabulos, entraraõ a *improvizar*; isto he, a fazer versos de repente, como ainda hoje fazem aquelles, que saõ Poetas sómente por natureza. Isto entendendo eu que he o que quer dizer Aristoteles, quando disse: *Procreaverunt Poesim*; ainda que os criticos disputem larguissimamente sobre este lugar: porém eu figo ao eruditissimo Nifeli, que a todos se oppoem na sua grande obra dos *Proginnaſmi Poetici* tom. 5. Progin. 18. Desta doutrina se deduz, que a Poesia reconhece o seu principio no verso rithmico, e a sua perfeiçaõ no verso metrico. Nos primeiros tempos começou o versificar na invençaõ de dizer de repente; porque estes versos assim feitos sim tinhaõ hum certo ar de versos, mas naõ tinhaõ a precisa regra da mediçaõ metrica: distinguia-os propriamente a forma natural do canto, e naõ o artificio dos pés. Finalmente no cantar restringio-se a prosa meramente por instincto, e gosto humano em hum certo methodo locutorio, o qual como tempo, e com a arte se reduzio em versos regularmente compostos, do mesmo modo que o canto natural foy concertado em musica pelos mestres desta Arte. Esta doutrina he dos meliores criticos, e largamente a expende o celebre Patrizi *Poetic. Istorial* liv. 4. pag. 40. expondo as palavras de Aristoteles: *Cùm autem imitari nobis ex naturâ sit &c.* das quaes já fizemos mençaõ, copiando-as neste mesmo Capitulo. Corrobora-se isto com a authoridade

de de Quintiliano, liv. 9. cap. ult. dizendo: *Poema nemo dubitaverit imperito quodam initio fuisse, & aurium mensurâ, & similiter decurrentium spatiorum observatione esse generatum: mox ex eo repertos pedes. * Ante carmen ortum est, quàm observatio carminis.*

Nascida a Poesia nestas cabanas, e aldeyas entre Lavradores, e Pastores, passou ás Cidades a viver com melhor fortuna entre os Cidadãos. Receberaõ-na logo com grande veneraçãõ os Filósofos, e os Sacerdotes Egypcios, que naquella idade logravaõ a estimaçãõ de serem reputados pelos mayores sabios. Desprezaraõ-se os assumptos humildes, como eraõ os pastoris, e empregaraõ estes homens as suas Poesias em argumentos, e idéas proprias do seu caracter, e condiçãõ. Começaraõ a instruir, e doutrinar os póvos na Religiaõ, e na Filosofia explicada em verso, como tambem em pinturas, e esculpturas; porque conheceraõ, que a rusticidade do vulgo só por meyo das imagens sensiveis podia comprehender as verdades especulativas, e os attributos de Deos. Principiaraõ tambem logo outros Sabios a cantar as acções illustres dos heroes, e os louvores de Deos, e naõ menos a vituperar as más obras dos homens perversos. Assim o affirma o Filosofo no cap. 4. de sua Poetica, dizendo: *Foy pois a Poesia dividida pelos homens, segundo os seus proprios costumes: porque os mais magnificos representaraõ as excellentes acções feitas por outros semelhantes a elles; porém os*
de

de mais baixa condição compozeraõ cousas vís, obradas por outros, que as praticaraõ: huns representavaõ estas cousas, e outros compunhaõ hymnos, e encomios. Deste lugar de Aristoteles se vê, que a Lyrica, e a Satyra saõ as duas especies mais antigas desta Arte. Foy esta depois aperfeiçãoando-se, e nasceo a Epopea, a Tragedia, e a Comedia. As duas primeiras cantavaõ as acções dos homens illustres, e benemeritos, a outra as das pessoas vís, e de mediano estado. Claramente se infere disto, que a intenção, e fim da Poesia foy desde aquelles primeiros tempos, e ainda actualmente he, de cantar os louvores da virtude, e dos virtuosos, ou o vituperio dos viciosos; para que aprenda a gente a conhecer, que odio devem ter a estes, e amor aquella: e por consequencia saibamos, que a Poesia naõ he outra cousa mais, que huma filha da Filosofia moral, ou para melhor dizer, he a Poesia, e a Filosofia huma mesma cousa, ainda que expressada com dous differentes nomes. Parecerá isto muito a alguns, que apenas teraõ faudado esta Arte divina, e desejaráõ que os persuada. Maximo Tirio no seu Discurso 29. tratando desta materia, diz assim traduzido: *He a Poesia, e a Filosofia huma cousa sem dous nomes, mas na substancia naõ ha differença entre huma, e outra; como v. g. se alguém considerasse, que huma cousa era o dia, e outra o curso do Sol sobre a terra, assim do mesmo modo se pôde dizer da Poetica, e da Filosofia.* Por quan-

to que outra cousa he a Poesia, senão huma Filosofia mais antiga em tempo, numerosa pelas consonancias, e fabulosa pelos argumentos? E que outra cousa he igualmente a Filosofia, senão huma Poetica mais moderna em tempo, livre de harmonia, e mais larga nos assumptos? E por isso a differença, que entre si ha, só consiste na figura, e no tempo. O mesmo prova Estrabo no 1. liv. da Geografia para mostrar contra o parecer de Eraftotenes, que a Poesia fora inventada, não só para deleitar, mas igualmente para instruir; como largamente se póde ler em Muratori na sua estimadissima obra da Perfeita Poesia tom. 1. pag. 33.

Possuidores [como dissemos] os Egypcios deste thesouro da Poesia, e explicando-a, ou por meyo de versos em livros, ou pelo finzel em marmores, ou pelo pincel em taboas, fundaraõ diversas colonias, e introduziraõ nellas por meyo da Poesia, e das Fabulas os costumes da sua nação. Segundo o que escreve o insigne Gravina no seu Discurso Poetico liv. 1. n. 8., e o Padre Rapin na Comparação entre Homero, e Virgilio, seguindo ambos a Diodoro Siculo liv. 1. foraõ muitos Gregos ao Egypto, como Orfeo, Museo, e Homero, levados da fama, que adquiriraõ estes Sacerdotes. Com elles aprenderaõ, e voltaraõ para a Grecia com toda a doutrina daquelles Sabios occulta ainda nos mesmos véos; isto he, nos escuros enigmas de Fabulas, e imagens. Porém observando alguns Fi-
loso-

lofosos, que estas elcuridades eraõ muy prejudiciaes aos póvos; porque naõ penetravaõ pela sua ignorancia aquellas artificiosas invenções, e que em lugar de se aproveitarem com ellas, se radicavaõ na idolatria; resolveraõ-se a compor livros de sentenças, e preceitos mo-raes em lugar de Fabulas, e imagens, para melhor regularem os bons costumes. Assim o fizeraõ Hesiodo, Theognides, Phocilides, e outros muitos.

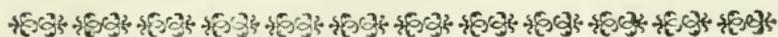
Este foy o nascimento, e estes os progressos da Poesia na Grecia; porèm depois que os Romanos se fizeraõ senhores deste Imperio, e como diz Horacio:

*Græcia capta ferum victorem cœpit, & Artes
Intulit agresti Latio.....*

Entrou esta Arte tambem em Italia juntamente com todas as sciencias dos Gregos vencidos. Melhorou a Poesia neste terreno, se dermos fé ao que diz Cicero Tuscul. quæst. liv. 1., o qual he de opiniaõ, que os Romanos, quando naõ tivessem vencido as invenções dos Gregos, as tinhaõ melhorado: *Omnia nostros aut invenisse per se sapientius quàm Græcos, aut inventa ab illis fecisse meliora.* Porèm o celebre Salvini oppoem-se a este lugar com todas as forças da sua critica nas Notas á Poetica de Muratori, e igualmente o Marquez Orsi no seu admiravel livro *Considerazioni sopra la maniera di ben pensare.* Padece isto huma grande difficuldade, principalmente li-
mitan-

mitando-se tal questaõ sobre a Poesia, e muito mais no tempo de Cicero, que naõ pode ler o Poema de Virgilio, do qual se disse o sabido verso: *Nescio quid maius nascitur Iliade*. O certo he [e o mesmo segue Luzan na sua Poetica pag. 14.] que naõ se descobrem bons fundamentos para seguir o partido de Cicero: pois que comparaçaõ póde fazer a rudeza [naõ digo eu a de Livio Andronico, que foy o primeiro Poeta Latino] mas a de Ennio, Pacuvio, e Lucilio com a grandeza, e magestade de Homero, com a suavidade de Anacreõte, com a elevaçãõ de Pindaro, com a naturalidade de Theocrito, com o artificio de Euripedes, e de Sophocles, e com a galantaria, e graças de Aristophanes? Quanto mais, que todos sabem, que a Poesia Grega foy o modello, e exemplar, que os Romanos tiverãõ para os seus versos, como largamente prova em muitas partes dos seus *Proginasmi Poetici* o insigne Academico Apatista Benedito Fioretti, conhecido pelo supposto nome de *Vdeno Nisiely*: vejaõ-se os indices dos cinco volumes desta sua obra taõ magistral. Virgilio na sua Eneada a mayor parte dos passos, que dá, he sobre os vestigios de Homero; nas Georgicas imitou a Hesiodo, ou a Empedocles, e nas Eclogas seguiu a Theocrito. Horacio foy o mayor imitador da Lyrica Grega, principalmente de Pindaro, e finalmente quasi todos os Comicos Latinos naõ foraõ mais que huns traductores das Comedias dos Gre-

Gregos. Veja-se a Vossio na sua Poetica, tratando dos fundamentos, porque os Gregos excedem aos Latinos, e devemos preferir aquelles a estes.



C A P I T U L O II.

Da Origem da Poesia vulgar.

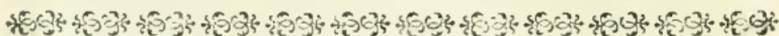
ANtes que o Imperio Romano principiasse a declinar, já havia começado a descahir a formosura da lingua Latina. O vulgo de Roma já no tempo de Cicero, que era o seculo de ouro daquella lingua, usava de huma linguagem pouco pura, e misturada com barbarismos, e sollecismos. Foy depois crescendo esta ruina do idioma Romano, assim pelo concurso de nações estrangeiras, que hiaõ a Roma, como pela invasão dos Godos, Hunnos, Herulos, Gregos, Longobardos, Francos &c., os quaes todos saquearaõ, e sonhorearaõ a infeliz Italia. Assim pouco a pouco o vulgo desta Provincia, alèm de adoptar muitos vocabulos estrangeiros, foy tambem alterando os seus proprios, que eraõ os Latinos, trocando as terminações das palavras, naõ menos estreitando-as, que dilatando-as, e corrompendo-as. Finalmente formou-se huma nova linguagem, que se chamava vulgar. Com a introdução desta

desta nova lingua cahiraõ juntamente com o Imperio Romano todas as Sciencias, e Artes; mayormente depois que os Godos, e outras nações Septemtrionaes invadiraõ a mayor parte de Europa. Como eraõ povos marciaes, e ferozes, desprezaraõ as letras, e nesta geral tempestade naufragou tambem a Poesia. Durou esta ignorancia, até que nas Cortes de Federico Suevo Rey de Sicilia, e de Roberto de Anjou Rey de Napoles, como eraõ Principes gloriosos Mecenas das Sciencias, e Artes, começaraõ a dar nova vida á morta Poesia os Provençaes, e os Sicilianos, estes com as suas *Canções*, e aquelles com as suas *Trovas*. Ha entre os criticos huma questãõ muy disputada, se os Provençaes, ou se os Sicilianos foraõ os primeiros restauradores desta Arte; porém como esta questãõ naõ pertence muito ao meu assumpto, naõ entro a discutilla; e se o leitor tiver curiosidade de se instruir nesta materia, pôde ler a *Historia della vulgar Poesia*, que eruditamente escreveo Joaõ Mario Crescimbeni hum dos primeiros eruditos de Italia neste seculo.

Destes Provençaes, ou dos Sicilianos, como he muito mais provavel, segundo diz Muratori *Della perfetta Poesia* tom. 1. pag. 7. he que procedeo em outras nações a Poesia vulgar. Assim o affirma Petrarca em huma Carta, que anda no principio dos livros das suas Epistolas familiares. Dando elle noticia das Obras que compozera, diz que humas eraõ em

em prosa, e outras em versos Latinos; e alè m disto *Pars mulcendis vulgi auribus intenta, suis & ipsa legibus utebatur, quod genus apud Siculos [ut fama est] non multis ante sæculis renatum, brevi per omnem Italiam, * ac longius manavit &c.* Entrou pois a Poesia em Hespanha, mas algum tempo depois que foy conhecida em Italia, a quem deveo este conhecimento, e não a Ausias Marc Poeta Valenciano, como erradamente affirmou Saavedra na sua *Republica literaria*, o que prova o erudito Luzan na sua *Poetica* pag. 16. mostrando que Ausias Marc foy posterior a Petrarca, e que assim este não podia furtar os conceitos deste tal Valenciano, como diz o mesmo Saavedra. Do mesmo erro o convence Tassoni no Commentario, que escreveu ás Rimas de Petrarca. De Hespanha passou a Poesia a Portugal, pouco antes do reinado de ElRey D. Diniz, que foy Principe muy dado ás Musas, e o primeiro (se me não engano) que compoz entre nós em verio fundado em alguns preceitos da Arte. Digo em alguns preceitos; porque ainda que haja noticia de algumas trovas de Authores anteriores, como v. g. *Se pensades, que me vom, non lo pensedes, que chantado em bos estom, e non me bedes*, são couças informes, e raras, que apenas ha memoria de outras, que não sejaõ de Egas Moniz. Como não escrevemos a Historia da nossa Poesia vulgar, não entramos a dizer quaes foraõ os progressos desta Arte em Portugal desde o

tempo de ElRey D. Diniz até ao de ElRey D. Joaõ III. em que floreceo Camões, e a mayor parte dos melhores Poetas Latinos, e vulgares, que tivemos.



C A P I T U L O III.

Da effencia, e definição da Poesia.

TEMOS dado succintamente a noticia da origem da Poesia, seus progressos, e invenção da vulgar, ou seja restauração desta mesma Arte nas linguas vulgares; resta agora, que entremos a especular os occultos mysterios desta Faculdade, e as suas especies; para o que nesta prolixa, e ardua navegação tomaremos por rumo a verdade, e as authoridades dos grandes Authores, discorrendo sem paixão, e com o livre espirito, que pede este assumpto; e quando não consigamos o fim que pretendemos, que he instruir a mocidade Portugueza nos preceitos da Poetica, sempre com tudo com este nosso trabalho acordaremos engenhos muito mais felices que o nosso, para que se resolvaõ a intentar esta mesma empreza, formando huma perfeita Arte, com a qual dem huma completa instrucção. Demos pois principio, fallando da effencia, e definição da Poesia.

Vulgarmente se toma por Poesia tudo o que

que se lê escrito em verso; e ainda que muitos Authores da melhor nota affirmem, que o verso he absolutamente necessario nesta Arte, como em feu lugar largamente expenderemos, com tudo o verso em rigor critico, não he outra cousa mais que hum instrumento da Poesia, e delle se val, como os Pintores dos pinceis, os Abridores do buril, e os Escultores do finzel. Se attendermos para a etymologia Grega, soa a Poesia o mesmo que *feitura*, e Poeta o mesmo que *creador*, talvez para que se conheça neste nome, que a essencia desta Arte he a imitação das cousas, com as quaes criação elles novas imagens, e se fazem deste modo como creadores; e até póde ser que alludissem tambem a isto os antigos Provençaes, quando chamaraõ aos Poetas *Trovadores*, isto he, *Achadores*. Ouçamos ao Padre Donato na sua excellente Poetica in princ. *Sed quamvis omnes artifices, materiam quisque suam elaborando, sint effectores; tamen Poetæ nomen sortiti non sunt, quod primum sibi fecit carminum scriptor, qui imitando rerum veluti simulacra conformat. Ut vel ex ipso nomine ingeniosa Poetæ machinatio, actionumque verisimilis constructio deprehendatur. Nam huic arti aliæ artes collatæ nihil quodammodo faciunt.*

Porèm como esta questão he de Grammaticos, seja qual for a etymologia desta palavra; o que he certo, segundo a opinião dos melhores Authores, he que consiste a essencia da Poesia na imitação da nature-

za; tanto que Aristoteles na sua Poetica degradou da classe de Poetas aos que não imitam, dizendo que se compozerem hum Elegia, ou hum Poema sem imitação, não devem estes ter o titulo de Poetas, mas sim o de Authores de Elegias, e de versos heroicos. Veja-se a Paulo Beni *Poetic. Aristot.* partic. 2. pag. 56. e partic. 33. pag. 183., e sobre tudo recorra-se á Poetica de Mazoni liv. 3. cap. 69. onde discorre diffusamente da imitação, e em particular de quantos modos se pôde considerar a Poesia.

Esta determinação de Aristoteles, que acima dissemos, tem padecido grandes criticas, por usar de hum termo tão geral, como he a imitação, o que não explica bem a essencia da Poesia, antes se confunde com a Pintura, e Escultura, e ainda com a Musica, e Baile, que tambem imitaõ. Porém doutamente o defende Alexandre Piccolomini sobre a Poetica do Filosofo partic. 131. temperando de algum modo a sobredita severidade da imitação, e reduzindo a intenção de Aristoteles a este especialissimo sentido, de que o Poeta entaõ verdadeiramente perde o nome, e a honra de tal, quando elle despindo-se do habito de Poeta falla não como narrador, mas como interessado, e juiz das cousas narradas, invocando, propondo, exclamando, aconselhando, proferindo alguma sentença sobre o que diz, inferindo algum corollario, chorando a miseria humana, detestando a fortuna, e lou-

e louvando alguma virtude, segundo a occasião. Isto [continúa este Author] he o que quiz dizer Aristoteles, affirmando, que o Poeta Epico rarissimas vezes deve fallar em a sua propria pessoa; porque fazendo tal, não ha imitação. Não se deve entender esta doutrina, quando o Poeta narra, conservando a sua pessoa no habito de Poeta; pois quando elle narra deste modo, imita ao mesmo tempo. Quem dirá, tendo bom juizo, que não ha imitação na descripção, que faz hum Poeta de huma tempestade, de hum successo de armas, da expugnação de huma Cidade, da acção de hum valente, de hum fraco, de hum colerico &c. ainda que o Poeta falle como tal, e na sua propria pessoa?

De sorte que segundo esta exposição de Piccolomini, Aristoteles não reprova poder o Poeta algumas vezes, se bem que rarissimas, narrar sem interposta pessoa. O mesmo segue Donato no fim da vida, que escreveu de Virgilio, dizendo, que ha tres generos de estylo na Poesia: hum he imitativo, a que os Gregos chamaõ *Dragmaticon*, no qual não falla o Poeta, mas introduz pessoas, que fallem, como são as Tragedias, e Comedias: outro he narrativo, chamado pelos mesmos Gregos *Diegematicon*, no qual falla o Poeta sem interposta pessoa, como são os versos de Lucrecio: e o outro he commum, ou mixto, a que os Gregos chamaõ *Milton*, no qual o Poeta não só falla alguma vez, mas introduz pessoas,

foas, que fallem, como he a Eneada de Virgilio.

Porèm eu seguindo a doutrina do insigne Patrizi, por me parecer a mais acertada, digo, que Aristoteles não definio bem a Poesia com o só termo generico de imitação, fazendo-a sujeita áquelles mesmos termos, que nas Escólas se chamaõ transcendentés, e analogos. A Poesia toda não he imitação, porque os 38 livros, ou Poemas de Orfeo nenhuma imitação tem, como tambemos 18 de Homero, exceptuando 7, e menos os 9 de Hesiodo, dos quaes muitos nem ainda contém em si Fabula. Antes que se pozesse no theatro a Tragedia, a Satyra, a Comedia, e outras semelhantes, não havia imitação na Poesia, ou era esta rarissima. Diz Aristoteles, que o Poeta imita por meyo do fallar; ao que digo, que tambem o Orador, e outros muitos, que não são Poetas, fazem essa mesma imitação de palavras; e se a imitação faz ser Poeta, Demosthenes, Cicero, Livio, e Sallustio o foraõ; porque imitaraõ igualmente por meyo de palavras. Quanto mais: se unicamente a imitação fizesse o Poeta ao menos mais perfeito, do que não seria o Poetizante sem imitar, seria sem duvida alguma a Poesia Comica, a Mimica, e a Satyrica de mais valor, e preeminencia, que a Heroica, a qual nem sempre imita. Leaõ-se sobre este particular, porque não queremos ser prolixos, as Lições Poeticas de Angelo Segni, as de Var-

Varchi, e a Poetica de Viperani liv. 1. cap. 8.

Admittido pois, que a doutrina de Aristoteles, em que faz ser a imitação a unica essencia da Poesia, por ser hum termo muy generico, se não deve admittir, como não admittiraõ gravissimos Criticos, resta definir-mos esta Arte. Definio-a Antonio Minturno, dizendo no 1. liv. da sua *Arte Pectica*, ser a *Poesia Humana imitação de varias classes de pessoas em diversos modos, ou com palavras, ou com harmonia, ou com tempos, separadamente, ou com todas estas cousas juntas, ou com parte dellas.* O douto Luzan critica esta taõ diffusa definição, e justamente, dizendo, que della excluire huma grande parte de objectos, que póde imitar, e pintar a Poesia, como são os brutos, e innumeraveis cousas inanimadas; pois só deu por objecto desta Arte *varias classes de pessoas.* Diomedes fez outra definição da Poesia, dizendo ser *Fictæ, veræve narrationis congruenti rhythmo, vel pede, composita metricâ structurâ ad voluptatem, utilitatemque accomodata:* porém a esta definição ainda faltaõ cousas, como mostraremos na que logo abraçarmos. Paulo Beni *Poetic. Aristot. partic. 2. pag. 49. e 55. e partic. 5. pag. 66. e part. 33. pag. 183.* diz assim: *Poesis est oratio non exiguæ magnitudinis actionem imitans, quâ non sine magnâ jucunditate ad virtutem excitentur, & ad benè, beatèque vivendum dirigantur mortales.* Porém esta definição tambem não deve satisfazer a hum bom juizo critico; porque não ha razaõ (co-
mo

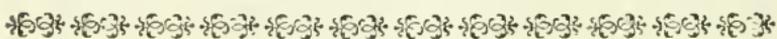
mo aponta o douto Luzan pag. 31.) para que a effencia da Poesia haja de depender *da menor, ou mayor extensaõ*, nem para se dizer, que *imita alguma acçaõ*; pois com isto se exclue tudo o demais, que imita esta Arte distincto da acçaõ; e sem fundamento degrada da honra de Poetas a muitos, principalmente Lyricos, que nas suas obras naõ imitaraõ acções humanas. Quem nesta materia dá muita luz, he o Padre Donato Poetic. pag. 7. dizendo laticonicamente, que a Poesia he *Imitatio facta carmine*. Nesta definição [diz elle] ha duas partes, huma como genero, outra como propriedade, ou differença; e a imitação he genero commum para tudo; porque as Artes de pintar, de fingir, e de esculpir &c. são imitações: pois com a similhança de imagens imitaõ cousas verdadeiras. Nesta parte concorda a Poesia com estas, e outras Artes; porém aquellas palavras *facta carmine*, envolvem huma propriedade taõ particular, que separa a Poesia de todas as mais Artes. Deve-se advertir, que por *carmine* se naõ ha de entender só aquella oraçaõ, que está ligada a numeros, mas tambem tudo o que concorre para se formar bem o verso: isto he, aquella liberdade de fingir, e de fallar junta com huma narraçaõ promiscua do falso, e do verdadeiro, alèm dos tropos, figuras, frequente energia, ou evidencia, e finalmente com aquella locuçaõ, que diz Cicero de Oratore: *Locutione alienæ cujusdam lingue*. Com esta

expo-

exposição he muito boa a definição de Donato; porém como he muy laconica em si, e poderá não se fazer perceptivel, seguirey em parte a de Luzan, que tenho pela melhor de todas as que tenho lido, que rara he a que não diffira huma da outra; e não as transcrevo, por não ser mais prolixo do que tenho sido; sendo que para instruir principiantes tudo he preciso. Diz pois este erudito Author, que a Poesia he *Imitação da natureza no universal, ou particular feita em versos para utilidade, e para deleite dos homens*. Diz em primeiro lugar *imitação da natureza*, porque he o genero da Poesia. Toma-se aqui *imitação* na sua analogia, e mayor extensaõ; porque tambem em sentido analogo quer comprehender na classe de Poetas a Hesiodo, Arato, Nicandro, Virgilio nas Georgicas, e outros muitos, ainda que nesta materia ha tanta opiniaõ, que se confunde o entendimento: porém Beni na Poetica, e no commento ao Tasso patrocina a causa destes Poetas com razões, que convencem. Diz em segundo lugar *No universal, ou no particular*; porque a estas duas classes de *Icastica*, e *Fantastica* se póde reduzir a imitação, pois ou as cousas se pintaõ, ou imitaõ como ellas em si saõ, e esta he a Icastica, e imitar o particular; ou como ellas saõ, segundo a idéa, e opiniaõ dos homens, e esta he a Fantastica, e imitar o universal. Diz mais *Feita em versos*, afinando o instrumento de que se serve a Poesia para a distinguir das

outras

outras Artes imitadoras, que não podem ter este instrumento. Esta doutrina he a mesma de Donato, como acima escrevemos, dizendo: *At illæ voces * facta carmine rectè explanatæ peculiarem involvunt proprietatem, quâ Poesis ab aliis artibus separatur.* Eis aqui que com esta distincão podemos reconciliar a doutrina de Patrizi no seu *Parecer a Bardi*, de que acima fizemos menção, e a de Escaligero *Poetic.* liv. 6. pag. 2. ibi: *Imitatio est in omni sermone.* Finalmente diz *Para utilidade, e deleite dos homens*; porque estes são os fins, que pôde ter hum Poeta; e o Capitulo, que se segue, servirá de illustração a estas palavras.



C A P I T U L O IV.

Do fim da Poesia.

NÃO pôde entrar em duvida, que o principal fim da Poesia não seja o ensinar o povo, e servir-lhe de utilidade. Por isso os primeiros Poetas, Orfeo, Musco, Homero, e Hesiodo se empenharam em ser uteis, se houvermos de dar credito a Aristophanes na sua Comedia das *Rans*. Com tudo, ainda que todos os Poemas, regularmente fallando, devam encaminhar-se á utilidade de quem os ouve, ou lê; com tudo isso, alguns foram destinados pela Politica, ou Filosofia moral para

para instruir algumas determinadas pessoas. Os Poemas heroicos accendem os Capitães, e guerreiros ao amor da gloria, e das emprezas illustres, com o exemplo dos heroes, e homens famosos. Pelas Tragedias se refrea a soberba dos Principes, dos poderosos, e dos ricos, expondo-lhes os casos atrozes de outros da sua condição, sujeitos ás desgraças, e castigados pelo braço da justiça divina, ou humana. O vulgo, e tambem o povo igualmente aprende das Comedias a emendar os seus costumes, e a contentarse com o seu proprio estado, vendo nos defeitos alheios bem representados, e que promovem a riso, a correcção dos seus proprios. Finalmente da Poesia Lyrica, da Satyrica, e de outras similhantes obras toda a gente póde aprender a louvar a Deos, e aos homens bons, e não menos a vituperar os vicios, e os homens máos.

He pois evidente, que a Poesia em todas as suas especies se encaminha a aproveitar os povos, e que ella não he mais que huma Filosofia moral vestida com mais pompa, e galhardia. Diz Horacio na sua *Poetic.*

..... *Fuit hæc sapientia quondam*
Publica privatis secernere, sacra profanis,
Concubitu probibere vago, dare jura maritis,
Oppida moliri, leges incidere ligno.
Sic honor, & nomen divinis Vatibus, atque
Carminibus venit &c.

Da allegoria destes versos se vem a conhecer, que

que os Poetas foraõ dos primeiros legisladores dos costumes, e os primeiros Sabios, e Filo-
 fofos da antiguidade, ensinando, e instruindo os póvos com a Filosofia moral, explicada nos seus versos. Continuando porèm a nos-
 sa materia do fim da Poesia, nos achamos em hum grande embaraço sobre se o fim primario dos Poetas he o deleitar, ou o instruir. He esta huma questãõ (como ,quasi todas da Poesia) em que os mayores homens nesta Arte estaõ discordes. Diz Horacio *Poetic.*

*Aut prodesse volunt, aut delectare Poetae,
 Aut simul, & jucunda, & idonea dicere vitæ.*

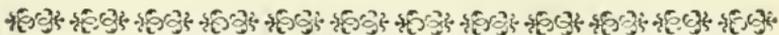
Naõ póde agradar esta doutrina a hum bom juizo critico; porque poz Horacio em duvida, e dividio em duas partes o que he certissimo, e hum só. Qualquer ordinario Filosofo sabe, que naturalmente qualquer amante sempre se encaminha ao fim da bemaventurança; isto he, ao que elle imagina ser sua felicidade. [Fallo mais como Filosofo natural, que Christãõ] Naõ se póde chegar a este fim sómente pelo caminho do delectavel, mas sim do util; porque naquelle póde ser enganado, e neste nunca póde haver engano. E se Plataõ nos Dialogos do amor 10. de Republ. diz, que a Poesia sempre olha para o deleite, diz isto para servir á razãõ da Dialectica, á da opiniaõ do povo, e naõ á sua: e tanto he assim, que sempre celebra os bons Poetas, e manda, que os máos sejaõ degradados; o que
 naõ

naõ diria, se na Poesia preferisse o delectavel ao util, e entendesse, que podia haver bom Poeta unicamente delectando. Devemos pois affentar (e nisto concorda a mayor parte dos votos dos melhores Authores) que o Poeta com a boa imitaçãõ ha de fer util, e delectavel, como mais advertidamente affirmou o mesmo Horacio, dizendo na sua *Poetic.*

*Omne tulit punctum, qui miscuit utile dulci,
Lectorem delectando, pariterque monendo.*

Póde-se dizer, que a Poesia, ou a Poetica, em quanto he Arte imitadora, e compositora de Poemas, tem por fim o delectar; e que em quanto he Arte subordinada á Filosofia moral, ou Politica, tem por fim o utilizar a alguém. Com esta doutrina, que he do insigne Muratori, se vê, que a mesma cousa considerada de differente maneira tem dous fins diversos; isto he, a utilidade, e o delecte. A Poesia considerada em si mesma procura causar seu delecte, e considerada como Arte sujeita á faculdade civil toda se emprega em causar utilidade. E como quer que esta tal faculdade seja a que encaminha todas as Sciencias, e Artes á felicidade eterna, á temporal, e ao bom governo dos povos, por isso a verdadeira, e perfeita Poesia deveria sempre igualmente delectar, que utilizar a huma Republica. Quem com a boa imitaçãõ Poetica naõ delecta, pecca propriamente contra huma intençaõ da Poesia; e quem imitando, e delectando,

tando, não he igualmente causa de que o povo se aproveite, e se instrua, pecca gravemente contra outra precisa obrigação desta Arte; e por isso só disse bem Horacio, dizendo: *Lectorem delectando, pariterque monendo*; e não: *Aut prodesse volunt, aut delectare Poetae*. A' vista do que temos dito se segue tambem, que muito mal fundada he a opiniaõ [como infinitas outras] do Author Anonymo de huns livros modernos escritos em Portuguez, intitulados: *Verdadeiro methodo de estudar &c.* onde na Carta Poetica affirma, que o fim da Poesia he só o deleite.



C A P I T U L O V.

Da imitação, e do objecto da Poesia.

COMO na definição se disse fer a Poesia imitação da natureza no universal, ou no particular, he justo, que com a clareza possível expliquemos diffusamente esta parte da nossa definição para mayor intelligencia. Já dissemos, que a imitação he hum nome generico, na qual se comprehendem muitas especies diversas, pelos instrumentos com que imitaõ, representaõ, ou pintaõ; porèm a circumstancia, pela qual a Poesia se distingue das outras Artes, he a qualidade da imitação, a qual (segundo Paulo Beni he) *Humana*
narra-

narracão, com que hum representa a outro, ou por meyo das acções, ou pelo da voz. Esta authoridade he fundada em outra de Plataô. Porém de qualquer modo, que entendamos este termo de *imitaçãõ*, he certo, que não ha cousa mais natural no homem do que a imitaçãõ, a qual até se observa nas crianças, brincando na sua primeira idade. Eu entendo por *imitar* poeticamente aquella acçãõ, com que muitas vezes fallando de tal modo, se veste huma coufa de imagens, e se exprime com pensamentos, ou bellos, sensiveis, claros, novos, ou evidentes, que o entendimento a percebe sem trabalho, especialmente por meyo da fantasia, e fica tendo hum gosto taõ particular, que nos parece, que estamos vendo a tal coufa. Por esta razãõ chamo *pintar*, e *imitar*, aquella acçãõ, com que hum Pintor veste de cores, e de sombras proporcionadas huma coufa de tal maneira, que aos olhos lhes parece, que estaõ vendo naquella imagem a mesma verdadeira.

Ora isto, que o Pintor faz com as suas cores aos olhos exteriores do corpo, pôde tambem por meyo das imagens fazer o Poeta aos olhos internos da alma. Ambos pintaõ, e ambos imitaõ os objectos; porém com esta differença, que o Pintor quasi que não pôde pintar mais do que aquillo, que se pôde vêr; mas o Poeta pôde pintar tambem as coufas sujeitas ao sentido, como logo direy, tratando do objecto da Poesia. Esta pintura pois,
e esta

e esta representação he a que se chama imitação Poetica, e que he a essencia da Poesia.

Sendo esta Arte [como se tem visto] huma imitação da natureza, resta agora dizer, que he dilatadissimo o seu objecto, ou, para melhor nos explicarmos, que tem hum numero infinito de objectos, em que possa exercitar-se. Para mayor percepção se ha de suppor (como fez o inligne Muratori) que se podem dividir todos os entes creados, e increados em tres mundos, tomando a voz de *Mundo* por huma uniaõ de muitos ornatos. O primeiro mundo he o *Celeste*, o segundo o *Humano*, e o terceiro o *Material*. Por mundo material, que tambem se póde chamar mundo *inferior*, se entende tudo o que he formado de materia, ou corpo, como v. g. os Elementos, o Sol, os corpos humanos, as flores, e finalmente tudo o mais, que está sujeito aos nossos sentidos. O mundo celeste, ou *superior* comprehende tudo o que não tem corpo, nem materia, como he Deos, os Anjos, e as Almas separadas dos corpos. O mundo humano, ao qual podemos chamar *mundo do meyo*, participando do superior, e do inferior, comprehende, e abraça tudo o que he corpo, e juntamente alma racional; isto he, todos os homens, que se encerraõ no mundo material. Todos estes tres mundos, ou Reinos da natureza contém em si infinidade de varias, e diferentes verdades, as quaes são, ou podem ser o objecto, e o sujeito da Poesia.

Verda-

Verdade he, que tambem a Mathematica, a Theologia, e a Filosofia moral tem por objecto estas verdades; porèm a Mathematica só busca as do mundo material, a Theologia as do celeste, e a Filosofia moral as do humano: mas a Poesia trata, e comprehende todas as verdades destes tres mundos. Esta vastidaõ de objectos concedida á Poesia he que a distingue das sciencias, como tambem o seu fim. Estas consideraõ a verdade para a saber, e entender; e a Poesia a considera para a imitar, e pintar, como acima se disse. Aquellas procuraõ conhecer a verdade, esta só busca o representalla. Por isso algumas verdades; as quaes naõ he possivel imitar, ou pintar na fantasia alheya, naõ saõ proprias dos Poetas; como v. g. as verdades da Mathematica especulativa, da Metaphysica, e da Arithmetica, as quaes saõ taõ abstractas, que o Poeta naõ as póde pintar, representar, ou imitar com imagens sensiveis, e palavras intelligiveis: Sim se pódem communicar aos entendimentos alheyos com palavras, e aos olhos com numeros, e linhas; mas naõ he possivel pintallas, e vestillas daquellas cores, que fazem vêr as cousas á fantasia do homem.

Dada esta differença, que ha entre o objecto das Sciencias, e o da Arte Poetica, brevemente diremos qual he tambem a que se dá entre a Poesia, a Oratoria, e a Historia. Ainda que estas duas nobres Artes representaõ a verdade, naõ menos que a Poesia, com tu-

do a Oratoria a pinta para a persuadir , e a Historia a pinta sempre como ella he , encaminhando-se ao fim de instruir. Pelo contrario a Poesia pinta , e representa de huma parte a verdade , ou como ella he , ou como poderia , e deveria fer ; e de outra a pinta com o fim de imitar , e de causar instrucção , e deleite com esta imitação , enchendo a fantasia alheya de maravilhosas imagens. Por isso com expressiva metaphora commumente se chama a Poesia *Pintura* , *que falla* , e a pintura *Poesia muda*. Assim o deu a entender Horacio na sua *Poetic*. Thomé de Burguilhos (ou Lope de Vega , como he mais crível , disfarçado com este nome) em hum dos seus Sonetos chamou engenhosamente á Poesia Pintura dos ouvidos , e á Pintura Poesia dos olhos , dizendo :

*Marino gran Pintor de los oidos ,
Y Rubens gran Poeta de los ojos &c.*

Mas já antes Petrarca havia dito quasi o mesmo , louvando a Homero com o epitheto de *Pintor* ; e verdadeiramente o foy insigne em descrever vivamente os objectos materiaes.

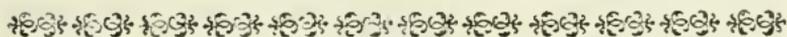
Primo Pittor delle memorie antiche &c.

Camões ao mesmo intento cant. 7. Est. 76.

*Feitos dos homens , que em retrato breve
A muda Poesia alli descreve.*

E no cant. 8. Est. 41. diz :

*E como a seu contrario natural
A' Pintura, que falla, querem mal.*



C A P I T U L O VI.

Da imitação do universal, e do particular.

ESta imitação explicaõ varios Authores com palavras, que só servem de augmentar a confusaõ. O insigne Vicente Gravina no seu *Discurso Poetico* liv. 1. n. 4. a distingue, seguindo a Plataõ, em *Icastica*, e *Fantastica*. O mesmo segue Monfignani *Imitat. Poetic.* sec. 2. dizendo ambos, que a imitação *Icastica* corresponde á imitação do particular, e tem por objecto todas as acções, e cousas, que procedem da natureza, ou da Arte, e naõ menos da Historia, que da invenção de alguém. A *Fantastica* corresponde á imitação do universal, e tem por objecto tudo o que naõ existindo per si, tem novo ser, e vida, nascendo da fantasia do Poeta, quando entra a inventar novas cousas, ou acções semelhantes ás historias, que se bem naõ succederaõ, podiaõ succeder.

O Padre Donato, seguindo a mesma doutrina de Plataõ, a explica de outro modo na sua *Arte Poetica* pag. 5. Usaremos das suas mesmas palavras: *Celebris verò est ex Platone imitationis divisio in Icasticam, & Phantasticam.*

Icastica, seu *assimilatrix rei expressæ æqualem usquequaque componit imaginem. Phantastica et si non æquat, certo tamen intervallo, aliisque de causis videtur æquare. Ut cum statua Principis ipso maior è fastigio fabricæ eidem apparet equalis.* Assim como pois a Icastica tem por objecto a verdade, assim a Fantastica tem a ficção por seu sujeito. Cicero de *Invention.* liv. 2. fallando da admiravel pintura de Zeuxis, que representava a imagem da famosa Helena dos Gregos, diz assim: *Neque enim putavit [Zeuxis] omnia quæ quæreret ad venustatem, uno in corpore se reperire posse; ideo quod nihil simplici in genere omnibus ex partibus perfectum natura expolivit.* Quiz Zeuxis pintar a singular formosura de Helena, e não se contentou de copiar a imagem formosa de alguma particular mulher. Deu na idea de ajuntar todas as que eraõ mais bellas, e de cada huma foy tomando aquella parte, que lhe pareceo mais perfeita; e assim formou o retrato de Helena, ou para melhor dizer retratou nesta mulher a mesma belleza. Eis aqui nesta pintura hum exemplo da imitação fantastica, em que a ficção he objecto; porèm se Zeuxis retratara a formosura de Helena como ella em si era, e não pela idéa, e capricho, segundo o verosimil, fazia entãõ huma imitação Icastica, pois tinha por objecto a verdade.

Este he o modo, que descubro mais claro para explicar, que cousa he a imitação do universal, e do particular, que nos Authores he

he cousa bastantemente confusa; e tanto, que alguns não fizeraõ della menção para não se embarçarem, e confundirem neste labyrintho. O Padre Donato, acima allegado, tratando desta materia, quando poema tua divisaõ, e a explica, acaba o Capitulo, dizendo: *Scio hæc suis implicita nodis aliter ab aliis explicari, &c.*

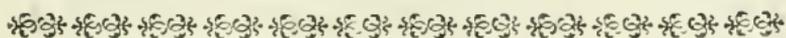
Desta imitação Icastica, e Fantastica nasce entre os Authores outra questaõ, e he, qual destas imitações se deve preferir na Poesia. Huns dizem, que a Icastica pertence aos Historiadores, e a Fantastica aos Poetas. Não he debil o fundamento, em que se fundaõ os que particularizaõ a Fantastica para a Poesia. Na etymologia desta Arte he que estabelecem a sua opiniaõ; pois, como diz Donato: *Poesis à * faciendo nomen invenit*: e Escaligero igualmente com Vossio, dizem: *Nimum [Poetæ] Dei instar res velut condant*. Soando pois a palavra Poesia, e Poeta o mesmo, que *factura*, e *factor*; dizem muitos, que o Poeta só he tal, quando cria com o seu engenho, e fantasia novas fabulas, e não quando refere as cousas já inventadas por outros. Assim o affirmou Plataõ, dizendo no seu Phedon: *Que o Poeta para ser tal, he preciso, que componha fabulas, e não discursos.*

Esta mesma doutrina se lê na Poetica de Aristoteles, como diz Vossio *Poetic. cap. 1. pag. 5. 6. &c.* Outros Authores porèm são de parecer, que basta a imitação Icastica pa-

ra se lograr dignamente o nome de Poeta; porque (segundo a sua opiniaõ) se não pôde haver Poema sem metro, e o pôde haver sem imitaçaõ, disto se segue ser muy verosimil, que o Poeta toma o nome de tal por metrificicar, e não por imitar. Assim o affirma Escaligero na sua *Poetica*, e na Declamaçaõ, que fez contra os calumniadores da Poesia, não receando escrever, que: *A Poesi Historiam nihil differre nisi modo dictionis*. Se isto assim he, não pôde o Poeta deduzir o nome de *compor*, e *fingir fabulas*, como com muitos quer Plataõ, e Aristoteles, segundo já dissemos.

Entre estas duas encontradas opiniaões ha outra, que degrada da Poesia toda a imitaçaõ Fantastica, pertendendo mostrar, que he inutil; e que tó a Icastica se deve admittir, pois he proveitola, por ter a verdade por objecto. O quenós nesta materia seguimos he, o que dissemos na definiçaõ desta Arte, dizendo, que admitte tanto huma, como outra imitaçaõ; porque segundo o sabio Muratori, todas as cousas dos tres Mundos, *celeste*, *material*, e *humano* pôdem ser objecto da Poesia. Pôdem-se estas considerar, ou como em si saõ, e em cada individuo, ou tambem como saõ naquella idéa universal, que formamos das cousas; e esta vem a ser hum original de quem saõ copias os individuos, ou particulares. Lea-se a Luzan *Poetic.* pag. 42. onde com varias razões, e reflexões prova, que se

se deve usar, e admittir na Poesia huma, e outra imitação do universal, e do particular.



C A P I T U L O VII.

Do furor da Poesia.

TRES são as causas efficientes da Poesia, Enthusiasmo, Natureza, e Arte. Poetas de Enthusiasmo são aquelles, que excitados por disposição divina cantão em versos cousas futuras, e mysteriosas: taes são os Profetas, e foraõ as Sybillas. Poetas de Natureza são os que poetizaõ mais por natural genio, que por estudo artificial; como especialmente foraõ Lucrecio, e Ovidio. Poetas de Arte, chamaõ-se aquelles, que naõ tendo propicio o vento, que sópra a natureza, vaõ para navegar forcejando com os remos da arte. Destes tem havido muitos, entre os quaes contaõ os Criticos a Estacio, Lucano, e Persio.

Do Enthusiasmo, ou furor poetico fazem os Poetas particular menção, suppondo-se quando poetizaõ, que se arrebatãõ, como dotados de virtude sobrenatural. Estacio no principio da Thebaida, diz: *Pierius menti calor incidit* &c. Ovidio de Ponto liv. 3. Elig. 4. *Ista Dei vox est: Deus est in pectore nostro. Hoc duce prædico, vaticinorque Deo.* O mesmo diz
nos

nos *Fastos* liv. 6. de *Arte amandi* liv. 3., e na 3. liv. *Amorum* Elig. 4. Tambem Cornelio Severo in *Æthna*. . . . *Per insolitum Phæbo duce cautius itur*, e Hesiodo na *Theogonia* vers. 94. *A Musis, & eminus feriente Apolline viri cantores sunt super terram. . . . ille verò beatus quemcumque Musæ amant; suavis ei ab ore fluit vox.*

Cicero em diversos lugares das suas Obras trata do furor Poetico; como na Oração Pro Archia, no 1. liv. *Tuscul. de Divinat.* liv. 1. e no 2. de *Orat.* dizendo: *Sæpe audiivi Poetam bonum neminem [id quod à Democrito, & Platone in scriptis relictum esse dicunt] sine inflammatione animorum existere posse, & sine quodam afflatu quasi furoris.* Finalmente Aristoteles na *Poetica* 166. deixou escrito: *Poetica est hominis ingeniosi, aut furiosi: honorum enim hi quidem facile formantur: hi autem facti sunt ad inquirendum:* e na sec. 30. dos *Problem.* n. 1. attribue a causa do Enthusiasmo á *atra bilis* esquentada, e como maniaça; e desta he que diz procediaõ os *Bacchantes*, e as *Sybillas* da antiguidade.

Porèm muitos, e graves Authores negão este furor Poetico, como he Castelvetro sobre a *Poetica* de Aristoteles pag. 65. 180. e 374. Paulo Beni *Poetic.* partic. 88. pag. 424., e Vdeno Nisfiely tom. 5. *Progin.* 21. E na verdade mais força me fazem as razões destes, que as de Parrizi, que por capricho quiz seguir o contrario. Não se nega, que no Poeta haja este furor; nega-se sim, que seja dom
de

de Deos, e hum caracter especial dos Poetas, como vindo, e procedendo de causa sobrenatural; porque he cousa naturalissima o poder-se conseguir com a Arte este Enthusiasmo.

He certo que para o Poeta crear as imagens poeticas he preciso primeiro agitar a fantasia; e nenhuma outra cousa he o Estro, ou furor poetico, senão esta forte agitação, com que occupada a fantasia imagina cousas raras, estranhas, e maravilhosas sobre qualquer objecto, que se propoem.

Muitas são as causas deste movimento da fantasia, assim como são muitos, e diversos os seus effeitos. Por obra divina pôde-se agitar a fantasia; e daqui nascem os extasis, as visões, os sonhos, e as revelações sobrenaturaes; porém eu restringindo-me ás cousas naturaes, digo, que estas procedem, ou por parte do corpo, ou tambem pela da alma. Por parte do corpo agita-se fortemente a fantasia, ou pelo demasiado comer, e vinho, ou por causa de febres, de frenezis, e especialmente de melancolia: e a experiencia todos os dias nos está mostrando o quanto nos embriagados, nos febricitantes, nos hypocondriacos, e nos freneticos he violenta a commoção das imagens internas da fantasia. Agita-se igualmente esta por parte da alma, pelas violentas paixões, como v. g. dor, ira, amor, e outras semelhantes; como tambem a estimação, o desprezo, o pavor, o deleite, a compaixão, e outros movimentos internos.

Quem

Quem bem reflectir, sentirá, que a principal força destes movimentos do animo se faz na fantasia, á qual, quando elles reinaõ em nós, se representaõ mil imagens novas, estranhas, e maravilhosas. E taõ vulgar cousa he a violencia da fantasia movida pelos affectos, que muitas vezes fica o entendimento opprimido, sem poder exercitar o seu imperio, nem fazer hum recto juizo das cousas, como ensina Aristoteles no 7. liv. da *Ethica*.

Assentado isto assim; para a fantasia se encher de furor, he preciso, que o Poeta em si mesmo acorde algum affecto sobre a materia, que se lhe propoem, considerando-a em fórma de bem, ou de mal, de nobre, ou de vil; isto he, quando a mesma materia per si mesma naõ tenha primeiro gerado no nosso animo algum destes differentes movimentos, como succede aos Poetas namorados. Depois deverá escolher da fantasia aquellas imagens, que lhe parecerem, ou mais bellas, ou mais magestosas, ou mais vís, ou mais ridiculas, ou mais terriveis, e em huma palavra, aquellas, que melhor poderem exprimir a qualidade da materia, de que quer tratar.

Ora assim como he certo, que nós naturalmente podemos acordar em nós os affectos, e que qualquer objecto, que se nos propoem, se move, ou se póde mover para amor, ou ira, ou medo, &c. assim igualmente he certissimo, que toda a materia póde agitar de qualquer maneira a nossa fantasia, e por consequen-

quencia inspirarnos o furor , e enriquecernos de huma grande abundancia de imagens.

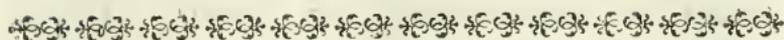
Tenha por tanto o Poeta cuidado em mover com a Arte algum affecto para a materia, que pertende tratar: introduza a alma na sua fantasia , e mande-lhe , que considere todas as qualidades , circumstancias , e adjunctos ; que ella movendo-se com vehemencia , e por força por meyo do affecto , formará novas , e maravilhosas imagens , das quaes em seu lugar trataremos diffusamente , apontando exemplos , que fação capacitar melhor o leitor da verdade desta doutrina.

Eisaqui como o Enthusiasmo , ou furor poetico não procede de causa sobrenatural , mas sim natural ; e como se prova , que este Estro se pôde adquirir com a Arte ; e que considerado como os antigos Poetas o consideravaõ , fica sendo hum sonho procedido da vangloria para se exaltarem por entendimentos divinos , e por taes serem cridos na opiniaõ do povo. Nem obstaõ as palavras de Plataõ , dizendo em muitos lugares , especialmente , no *Ion* , que *todos os Poetas mais insignes , sabem fóra de si não por Arte , mas por divina inspiração , quando cantai os seus Poemas ; e que os não pôdem cantar , se não estaõ fóra de si , arrebatados em extasi , e cheyos de divindade ;* porque este Enthusiasmo de Plataõ , e de outros , que o seguiraõ , como Democrito , e Cicero , se deve tomar em sentido allegorico , o qual a cada passo se acha nas obras des-

te Filosofo ; quando não queiramos dizer com a opinião de Castelvetro na sua admiravel exposição á Poetica de Aristoteles , que Plataõ zombasse (como era seu costume) quando escreveo as palavras , que agora dissemos. Lea-se o que diz pag. 65. 280. e 374. A doutrina de Aristoteles sobre esta mesma materia he mais huma opinião etnica , que huma razão filosofica , como diz o celebre Nisiely tom. 5. Progin. 21.

Tambem não faz força o exemplo das Sybillas , e das Bacchantes ; porque estas não versificavaõ , ou profetizavaõ por natural intemperança de melancolia , mas por obra do demonio , o qual fazia com que venceßem , e excedessem o uso do saber de huma mulher , e mostravaõ isto com varias demonstrações. As Sybillas em quanto prégavaõ mysterios divinos , eraõ inspiradas pela Sabedoria divina , que quiz houvesse alguma luz sua nas trevas da gentilidade.

Deixo á parte o mais , que estas mulheres profetizavaõ a respeito de outras cousas ; porque isto devidamente pertence aos Theologos , que trataõ do dom *gratis datum*. O certo he , que nellas o espirito fatidico não era melancolia , mas huma potencia , ou sobrenatural , ou preternatural extrinseca.



CAPITULO VIII.

Os Poetas devem ter sua instrucção de todas as Sciencias, e Artes.

Alguns Filósofos differaõ, que todas as sciencias, exceptuando a Poesia, estavaõ sujeitas á sua faculdade; porèm o Poeta, para mayor excellencia da sua Arte, excede nesta parte a Filosofía; porque comprehende a faculdade Poetica todas as Sciencias, e Artes. Em primeiro lugar, deve todo o Poeta não ignorar a *Astrologia*; pois muitas vezes deve descrever o nascimento, e occaso dos Signos celestes, exprimir o movimento das Estrellas, e narrar as tempestades &c. Assim o praticou Virgilio, dizendo:

*Hic canit errantem Lunam, Solisque labores,
Unde hominũ genus, & pecudũ, unde imber, & ignis,
Arcturum, pluviasque hyadas, geminosque triores;
Quid tantum Oceano properent se tingere Soles
Hyberni, vel quæ tardis mora &c.*

Por estes versos nos consta, que antigamente os Poetas eraõ peritos na *Astrologia*; o que mais claramente se vê, quando descreve a Estrella, ou Constellação *Orion*, no seu oriente, e no seu occaso, e a *Venus*, ou Estrella d'alva.

Porèm

Porèm onde Virgilio mostrou , que tinha huma particular noticia das estrellas , he nestes versos :

*Anne novum tardis sydus te mensibus addas ,
Quà locus Erigònem inter , chelasque sequentes
Scorpius , & Cœli justâ plus partereliquit.*

Em outras Poetas se achaõ muitas descripções destas , pelas quaes se mostraõ quanto souberaõ desta sciencia , e principalmente Lucano ; porèm he demasiadamente importuna a vaidade , com que ostenta saber a Astrologia , seguindo o juizo , que delle faz o Padre Le Brun de *Eloquent. Poetic.* tom. 1. pag. 22. Igualmente he necessaria no Poeta a noticia da *Geografia* : pois muitas vezes lhe he preciso descrever a grandeza das Regiões , a distancia de humas a outras , a situaçãõ das Cidades &c. Quanto o mesmo Virgilio souberesse desta faculdade , mostrou nos seguintes versos.

..... *Tum Tartarus ipse
Bis pater in præceptantùm , tenditque sub umbras ,
Quantus ad æthereum Cœli suspectus Olympum.*

E tambem quando enigmaticamente disse :

*Dic quibus in terris , & eris mihi magnus Apollo ,
Tres pateat Cœli spatium non amplius ulnas.*

Da noticia , que tambem deve ter da *Musica* , ninguem se atreverá a duvidar , sabendo , que Lino , e Orfeo foraõ taõ excellentes Poetas , como Musicos ; e que antigamente

te se não sabia Poesia sem saber Musica; pois a huma, e outra Arte eraõ communs os numeros harmonicos. O Padre Donato na sua *Poetic.* pag. 3. diz: *Ideo quidquid canitur musicis modis ferè carmem est: & Poetæ scribentes carmina, aiunt non se scribere, sed canere.* Assim o praticou Homero, e igualmente Virgilio, escrevendo *Arma, Virumque cano &c.*

Ultimamente quem haverá, que não sabia, que os Poetas Lyricos eraõ Musicos, que ao som da lyra compunhaõ, e cantavaõ tambem seus versos? Pois que diremos da *Historia*? Não ha cousa mais precisa a hum Poeta. Ella he como alma do Poema, e quem a ignorar, nem ainda mediocrementemente saberá compor. Muito necessita o Poeta de saber os costumes das nações, os principios, e augmentos das Cidades, quaes foraõ os seus fundadores, que acções illustres se tem obrado, as gerações, as Religiões, os oraculos, e finalmente innumeraveis cousas. De tudo Virgilio nos deixou exemplos, tirando muito dos antigos Annaes, principalmente quando declarou o costume antigo dos sacrificios, dizendo:

*Purpureo velare comas adapertus amictu,
Nequa inter sanctos ignes in honore Deorum
Hostibus occurrat facies, atque omnia turbet.*

Se Homero, ou Virgilio ignorassem a *Historia*, ou *Geografia*, nem hum descreveria as perigrinações de Eneas, nem outro as de Ulysses; nem hum narraria a tornada para Itacha,

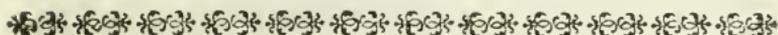
Itacha, nem outro a navegação para Italia; nem hum, e outro ufariaõ de comparações taõ proprias, se ignorassem a Historia natural. Nestes Poetas vemos comparada, ou a alegria com o cavallo, ou a fereza com o tigre, ou a violencia com o leaõ, ou o impeto com hum rio caudaloso, ou a resistencia com o rochedo, ou o temor com o veado, ou o clamor da multidaõ com o canto das aves, ou a voracidade, e traiçaõ com o lobo. Neste animal explicou engenhosamente Virgilio o delicto, e o medo do castigo, quando cantou:

*Qui prius à tergo quam tela inimica sequentur,
Continuè in montes se se avius abdedit altos
Occiso Pastore lupus, magnoque juvenco
Consciis audacis facti, caudamque remulgens
Subjecit pavitantem utero, sylvasque petivit.*

Igualmente o estudo das *Leys* naõ deve ser desconhecido do Poeta, por ser huma principal causa da vida civil, e como tal lhe pertence muito, por ter por fim o instruir. O 6. liv. da Eneida largamente trata de premios; de castigos, de Juizes, e de sentenças; e pelo discurso deste Poema se lem as determinações dos Deoses, e dos Reys, e se apontaõ os modos de se governar bem huma Cidade. Que representa Latino, e Eneas, senaõ a pessoa de hum Principe bom; e Mezencio, e outros, senaõ a imagem de hum Tyranno? Ultimamente (segundo o Padre Le Brun acima allega-

allegado) não deve ignorar a *Arithmetica*, a *Optica*, a *Dialettica*, nem ainda a *Medicina*, de que tudo achamos exemplos nos dous Principes da Poesia Grega, e da Latina. Virgil. tratando da Medicina, disse:

*Dictanum genitrix cretæâ carpit ab Idâ
Puberibus caulem foliis, & flore comantem
Purpureo; non illa feris incognita capris
Gramina, cum tergo volucres hæfere sagittæ.*



C A P I T U L O IX.

*Os Poetas não devem affectar, que são peritos nas
Sciencias, e Artes.*

HE digna não menos de consideração, que de observancia, aquella sentença de Horacio: *Traçant fabrilia fabri*; porque se póde accommodar a muitas especialidades da Arte; mas por ora só servirá para mostrar, que o Poeta (o mesmo são também os Oradores, e Historiadores) não se deve engolfar em discorrer nas cousas por modo scientifico, por ser hum vicio muy tedioso aos leitores. Por isso Tucydides no principio da narração da peste, prevendo já este vicio, fugio del- le, dizendo: *Dicat igitur de hoc ut quisque no- vit, & Medicus, & idiota, à quo verisimile sit illud extitisse, & causas &c. Ego autem cujusm-*

di fuerit, explicabo. Sobre estas palavras discorre doutissimamente Fabio Pagolini liv. 1. Plect. 6. dos seus *Commentarios* sobre esta narraçã de Tucydides; censurando a Diodoro, a Paulo Orosio, e a Ammiano Marcellino, cujas doutrinas se pôdem applicar aos Poetas, ainda que só falla dos Historiadores. Porém ouçaõ os Poetas o que contra elles diz sobre este vicio o Bispo Jeronymo Vidã no 2. liv. da sua *Poetica* :

..... *Sunt qui, ut se plurima nosse
Ostentent, pateatque suarum opulentia rerum,
Quidquid opum congesserunt, sine more, sine arte
Irrisi effundunt, & versibus omnia acervant.
Præcipuè siquid summotum, siquid opertum,
Atque parum vulgi notum auribus, aut radiantis
De Cæli arcanâ ratione, Deumve remotâ
Naturâ, aut animæ obscuro impenetrabilis ortu, &c.*

Esta economia, e modestia poetica mostrou Virgilio no seu Poema, tratando em muitas partes das sciencias, mas de modo, como diz A. Gellio liv. 3. cap. 2. *Ut hominem decuit poeticas res agentem.* O contrario observou Claudiano de *Raptu Proserp.* porque com huma longa, e importuna digressãõ faz discursos fysicos sobre a causa dos incendios do Etna: por isso delle diz Scaligero no liv. 6. da *Poetic.* *Importunè causam querit incendiorum Ætnæ ex personâ suâ. Quid nempe nunc agat Physicum? Si quem hæc narrantem introduxisset, pateremur: nunc excurrit ipse suo relicto argumento.*

Pelos mesmos passos deste Poeta foy Lucano, não seguindo os vestigiões de Virgilio, que sempre com modestissima brevidade discorre de cousas astrologicas: por este motivo foy criticado por Minturno *Poetic. liv. 2. pag. 88.* dizendo: *Lucanus vel nimis in hoc est, atque in ostentatione quadam artis gloriam consequi conatur.* Excelente doutrina nos dá nesta materia Bulgarini na disputa, que teve com Mazoni *partic. 1.* dizendo: *Que como a Poetica não fora inventada para o uso de argumentar, e disputar, segundo afirma Averroes na sua Paraphrase sobre a Poetica, por isso o bom Poeta deve fugir de tratar diffusamente as materias scientificas, e só as deve apontar, como faz Dante ex professo passando por todas com hum certo magnanimo desprezo.* Esta mesma doutrina se corrobora com a authoridade de Castelvetro *Poetic. de Aristot. pag. 597.* reprehendendo a Petrarca sobre aquelle verso do Soneto 9.

Quando il Pianeta, che distingue l' ore &c.

Diz assim: O Poeta não deve sem necessidade grande misturar nos seus Poemas cousas pertencentes á Astrologia, ou alguma Arte, de que o povo não possa ter alguma instrucção. Por isso Homero, e Virgilio nunca mostraõ o tempo do anno, ou do dia, por causa das Estrellas, das quaes muitas não são conhecidas do vulgo. Com pouco louvor se affastou Ovidio algumas vezes deste exemplo, e Lucano muitas &c.

Deste vicio dos Poetas nascem muitos in-

convenientes : o primeiro he a éscuridade , como aponta o mesmo Castelvetro , a qual *augmenta muito o verso* : o segundo he a affectação ; e senaõ , lea-se a *Dorothea* , e sobre tudo a *Philomena* de Lope da Vega Carpio , onde diz :

*Mezcla con suavidad clarin sagrado
(Sin que puedas tomar paxaros viles)
Al genero Chromatico , y Diatonico
Con intervalo dulce el Enarmonico.*

*Haz puntos sustentados , haz intensos ,
Haz semitonos , diesis , y redobles &c.*

Outro exemplo semelhante se lê em Valdivieffo no Canto 3. de *S. Joseph* na Estanc. que principia *Cessem las Vestas , Palas , Cythereas &c.* E em Montalvan na sua Comedia de *D. Florisel de Niquea* , jornada primeira , quando diz : *Detraz de este jardin a breve espacio &c.* Naõ copiamos os versos destes Authores , e de outros infinitos , por naõ sermos prolixos em cousa , que he taõ pueril.

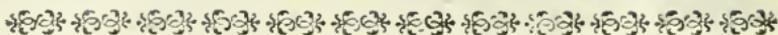
O outro defeito , que traz consigo a affectação do Poeta que mostra , saber muito das outras facultadês , he o perigo de errar , como alguns erraraõ , por naõ estarem plenamente instruidos na materia , de que tratavaõ ; do que nem ainda estaõ livres Homero , e Virgilio , como diz Turnebo examinando este Poeta , e áquelle Escaligero *Poetic.* liv. 5. cap. 3. Tambem nestes Poetas talvez poderemos comprehender a Camões , lendo a

primeira Estanc. do segundo Cant. da sua
Lusiada.

*Já neste tempo o lucido Planeta,
Que as horas vay do dia distinguindo &c.*

E a razão podia ser; porque parece, que o Sol não he o que distingue as horas; antes estas são que o distinguem a elle. Tassoni he o que faz este reparo tambem ao verso do Soneto de Petrarca acima allegado: *Quando il Pianeta, che distingue l' ore &c.* E assenta, que lhe parece, não ser o Sol o que distingue as horas, mas sim o dia, a noite, e as Estações.

Finalmente para o Poeta evitar as justas censuras dos Criticos, lea o conselho, que nesta materia, de que tratamos, lhe dá o Padre Pontano na sua *Poetica* liv. 1. cap. 5., e liv. 2. cap. 7. dizendo: *Ne fabulis inserendis luxuriamus; rare sint, nec ita abstruse, ut mediocriter eruditus multum negotii faceffant. Ne magnam antiquitatis cognitionem ostentemus, nec frequenter ad historias veteres, aut dicta egregia sapientum alludamus. Nam ut ista, opportunè si facias, vehementer placent; sic ipsa frequentia displicent, & tenebras gignunt.* Talvez que fundado nesta opiniaõ, e authoridade, censura alguém a Camões o ser taõ frequente em usar de fabulas para qualquer cousa, ostentando mostrar, que sabia bem da Mythologia; motivo porque parece a alguns nesta parte, não só enfadonho, mas escuro. Lea-se a Graccz Ferreira nas *Notas*, que fez a este grande Poeta.



CAPITULO X.

Do deleite poetico, e dos seus dous principios, belleza, e doçura.

ENtramos agora em hum dilatado assumpto, havendo de tratar do deleite poetico, que he o que faz exceder a Poesia a todas as mais Sciencias, e Artes, como iman, que attrahe os coraçoes. Nenhuma outra cousa he este deleite poetico, senão aquelle prazer, e gosto, que recebe a nossa alma pela belleza, e doçura da Poesia.

Muitos Authores confundem estas duas qualidades, tendo-as por huma mesma cousa, quando na verdade são entre si distinctas, como mostra Luzan na sua *Poetica*, a quem seguimos, por ser excellente. A belleza consiste naquella luz, com que a verdade apparece brilhante, e ornada; e esta luz não he outra cousa senão a brevidade, ou clareza, a energia, a utilidade, e outras circumstancias, que podem acompanhar, e fazer bella a verdade; porém a doçura não consiste propriamente em alguma destas qualidades, senão especialmente naquellas, que podem mover os affectos do nosso animo; como affirmou Horacio, quando disse, que os Poemas não só devem ser bellos, mas tambem doces.

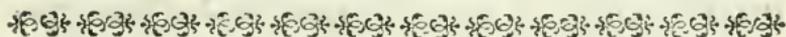
Nota

Non satis est pulchra esse poemata, dulcia sunt, accrescentando logo:

Et quocumque volent, animum auditoris agunto:

No que mostrou, que a doçura poetica consiste propriamente em saber mover os affectos, e fazerse senhora dos animos, de quem a ouve, ou lê.

Porèm entremos mais profundamente neste ponto, e principiemos a dar algumas luzes, que claramente mostrem, em que consiste a *belleza*, e *doçura* poetica. Seguiremos os passos do celebradissimo Muratori, que magistralmente tratou desta ignorada materia, escrevendo os livros *Della perfetta Poesia Italiana*; no que faremos aos Poetas Portuguezes hum particular serviço para o bom gosto das suas Poesias.



C A P I T U L O XI.

Em que precisamente consiste a belleza poetica.

JA' dissemos, que o fim da Poesia, em quanto Arte fabricante, he deleitar com a imitação. De dous modos póde ser esta Arte deleitavel, ou com as cousas, e verdades, que ella imita, ou com a maneira de as imitar: isto he; pódem causar deleite as verdades, e
cou-

cousas, que o Poeta representa, ou porque são novas, e maravilhosas per si mesmas, ou porque o Poeta as faz ser taes com o seu artificio.

Estas verdades maravilhosas he que são a alma da Poesia, e a origem do deleite; porque se huma cousa não he nova, por experiencia vemos, que não nos causa maravilha, e por consequencia não nos instrue; pois sempre tiramos nossa instrucção de vêr alguma cousa, que seja nova. Porém como he muy difficil, ou para melhor dizer impossivel, que o Poeta sempre ache cousas novas, e verdades admiraveis, que imitar, deve-se advertir, que se dão tambem outras verdades, as quaes não são maravilhosas, e novas, mas o artificio do Poeta pelo modo de as representar as faz parecer taes, como acima dissemos; por quanto elle se reveste de tal maneira, e lhe dá hum tal colorido, que apparecem cheias de novidade, e de belleza, por virtude do maravilhoso, e exquisito artificio, da vivacidade da pintura, e do novo ornato poetico, que lhe deu.

Naõ ha verdade mais trivial, e conhecida, do que esta de que *igualmente morrem os ricos, e os pobres*, nem esta proposição causa algum deleite a quem a ouve: mas se se vestir esta verdade com ornato poetico, dirse-ha com Horacio:

*Mors æquo pulsat pede pauperum tabernas,
Regumque turres.*

E ficará entãõ nõva, viva, e delectavel, por virtude do nõvo habito, com que se representou. Se differmos tambem simplesmente, que *Chegãra o tempo de fallecer El Rey D. Affonso Henriques*, nenhum deleite caufará isto affim dito; porque nõ está revestido com belleza poetica: porẽm farnos-ha esta verdade huma grande novidade, e maravilha poetica; se a lermos em Camões Cant. 3. Est. 83.

*De tamanhas victorias triunfava
O velho Affonso, Principe subido,
Quando quem tudo em fim vencendo andava,
Da larga, e muita idade foy vencido:
A pallida doença lhe tocava
Com fria mãõ o corpo enfraquecido,
E pagãraõ seus annos deste geito
A triste Libitina seu direito.*

Do mesmo modo talvez nõ foy maravilhosa a acção de Paris filho de Priamo, e roubador da celebrada Helena. Adquirio com tudo novidade, e pareceo rara pela industria dos antigos Poetas, os quaes fingindo ser Paris eleito juiz das tres Deosas, vestiraõ a verdade com hum tal ornato, que a fizeraõ ficar maravilhosa, e estranha. Em huma palavra, como diz Muratori, os Poetas ou achaõ viandas faborosas, e novas per si mesmas, ou com a novidade do tempero daõ particular fabor ás triviaes, e usadas, fazendo por ambos estes modos bellissimos os seus Poemas, e deleitando summamente o gosto do entendimento.

A' vista

A' vista do referido dizemos, que a belleza precisa da Poesia consiste na novidade, e no maravilhoso, que resulta das verdades, que o Poeta representa. Esta verdade, e este maravilhoso he huma suavissima luz, que nos póde deleitar, e arrebatár, empregada no nosso entendimento, e especialmente na fantasia.

Dous modos pois, e dous meynos tem os bons Poetas, para fazerem bellas as suas composições, e com ellas causarem deleite. O primeiro he o de achar cousas, e verdades novas, estranhas, e maravilhosas, que per si mesmas causem admiração. O segundo he o de pintar bem com vivas cores, e de ornar com pompa, novidade, e maravilhosos artificios as mesmas verdades, que per si mesmas não são admiraveis, nem estranhas; e quem for dotado de huma, e outra virtude, póde seguramente dizer, que possui, e sabe em que consiste a verdadeira belleza poetica.

Segundo estes principios podemos igualmente dividir em duas especies esta belleza poetica; isto he, em *materia*, e em *artificio*. Ou o Poeta ha de achar materia nova, admiravel, e estranha; ou quando esta for trivial, revestilla com o artificio de novidade, e de cores maravilhosas. A *materia* comprehende todos os objectos dos tres mundos, ou Reinos da natureza, de que já tratámos no Capitulo *Do fim da Poesia*; e qualquer destes objectos póde servir de assumpto ao Poeta, e descobrir

cobrir verdades novas, maravilhofas, e raras, que postas em verso deleitaráõ grandemente. O *artificio*, que he a maneira de communicar as cousas aos entendimentos alheios, e de fazer, que estes comprehendaõ os nossos affectos, as verdades abstractas, as acções humanas, e tudo o mais, de que se pôde discorrer em hum Poema; o *artificio*, digo, se estende tambem a todos estes objectos, podendo o Poeta por meyo delle representallos vivissimamente, e com sua novidade, quando elles per si mesmos não a tenhaõ; outambem pôde unir-se o *artificio* com a materia nova, e admiravel per si mesma, fazendo-a muito mais formosa, e capaz de sempre causar muito mayor deleite.

Para darmos hum exemplo de huma verdade rara por parte da materia, nos parecem muy proprios os dous versos de Maggi, nos quaes de algum modo dá a conhecer a immensidade de Deos, fonte de toda a formosura, que enche de si mesmo a todas as cousas:

*Dell' ampio mondo in ogni parte è Dio,
E ne son cinti, e pieni i nostri cuori &c.*

Esta grande verdade não considera a mayor parte das pessoas, as quaes ainda que saibaõ, que Deos está em toda a parte, com tudo não sentem, e não observaõ, que elle esteja nos nossos corações; e mais depressa o concebem como cousa, que assiste no Ceo, e de lá governa a terra.

Da-

Daqui vem, que fica este conceito bellifimo, novo, e delectavel; isto he; bello per si mesmo, porque descobre huma admiravel verdade naõ observada, e muito rara. Daremos igualmente outro exemplo tirado da Sagrada Escritura. Lemos no cap. 3. da Sabedoria divina estas palavras: *Iustorum animæ in manu Dei sunt, & non tanget illos tormentum mortis. Visi sunt oculis insipientium mori, & exstimata est afflictio exitus illorum, & quod à nobis est iter, exterminium. Illi autem sunt in pace.* Esta he huma das mais nobres verdades, que nos ensina a Fé Catholica, e sempre he nova, sempre maravilhosa.

Parecia aos olhos dos ignorantes, que os Santos Martyres morressem com incrivel miseria: ensina-os pois a Sabedoria divina, fazendo-lhes saber, que os seus justos, nem ainda são tocados pela morte, e que loucamente se imagina ter acabado o curso das suas vidas: porque a morte delles naõ he outra cousa mais, que huma passagem do nosso desterro aos Reinos da paz, e aos gostos da immortalidade gloriosa. A verdade deste exemplo, como he inopinada, porque o contrario vem os nossos sentidos corporaes, causa hum admiravel delecte, conforta, e move a pasmo a todo o que a ouve.

Mas porque nem sempre o nosso entendimento póde descobrir verdades perigrinas, e maravilhosas na materia, antes muitas vezes por necessidade lhe convém descrever, e tra-

tar

tar das mais conhecidas, e vulgares, porá então todo o seu cuidado o Poeta em fazer bella a materia com o artificio. Muitas vezes succede attenuar esta as verdades com o demasiado uso, e por isso não ficar apta a produzir maravilhas; e então tem o engenhoso Poeta necessidade de fazer a esta materia por meyo do artificio poetico aquelle beneficio, que lhe não fez a natureza.

Ora isto, como já temos dito, se consegue, vestindo a tal materia com hum novo, e vistoso ornato, o qual faz, com que ella tome novo semblante; de maneira, que quando ella antes per si mesma não podia causar gosto, unida depois com o artificio facilmente o possa causar. Ora veja-se o quanto por causa da materia são nobres, e cheyos de hum suavissimo affecto estes seis versos de Tasso feitos á imitação de Virgilio. Veja-se quanto o artificio, bem que superficial, de repetir as palavras, accrescentou notavelmente a graça, e a natural belleza:

*Noi canteremo i nostri versi a prova,
Qualunque paia il nostro modo, e l' arte;
E Corinna alzerem fino alle stelle,
Fino alle stelle inãlzerem Corina,
Ch'io non fui degno di vederla in Terra,
Ma spero forse di vederla in Cielo.*

Outra pintura com o mesmo colorido do artificio se achará no primeiro tom. da Collecção dos versos Latinos da Arcadia em Roma,

ma, pag. 180, e 181. Chora hum Pastor desta Academia a morte do celebre Joaõ Bautista Zappi, chamado o Pastor *Thyrso Leucasio*, em huma admiravel Elegia, e diz assim:

*Dumque alii tibi donaferent, dumque ossa piabunt,
Dicemus laudes, ó bone Thyrsi, tuas.*

.....
*Sic tibi solemnes quoties statuemus honores,
Dicemus laudes, ó bone Thyrsi, tuas.*

*Turba frequens Thyrsin, Thyrsin nemus omne sonabit,
Thyrsin clamabunt littora, Thyrsin aquæ.*

Outro lugar igualmente, que me parece bello por causa da materia, e que ao mesmo tempo deve grande obrigaçãõ ao artificio, se lê em Ovidio, representando vivissimamente a Ulysses, que expunha na praya do mar a Calypso os successos de Troya:

Hæc Troiæ casus iterumque, iterumque rogabat:

Ille referre aliter sæpe solebat idem.

Littore constiterant: illic quoque pulchra Calypso

Exigit Odrysi facta cruenta Ducis.

Ille levi virgá (virgam nam fortè tenebat)

Quod rogat, in spisso littore pingit opus.

Hæc, inquit, Troia est: (muros in littore fecit)

Hic tibi sit Simois: Hæc mea castra puta.

Campus erat (campumque facit) quem cæde Dolonis

Sparsimus, Hæmonios dum vigil optat equos.

Illic Sithonii fuerant tentoria Rhesi:

Hac ego sum captis nocte reuertus equis.

Plus

*Pluraque pingebat : subitus cùm Pergama fluctus
Abstulit, & Rhesi cum Duce castra suo.*

O suavissimo Camões nos deixou no seu grande Poema muitos retratos deste original. Bastará por ora mostrar dous, o primeiro do Cant. 8. Est. 28., e o segundo do Cant. 6. Est. 23.

*Attenta n'um, que a fama tanto estende,
Que de nenhum passado se contenta,
Que a Patria, que de hum fraco fio pende,
Sobre seus duros hombros a sustenta.*

** Naõ o vês tinto de ira, que reprende
A vil desconfiança, inerte, e lenta
Do povo, e faz, que tome o doce freyo
De seu Rey natural, e não de alheyo?*

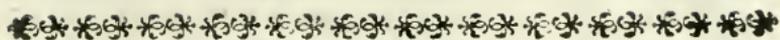
Parece que estamos vendo com os olhos o animo, zelo, e ira do Condestavel Nuno Alvares Pereira, de quem trata esta Estancia; porém ainda he mais expressiva a pintura da que se segue, na qual parece que vemos ao menino Melicerta hir brincando pela praya, e pegar nelle a Nereida Panopea, ou por hir cançado como menino, ou por evitarlhe as travessuras.

*Aquella, que das furias de Athamante
Fugindo, veyo a ter divino estado,
Comsigo traz o filho, bello infante,
No numero dos Deoses relatado.*

** Pela praya brincando vem diante*

*Com as lindas conchinchas, que o salgado
Mar sempre cria, e ás vezes pela arêa
No collo o toma a bella Panopea.*

De tudo quanto temos dito se conclue, que a Poesia, a qual não he outra cousa senão imitação, comprehende duas cousas; isto he, a materia, ou seja o sujeito, e fundo da imitação, e a maneira de imitar; e cada huma destas cousas póde conter belleza, e causar assim maravilha, como deleite. Para hum Poeta ser bom, basta que seja excellente na maneira de imitar, do mesmo modo, que basta ao Pintor o saber imitar o que quer exprimir com o pincel; nem ha necessidade, que a materia, ou sujeito seja sempre maravilhoso, novo, e bello per si mesmo; porque se isto fosse necessario, já mais poderia o Poeta representar senão cousas, acções, costumes, affectos, e sentimentos per si mesmos maravilhosos. Taõ bom mestre he aquelle, que pinta huma bella moça, como o que figura huma velha fea: nem fica inferior ao que pinta muitas figuras em hum painel, aquelle, que faz hum só retrato excellente.



CAPITULO XII.

Da belleza da materia, e como della se possaõ tirar verdades peregrinas.

NEnhuma outra cousa [segundo entendendo] he o descobrir na materia, e extrahir della verdades peregrinas, senaõ o observar, e descobrir em qualquer materia, e objecto proposto ao Poeta as verdades, que outros observaõ mal, e que raras vezes, ou nunca, as costuma representar a natureza, (se bem que possa) aos sentidos, á fantasia, e ao engenho. Estas verdades descobre o Poeta, e ainda que sejaõ pintadas com locuções, e palavras simples, com tudo sempre consigo trazem maravilha, novidade, e por consequencia a virtude de nos deleitar, sem que o artificio se cance muito em fazer, com que appareçaõ maravilhosas: e como quer que as acções, os affectos, os costumes, e os conceitos dos homens sejaõ o principal sujeito da Poesia; nesta materia especialmente costuma descobrir o Poeta, e extrahir della verdades peregrinas. Entaõ descobrirá elle estas verdades, quando observar nos objectos, que se lhe propoem, aquellas qualidades, e acções, aquelles costumes, e affectos, que ordinariamente naõ produz a natureza, nem costuma

E

vir

vir á comprehensãõ, e advertencia do povo. Para chegarmos pois com a materia a causar maravilha, e deleite, he preciso representar os objectos dos tres mundos, naõ como elles ordinariamente sãõ, mas como verosimilmente pôdem, ou deveriaõ ser na sua completa fórma. Quando o Poeta intenta descrever a hum homem máo, ou bom, huma acção louvavel, ou vituperavel, hum corpo proporcionado, ou disfórme, e o discurso de hum heroe, de hum fervo, ou de hum pastor, busca, descobre, e exprime toda a perfeiçãõ, ou defeito destes sujeitos, fazendo delles huma pintura, como os deveria produzir a natureza, ou plenamente perfeita, ou defeituosa. Deve por tanto o Poeta descobrir nas cousas, e na materia tudo o que he mais raro, e maravilhoso, representando os objectos, mais do que elles ordinariamente naõ sãõ: e para neste particular me poder propriamente explicar, seja-me licito, poder dizer sem escandalo, que o Poeta deve completar, e aperfeiçoar a natureza.

Póde haver esta perfeiçãõ em todas as quatro partes mais essenciaes dos Poemas, observadas por Aristoteles: isto he, na *Fabula*, ou seja nas *Accções*, nos *costumes*, na *sentença*, ou seja nos *conceitos*, e na *dicção*, ou seja nas *palavras*. O sitio, e a tomada de Troya naõ se conseguiraõ com tantas admiraveis operações, assim de homens, como de Deoses, quantas representaraõ Homero, e Virgilio nos seus

Poe-

Poemas. Estes Poetas com o seu divino engenho, e fecundissima fantasia descreverão tal successo, imaginando-o como elle poderia, ou deveria verosimilmente succeder.

Igualmente descrevendo os *costumes* podemos aperfeiçoar a natureza. Se quizermos pintar os de hum magnanimo, ou covarde, de hum feroz, ou affeminado, de hum prudente, ou cruel, devemos pintar estes costumes, representando-os como verdadeiramente podem, ou verosimilmente devem ser no mais eminente, e completo gráo do tal costume, ou seja louvavel, ou vituperavel, ou indifferente. Assim o praticaraõ Virgilio com Eneas, e Sinaõ, Tasso com Gofredo, Homero com Achilles, e Camões com Vasco da Gama, cujas pinturas de valor, astucia, piedade, ferocidade, e animo heroico causaõ maravilha, e deleite, por serem obras de excellentes mãos. Talvez que os costumes destes sujeitos naõ subissem a gráo taõ eminente, ou de perfeiçaõ, ou de defeito, mas verosimilmente podiaõ, ou deviaõ ser assim estes homens para merecerem o caracter de Heroes.

Na *sentença*, e na *dicçaõ* he certo, que infinitamente se póde ainda augmentar a perfeiçaõ da natureza. Costumaõ os Poetas, quando fallaõ, ou introduzem alguem a fallar, naõ usar daquelles conceitos conhecidos, e triviaes, que ordinariamente nos lembraõ, e se ouvem nos discursos civís, ou familiares; mas escolhem os mais nobres, os mais enge-

nhofos, os mais ternos, os mais ridiculos, e facetos, que poderá dizer hum heroe, hum homem douto, hum amante, e hum louco &c.

Muitos exemplos poderamos mostrar para prova desta verdade; mas por fugirmos á prolixidade, apontaremos só alguns, que bastaráo para instruirem o Poeta. Em huma Tragedia, intitulada *Aspasia*, composta pelo celebre Poeta Cesareo Pedro Antonio Bernardoni, lemos hum passo, que dá humas grandes luzes ao que dizemos. Introduz elle a Dario, filho de ElRey da Persia, a fallar com Aspasia, dizendo-lhe, que a tinha pedido a seu pay para esposa, e elle lhe tinha deferido como o seu amor desejava. Diz elle a Aspasia:

Il Re dé Persi a me vi dona.....

Responde-lhe ella logo:

..... *Et io*

*Cb' impero ho più del Re dé Persi in questa
Libertà, che m' avanza, a voi mi tolgo.*

Io del mio cor son donna, e sola posso

Di lui, qualor mi piaccia,

Farne all' altrui virtute o premio, o dono.

Igualmente Lucano no liv. 4. da sua *Farsalia* imaginou os conceitos mais nobres, que deveria conceber Afranio, homem animoso, mas vencido por Cesar, na occasião, em que se rendia ao vencedor:

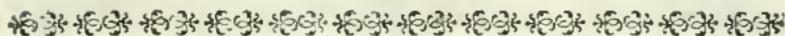
*Victoris stetit ante pedes. Servata precanti
Maestas, non fracta malis; interque priorem
Fortunam, casusque novos, gerit omnia victi,
Sed Ducis; Et veniam securo pectore poscit.
Si me degeneri stravissent fata sub hoste,
Non deerat fortis rapiendo dextera letho.
At nunc sola mihi est orandæ causa salutis,
Dignum donandâ, Cesar, te credere vitâ.*

Naõ he justo, que deixemos tambem de apontar hum exemplo do grande Camões no Cant. 7. Est. 69. introduzindo a fallar hum Mouro da nossa Religiaõ com termos, e sentimentos decentissimos, e adequados ainda segundo as leys do Alcoraõ. Ouçamos como o Poeta se mostrou a todas as luzes admiravel nesta representaçã pelas vozes taõ proprias, e perigrinas, de que usou:

*Tem a Ley de hum Proféta, que gerado
Foy sem fazer na carne detrimento
Da Mãy, tal que por baso está approvedo
Do Deos, que tem do mundo o regimento.
O que entre meus antigos he vulgado
Delles, he que o valor sanguinolento
Das armas, no seu braço resplandece;
O que em nossos passados se parece.*

Difsemos acima, que os partos da natureza ordinariamente naõ saõ per si mesmos maravilhosos, e novos na ordem das cousas; porque naõ saõ eminentes, e completos no seu genero. Póde com tudo algumas vezes succeder

der o contrario; porque com effeito tem havido Capitães, Principes, e Heroes de hum summo valor, e admiravel fortuna, sobre serem ornados das mayores virtudes; e as suas empresas chegaraõ com effeito áquella novidade, e perfeiçaõ, que o Poeta vay descobrindo na materia. Se estas taes empresas, e personagens forem propostas para argumento de algum Poema, certo he, que não tem a fantasia muito que se cançar em descobrir o admiravel da materia; porque a natureza per si mesma o manifestou, fazendo logo bella, e poetica a esta materia. E taes deveriaõ certamente ser as empresas do Imperador Trajano na guerra contra os Dacios; porque se alegra muito Plinio o moço com hum certo Caninio, que queria destas acções formar hum Poema; pois tinha descoberto hum argumento de si mesmo poetico: diz assim na Epist. 4. l. 8. *Optimè facis, quod bellum Dacicum scribere paras. Nam quæ tam recens, tam copiosa, tam lata, quam denique tam poetica, & quamquam in verissimis rebus tam fabulosa materia?* Mas porque destes assumptos, e de materia taõ eminente, e maravilhosa costuma a natureza ser muito avarenta, e por isso a esta póde o Poeta, como temos dito, accrescentarlhe alguma perfeiçaõ, e novidade; e deste modo he, que elle póde aperfeiçoar a natureza.



C A P I T U L O XIII.

*Como os Poetas buscão o verdadeiro : trata-se da-
quelle que he certo , do que he possível , do que
he crível , e provavel , chamado por outro
nome verosimil.*

TEndo-se tantas vezes dito nestes Capitulo-
los, e estabelecido *o verdadeiro* por pri-
meiro principio , e fundamento da belleza
poetica ; e que o Poeta descobrindo na mate-
ria as verdades mais novas , maravilhosas , e
peregrinas , então he que acha aquella belle-
za, que se busca nos Poemas, estou persuadi-
do, que alguns entenderão, que he paradoxa
esta proposição.

Quem ha , que ignore, que o buscar a
verdade não he proprio dos Poetas , mas sim
o affastarem-se della, quanto pódem, fingin-
do, e inventando fabulas, e mentiras, que
certamente contém o que he falso, e não o
verdadeiro. Tanto he isto assim, que aquel-
le, que melhor sabe fingir, e mentir, esse he
o melhor Poeta, segundo o proverbio, *Mui-
tas mentiras dizem os Poetas*, como escreveo
Aristoteles no livro da *Metaphysica*, e Plutar-
co no Tratado *de aud. Poet.* logo como se
póde dizer, que a belleza da materia poetica
está fundada no *verdadeiro*?

Cessa-

Cessar talvez esta grande duvida , e justissima admiração , quando se entender bem a divisão do *verdadeiro* , do qual já demos huma breve noticia , e agora haremos expondo com mayor clareza. De duas especies he o *verdadeiro* da natureza. Huma he aquelle *verdadeiro* , que com effeito he , ou foy : o outro he o que verosimilmente foy , e tambem podia , ou devia ser , segundo as forçs da natureza. O primeiro *verdadeiro* busca os Theologos , os Mathematicos , os Historiadores , e outras sciencias. O segundo pertence aos Poetas , que so os que principalmente o busca. Do cnhecimento do primeiro vem a *sciencia* , e do segundo a *opinião*. Hum pde-se chamar verdadeiro , necessario , ou evidente , ou moralmente certo ; como seria dizer : *Que Deos he Omnipotente , e Eterno ; que a terra he redonda ; que o Sol queima , e brilha ; que Roma fora antigamente Republica , que conquistara muitas Provincias de Europa , e da Asia ; e que os Christos libertara Jerusalem do poder dos Sarracenos , sendo Capito Gofredo*. Outro pde-se chamar verdadeiro , possivel , provavel , e crivel , que vulgarmente se diz *verosimil* ; como v. g. *Que a Lua contm em si , como a terra , variedade de corpos ; que ha fogo debaixo da esfera da Lua ; que huma loba crira a Romulo , e Remo ; e que na conquista da Terra Santa , que fizera Gofredo , houvera hum fortissimo Sarraceno chamado Argante , e huma valerosa donzella com o nome de Clorinda*.

Porèm como todos os dias estamos infelizmente experimentado, que he difficil de achar o *verdadeiro*, certo, e evidente; por isso o nosso entendimento, como o naõ pòde conseguir, se contenta, e deleita com o *verosimil*, que até comprehende (além dos Poetas) tambem aos Theologos, aos Filozofos naturaes, aos Historiadores &c. como prova o nosso seguido Muratori tom. 1. pag. 72-

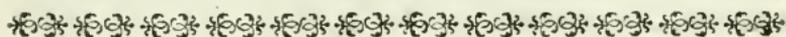
Estabelecida esta doutrina, continuamos a dizer, que sempre algum *verdadeiro* serve de fundamento ás invenções poeticas, e que estas naõ pòdem ser bellas, quando naõ nos fazem apprehender alguma verdade, ou certa, e evidente, ou tambem possível, e verosimil. Muitas são as verdades reaes, certas, e existentes, que se encontraõ nos Poemas. Na Epopea, nas Tragedias, e em infinitas composições lyricas costuma ordinariamente ser o sujeito dos versos alguma acção, successo, ou pessoa, que verdadeiramente foy, ou realmente he.

Todos os dias nos mostra a Poesia mil pedaços de Historia, de Geografia, de Filosofia, e de outras Sciencias, e Artes; mil descrições de lugares, de rios, de animaes, e de outras cousas, que são verdadeiras; antes pela mayor parte os conceitos de que ella usa, contém a verdade evidente, e real. O resto das outras invenções, e descrições dos outros successos, e conceitos, que ella nos faz ver, e ouvir, e que industriosamente finge,

ge, contém, ou deve conter o *verdadeiro* possível, crível, e provavel. Onde o entendimento não descobrir na séria, e nobre Poesia, e em qualquer das suas partes, ou o primeiro verdadeiro, ou o segundo; he certo, que a tal composição não causará deleite, nem parecerá bella, ainda que se encontre o novo, e o maravilhoso; porque nos ha de causar o falso hum grande desagrado, como cousa impossível, incrível, ou inverosimil. Por isso o Poeta, que he nobre, e sério, sempre nos representa as cousas verdadeiramente succedidas, certas, e existentes; ou tambem finge com a sua fantasia as que verdadeiramente podem, ou podiaõ, devem, ou deviaõ fer, e succeder, causando deste modo, ou sciencia, ou opiniaõ em o nosso entendimento.

Naõ se póde dizer, que estes successos possíveis sejaõ falsos; porque ainda que seja evidente o não serem elles realmente verdadeiros, tambem he claro, que elles podiaõ, ou podem verdadeiramente succeder; e o Poeta com elles faz, que o entendimento alheyo apprehenda hum verdadeiro, não real, e succedido, mas sim possível, e verosimil, que antes não era conhecido. Estas cousas pois, que são criveis, possíveis, e provaveis, chamamos-lhe *verosimeis*; porque são semelhantes ao *verdadeiro* certo, evidente, e real; e tambem são certas na razãõ, e genero (digamos) de possibilidade, probabilidade, e credibilidade. Basta por ora deste assumpto; porque
lar.

largamente discorreremos do verosimil, e inverosimil, pelo discurso desta Arte, e facia-remos (quanto nos for possível) os desejos do leitor.



C A P I T U L O XIV.

Da belleza do artificio, sua virtude, e seus exemplos &c.

TEndo nós até aqui tratado das bellezas da materia, convem igualmente agora, que passemos ás do artificio, e dizer neste assumpto algumas cousas geraes para instrucção do Poeta, que as ignora. O artificio, como já temos dito, consiste na maneira de representar, e exprimir as cousas; e com esta maneira recebe a mesma materia huma grande luz, novidade, e belleza. Não importa, que não seja de si mesma maravilhosa, e extraordinaria huma verdade, huma acção, e hum conceito; porque a maneira de a representar, e pintar com palavras a fará extraordinaria, e maravilhosa tambem, a que per si mesma já era tal, ficará com o artificio mais peregrina, e delectavel, do que d'antes era.

Soccorrendo deste modo o Poeta com o seu artificio novo, e admiravel á materia, que não tem estas duas circumstancias, dá huma nova alma ás cousas, e as veste de modo,
que

que com a pompa poetica facilmente causa deleite. Huma viva metafora, huma engenhosa parabola, e allegoria, huma bella figura, huma disposiçaõ de palavras, huma evidencia no pintar, huma affectuosa, nobre, e extraordinaria imagem (que he em que consiste principalmente o artificio) faz muitas vezes, que hum successo, hum costume, hum affecto, e hum conceito nos deleite, e nos arrebate; o que talvez naõ succederia sem o soccorro do artificio. Apontaremos alguns exemplos, e seja so primeiro do suavissimo Poeta Italiano Francisco de Lemene em huma Cançaõ a Nossa Senhora: diz assim na segunda Estancia:

*Chi fia costei più fra le belle Bella?
 Chi fia costei più fra le saggie Saggia?
 Chi fia costei più fra le Sante Santa;
 Costei, che del suo lume il Sole ammantata,
 Costei, sotto il cui piè Cintia s' irraggia,
 Costei, cui fregia il crin più d' una Stella?
 Costei, che al candor sembra
 Dell' alma, e delle membra
 La feconda Conchiglia, e Verginella?
 Questa (ma pria ch'io 'l dica, oimè perdona
 Al mio profano ardir, Vergin pudica)
 Questa (ma pria ch'io 'l dica
 Tu pensier puri, e puro stil mi dona)
 Questa al fin, questa, il dirò pur (ma pria
 Chino la fronte umil) questa è Maria.*

Que admiravel artificio ! Rarissimas copias

pias se poderão entre nós mostrar deste precioso original, pelas bellas, suavíffimas, e nobres expressões, com que está pintado. Se este Poeta differa sem outro artificio: *Que Maria entre todas as bellas he a mais bella; que entre todas as sábias he a mais sabia; que tem a Lua debaixo dos pés, e que de Estrellas se fórma a sua coroa &c.* Serião estes conceitos bellos, mas só por virtude da materia: porém sem comparação alguma ficaõ muito mais bellos pela maneira, e artificio, com que se exprimirão. Aquella interrogação unida ao pasmo, aquelle suspender a resposta, aquelle interrompella com imagens affectuosas, e insperados apostrofes dá hum tal ar de novidade, de ternura, e magestade á materia, que quasi nos vem a parecer outra cousa, e que infinitamente nos deleita mais, tudo por causa do ornato, que lhe accrescentou o artificio.

O grande Camõens em muitas partes do seu Poema não nos deixa de dar excellentes exemplos. No Canto 2. introduz a Venus fallando a Jupiter a favor dos Portuguezes com admiraveis imagens; porém na Estancia 41. diz assim:

*Mas morra em fim nas mãos das brutas gentes;
Que pois eu fuy E nisto, de mimosa,
O rosto banha em lagrimas ardentes,
Como co' orvalho fica a fresca rosa.
Callada hum pouco, como se entre os dentes
Se lhe impedira a falla piedosa,*

*Torna a seguilla, e hindo por diante,
Lba atalha o poderoso, e graõ Tonante.*

Muito deve esta Estancia ao artificio, que fez maravilhosa a materia, que de si o não era. Se este Principe da Epica Portugueza fizera continuar a Venus na sua falla, pouca, ou nenhuma novidade sentiriamos: mas para a haver, e deleitar com ella aos leitores usou, á maneira de Virgilio, artificiofamente *dare-ticencia*, ou *apostopesis*, dizendo: *Que pois eu fuy*: queria continuar v. g. *desgraçada, infeliz &c.* Como melindrosa imaginou o Poeta, que havia chorar, e explicou-se com hum particular artificio. Finalmente introduz esta Deo-fa a querer outra vez fallar, como he natural, em cousa, que importa muito; mas Jupiter compassivo lhe atalha as vozes; o que faz sobrefahir notavelmente o artificio, e exceder esta imagem a de Virgilio: *Quos ego &c.* tão trivial aos que são dados á Poesia.

Igualmente engenhoso he o pensamento, que transcreve Luzan na sua *Poetica* do discretissimo D. Luiz de Ulhoa. Diz assim este Poeta em huma Decima:

*Mas quando al conocimiento
Se passa por los sentidos,
Ya quanto estan defendidos
Se niega el entendimiento.
Desvanec al pensamiento
Ver que en guerra tan trabada
Estè la fuerza assolada,*

*Y las potencias rendidas,
Quedando tan sin heridas
Los que guardaban la entrada.*

Observou este Poeta , que pelos sentidos he que nos vem o conhecimento das cousas, as quaes para o entendimento as comprehender, he preciso, que passem por estes orgãos; como he certo na doutrina antiga de Aristoteles, e na moderna.

Fundado neste principio entra engenhosamente Ulhoa a difficultar, como podêsem as suas potencias internas namorar-se, ficando ao mesmo tempo os sentidos livres desta paixão amorosa. Este pensamento de si mesmo pela materia era delectavel, e ainda sem adorno, e com palavras sinceras podia conseguir este fim; porém elle com o artificio o fez muito mais maravilhoso, e novo, como vimos nos admiraveis versos, que apontámos.

Em todo o tempo, e em todo o lugar, onde (segundo a transmigração das sciencias) floreceraõ excellentes Poetas, e engenhos felices, sempre a Poesia se regulou pelos mesmos principios desta belleza poetica, de que tratamos, e já temos tratado. Sempre o *verdadeiro* servia de fundamento ás fabulas, ás acções, aos costumes, aos affectos, aos conceitos, e a todo o trabalho poetico; porém sempre o *verdadeiro* maravilhoso, e novo, ou por causa da materia, ou do artificio, como tambem a fantasia, e o engenho se empregavaõ

vão em descobrir na natureza este novo modo, ou em dar novidade a este verdadeiro trivial, e usado.

A mais pura, fãta, e antiga Poesia foy sem duvida a dos Hebreos. Della ainda nos restaõ os Canticos de Moyfés, e de outros Profetas, os Psalmos de David, o Livro de Job, os Proverbios, as Lamentações de Jeremias, e outras obras mais, que sã Poemas feitos em huma rithma, e metro particular dos Judeos, como affirma Philo, e Joseph Hebreos, Origenes, Eusebio de Cesarea, S. Jeronymo, e outros; se bem que Escaligero, e alguns modernos sã com pouco fundamento de contrario parecer.

Nesta divina Poesia achaõ-se infinitas imagens, figuras, e expressões verdadeiramente admiraveis, e novas, as quaes, quando pelas traduções passaraõ a outros idiomas, necessariamente perderãõ muito da sua natural belleza, e força pela rusticidade das linguagens. Póde haver Poesia mais doce, e affectuosa do que os Cantares de Salamaõ, nos quaes se representaõ os ternissimos amores da alma com Deos? Para explicar a ira divina, e para mover a pranto, e a piedade, sã admiraveis os Livros de Jeremias, cheyos de maravilhosos pensamentos.

E que summa nobreza se naõ encontra nos Psalmos de David, cantando as grandezas, e misericordias de Deos, e o arrependimento de huma alma fiel? Observe-se com que sublime

blime pensamento nos faz no Psalmo 103. conceber o grande poder de Deos, dizendo: *Qui respicit terram, & facit eam tremere.* Não se pôde mais vivamente explicar a Magestade, e Omnipotencia Divina, senão com huma tal expressão, que he huma admiravel imagem. Não só os Hebreos, mas ainda aquellas nações, que temos por barbaras, cultivão a Poesia com aquella belleza, que insinuámos, e vamos insinuando. O que he bello, sempre o foy em todo o tempo, e lugar, porque sempre foy, e será huma só a natureza, que pintaõ os Poetas excellentes. Sómente a mayor, ou menor cultura dos estudos he que faz, com que mais em hum paiz, e menos em outro haja engenhos poeticos, mais, ou menos felices em compor Poemas; pois que as mesmas sementes do que he bello, são commuas a todos os homens.

Os Arabes, os Turcos, os Persianos, e os Gregos modernos, ainda que estejaõ pelo ordinario muy affastados dos estudos amenos, e graves, e por isso pouco favorecidos das Musas; com tudo compozeraõ, e compoem muitos Poemas excellentes; aos quaes não sabemos dar a devida estimação, por ignorarmos a lingua, em que estaõ compostos. Justo será, que desta verdade apontemos algum exemplo. Entre os Poetas Persianos floreceo hum com grande reputação, chamado Suzeno, homem certamente dotado do mais faceto, e agudo engenho, como tes-

tifica Derbelot. Falleceo no anno de 1173. Na sua idade mais madura entrou a fazer penitencia dos seus peccados , e della deixou testemunhos em oito mil versos , que escreveo , nos quaes chora as culpas , que commettera. Fingiraõ cega , e supersticiosamente os Persianos , que este Poeta depois da sua morte apparecera a hum seu amigo , e lhe dissera , que Deos lhe perdoara os seus peccados por hum Disthico , que compozera. Traduzio-o Derbelot em Latim deste modo :

*Quatuor tibi affero , ó Deus , quæ in Thesauro tuo
non sunt :*

Nihilum , indigentiam , peccatum , & pœnitentiam.

Como esta composiçaõ para muitos será couza nova , será tambem justo , que a traduzamos em Portuguez , por servirmos áquelles , que ignoraõ a lingua Latina :

Eu , Senhor , quatro cousas te offereço ,

Que não ha no teu thesouro ,

O Nada , e a Indigencia ,

Como tambem a Culpa , e Penitencia.

Ainda que este conceito esteja vestido á Persiana , com tudo he nobilissimo , engenhoso , e novo. Primeiramente causa maravilha , e deleite , querer apresentar a Deos , Senhor de tudo , quatro cousas , que elle não tem no seu thesouro , e descobrirse depois , que nelle verdadeiramente não ha as ditas cousas. Em segundo lugar , com muita belleza persuade

o Poe-

o Poeta ao mesmo tempo a vileza, e miseria de homem, de quem são proprias as quatro cousas, e a grandeza, e santidade de Deos, a qual dá a mostrar que he immensa, porque nos seus immensos thesouros faltaõ as taes cousas. Finalmente abraçando em poucas palavras as razões de aplacar, de ter necessidade de Deos, e de arrependerse das culpas passadas, não podia o Poeta pedir perdaõ com mais engenhosa, e aguda brevidade.

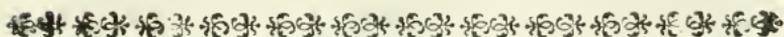
Eisaqui como os Poetas ainda mais estranhos, estudando pela natureza, produzem tambem elles bellissimos conceitos, imagens muy vivas, e verdades peregrinas; ainda que por causa da differente lingua seja algumas vezes muy differente o artificio em as exprimir.

Porém não quero acabar este Capitulo, nem deixar este ponto, sem dar outro exemplo igual ao Persiano, copiando huma cantiga, que Bernardino Tomitano confessou de ter ouvido na lingua Turca, e tambem Grega vulgar, e que elle a traduzira em Italiano. Contém os versos o sentimento de huma moça pela ausencia de seu amante, expondo os seus proprios affectos da maneira seguinte:

*Baslisco ho piantato,
E Rose son nasciute;
Dentro delli cui rami
Cantan le Rondinelle:
Deb Rondinelle mie:
Pregovi, non cantate;*

*Poiche 'l mio dolce amante
 Radice del cor mio,
 Si fá da me lontano,
 Fuggendo il dolce porto,
 Per ritrovar fra l' onde
 Tempestuosi travagli.
 Deb Rondinelle mie,
 Pregovi, non cantate:
 Ma più tosto piagnete,
 Se pietose voi siete.*

Todos estes exemplos apontados servem para mostrar, e fazer conhecer, que naturalmente qualquer homem, se não he de todo rustico, e falto de entendimento, póde achar, e gostar da *belleza poetica*, e discernir o mais do menos bello, ou este consista na *materia*, ou no *artificio*, ou em ambos estes principios. Porém já he tempo de entrarmos a distinguir melhor do engenho a fantasia, e a expôr o como contribue para a Poesia huma, e outra potencia, descobrindo, ou *materia admiravel*, ou nova, ou tambem fazendo-a tal por meyo do *artificio*.



CAPITULO XV.

Dá-se huma geral noticia da fantasia; differença entre ella, e o entendimento, e commercio entre si; imagens fantasticas, e sua divisaõ
Ëc.

HE a fantasia a fonte mais fecunda da maravilha, e belleza poetica, nem o engenho na Poesia cria conceitos mais agradaveis, do que esta potencia; por isso he, que nella damos principio a este novo argumento taõ desconhecido de muitos, ou quasi todos os que escreveraõ da Arte Poetica; como entre infinitos he hum delles o Padre Donato, e Vossio, que tratando de todos os segredos, e especies da Poesia, naõ nos deixaraõ instrucçaõ alguma sobre a fantasia. Porém para caminhar-mos com mais luz neste tenebroso caminho, he preciso explicar, que cousa he *fantasia*. Todo o objecto, que se representa aos olhos, aos ouvidos, e aos outros sentidos, lança hum compendio, huma imagem, huma similitude de si mesmo, a qual sendo recebida pelos sentidos, passa pelos nervos, e órgãos corporeos, até que chega a imprimir-se em o nosso cerebro. A potencia, ou faculdade da alma, que apprehende, e conhece estes objectos sensiveis, ou para melhor dizer, as
 suas

suas imagens, he a fantasia, ou imaginativa, a qual porque está (segundo o nosso modo de entender) na parte inferior da alma, lhe poderemos chamar *aprehensiva inferior*. Tem a nossa alma outra apprehensiva das cousas, a que podemos dar o nome de *superior*; porque está collocada na parte superior, e racional da alma, e communmente lhe chamamos *entendimento*. O officio da fantasia não he propriamente o inquirir, e entender se as cousas são verdadeiras, ou falsas, mas sómente o apprehendellas. O officio do entendimento he inquirir, e entender se estas são falsas, ou verdadeiras. Porém para meditar, e formar pensamentos, unem-se entre si estas duas potencias, administrando a inferior á superior as imagens dos objectos, que lhe communica sem se valer dos sentidos; porque já em si as tem. Tambem póde a potencia inferior per si mesma valer-se destes objectos para imaginar as cousas já apprehendidas, ou para fabricar outros objectos; porque tambem ella tem força para conceber novas imagens.

Depois desta geral noticia, he preciso entender mais precisamente o commercio, que ha entre o entendimento, e a fantasia, e em quantos modos formão estas duas potencias dentro de nós as imagens, e os pensamentos, de que se compoem os discursos, que fazem os homens. Em tres maneiras pois se fórmão as imagens. A primeira he formando-as o entendimento com a sua racional, e penetrante

vir-

virtude, sem que a fantasia lhe administre alguma cousa. A segunda he unindo-se o entendimento com a fantasia, concebendo-as juntamente. E a terceira he concebellas a fantasia só, sem se aconselhar com o entendimento. A primeira succede, quando o entendimento, depois de ter bem julgadas, e escolhidas as imagens, que a fantasia apprehendera antes, fórma sobre ellas, e cria novas imagens, que antes a fantasia não tinha apprehendido. Vê v. g. o nosso entendimento, que a fantasia apprehendera, e formara em si muitas imagens de homens; que faz? A junta-as, e de tantas imagens particulares, que recolhera a apprehensiva inferior, tira elle, e fórma huma imagem, que antes não havia, concebendo, *Que todo o homem tem a potencia de rir; que os viciosos não devem ser louvados; que aquelle homem, que presume, que só elle he sabio, deve ser reputado por louco &c.*

Estas imagens propriamente são intellectuaes, ou engenhosas; nem os sentidos as podem mandar á fantasia; mas só o entendimento as concebe, e depois faz, com que tambem a fantasia as apprehenda. A segunda maneira succede, quando a fantasia aconselhando-se com o entendimento, e valendo-se da sua luz, expoem aquellas imagens, que lhe vieraõ pelos sentidos: ou tambem quando unindo, ou separando estas, fórma outras novas, que antes não havia; porém nunca perdendo de vista o imperio do entendimento.

A ter-

A terceira maneira succede, quando a fantasia domina absolutamente a alma, e pouco, ou nada attende para os conselhos do entendimento, como v. g. nos sonhos, nas febres, nos effeitos melancolicos &c. Esta terceira classe da fantasia não tem lugar algum na faculdade poetica; porque a não regula o entendimento, e só a segunda he muy propria do Poeta, como diremos, considerando aquellas imagens, que se concebem quando a fantasia unindo-se com o entendimento pacificamente concebem, e expoem as cousas.

A fantasia pois unida com o entendimento (e por isso obrigada a procurar alguma verdade) póde, e costuma produzir imagens, que ou directamente são para ella *verdadeiras*, ou que tambem directamente parecem taes ao entendimento. Como v. g. quem descreve vivamente, e com palavras proprias o *Arco Iris*, a *batalha de dous guerreiros*, *hum generoso cavalleo*, *hum tigre feroz*, o *movimento*, que faz na *agoa de hum lago pequeno huma pedrinha*, e outras cousas similhantes.

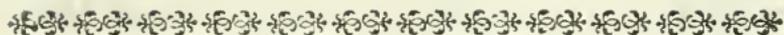
Estas imagens representaõ huma verdade vinda á fantasia pelo sentido, e que como tal a conhece tambem o entendimento. Pódem tambem estas imagens directamente serem só *verosimeis* á fantasia, e ao entendimento, como v. g. o imaginar a *Scena funesta da ruina de Troya*, a *chegada de Orestes a Tauro*, a *morte de Niso*, e *Eurialo*, e outras infinitas cousas imaginadas pela fantasia, e as quaes parecem
possi-

possiveis, e verosimeis tanto a ella, como ao entendimento.

Pódem finalmente estas imagens serem directamente *verdadeiras*, ou *verosimeis* á fantasia, e indirectamente parecem taes ao entendimento; como v. g. vê a fantasia hum rio, que faz mil gyros pela planicie de huma selva; imagina, e parece-lhe cousa verdadeira, ou verosimil, que elle esteja namorado daquelle florido lugar, e que não saiba, ou não queira buscar modo de o deixar. Esta imagem, não directamente (porque o sentido directo he falso) mas indirectamente faz, com que o entendimento conceba, que isto he verdade; isto he, a amenidade daquelle sitio, e os gyros deliciosos daquelle rio.

Ainda que todas estas diversas imagens reconheçam a fantasia por sua máy, e se lhe poderiaõ chamar fantasticas, para as distinguir das intellectuaes, e engenhosas; com tudo, só ás ultimas daremos propriamente o nome de *fantasticas*; isto he, á quellas, que directamente contêm o que he verdadeiro, ou verosimil; porque nestas, mais que nas outras, apparece a força da fantasia. As primeiras, e as segundas imagens são formadas pela fantasia, só com pintar as cousas, como ellas são, ou pódem ser, e parecer naturalmente a ella, aos sentidos, e ao entendimento; e por isso em parte são intellectuaes, e lhes convém o nome de *simplices*, e *naturaes*. As terceiras porém, reconhecem com mais evidencia, que devem

devem o seu ser á fantasia, a qual une duas, ou mais imagens verdadeiras, e naturaes, para formar huma nova, que nunca naturalmente houve, nem póde haver, e parecer tal ao entendimento, e por isso chamaremos a estas imagens *artificiaes fantasticas*. O voar v. g. he qualidade propria, e natural só do que he animado, e tem azas; porém a fantasia agitando as suas imagens, e unindo a do voar com a da fama, imagina, que a fama voa, falla, e opéra, como se tivesse alma. Igualmente o faudar he só proprio do homem; com tudo, a fantasia une esta imagem com a de huma ave, e imagina, que os passarinhos faudaõ com o seu canto o nascimento da Aurora. Disto se comprehende, que esta casta de imagens saõ propriamente produzidas pela fantasia, que vay imaginando cousas maravilhosas, e novas, que aliás saõ falsas a quem só vay buscar o sentido directo. Mas porque indirectamente fazem estas perceber alguma cousa, que he verdadeira, ou verosimil ao entendimento, por isso a elle lhe agradaõ, e na formação dellas se une com a fantasia, permittindo-lhe hum taõ bello delirio, e entregando-lhe ás vezes imagens intellectuaes, para que ella as vista, e orne com as suas bellas, e admiraveis cores, se bem que mentirofas. Porém justo he, que expliquemos com alguns exemplos, em que consiste a força das imagens da fantasia, tanto as *simplices*, e *naturaes*, como as *artificiaes fantasticas*. Principiemos pelas primeiras.



CAPITULO XVI.

Mostra-se com exemplos, em que consiste a força das imagens simples, e naturaes da fantasia.

JA' dissemos no Capitulo passado, dividindo as imagens da fantasia, que as simples, e naturaes são aquellas, que descreve a mesma fantasia, ou seja imaginativa dos Poetas, as quaes naturalmente virião pelos sentidos, e que directamente tambem são verdadeiras, ou verosimeis ao entendimento. Igualmente já temos dito, que hum dos mayores cuidados, e perfeições da Poesia consiste no descobrir cousas admiraveis, e no aperfeiçoar a natureza; isto he, em formar os seus partos mais perfeitos, e completos na sua especie, achando novas, e maravilhosas cousas, acções, costumes, e conceitos. Consiste a outra perfeição, e cuidado da Poesia no modo de bem pintar, imitar, e representar os partos da mesma natureza.

Esta perfeição (como já temos explicado) não pertence á *materia*, e cousas, que se hão de representar, pertence especialmente ao *artificio*, e maneira, com que a poetica fantasia deve representar estas cousas. Agora neste Capitulo mostraremos, que outro não menor

nor goſto experimenta a noſſa alma , quando a fantaſia alheya pinta , e representa á noſſa as couſas fóra do lugar , ou do tempo ; e de tal modo , que vivamente as vemos com os olhos internos do entendimento , como ſe uſaſſemos da viſta , e dos ſentidos externos. Neſta viva pintura conſiſte huma das principaes delicadezas da Arte Poetica ; e ainda que poſſa dizerſe , que o Poeta ſempre imita , e pinta , com tudo , mais precisa , e propriamente faz elle eſte officio , quando entra a colorir , e a pôr diante dos olhos internos da alma com evidencia , e com força os ſucceſſos , os coſtumes , os conceitos , e todos os mais objectos , que elle pinta , e imita. Aſſim he o Pintor , o qual geralmente ſempre imita , e he imitador , ainda quando ſem uſar de cores , e ſó com a penna , ou com o lapis dibuxa as figuras ſimplesmente a claro , e eſcuro : porém muito mais precisamente imita , e pinta , quando a eſtas figuras ajunta o trabalho de lhe fazer as cores , e as ſombras ; porque no primeiro modo mais depressa moſtra a ſua tenção , do que as couſas , que intenta pintar ; e no ſegundo não ſó moſtra a ſua tenção , mas faz ver as meſmas couſas , que intentara.

Deſta pois viviffima imitação das couſas , feita pelos Poetas tiramos nós hum grande deleite pela ração fundamental , de que a todos he deſleitavel o maravilharſe , e ao meſmo tempo instruirſe. Grande obrigação devemos áquelle Poeta , e Pintor , que com as ſuas Artes

tes nos conduzem a vêr, como se fosse com os proprios olhos v. g. a famosa ruina de Troya, as acções de Achilles, ou de Eneas, e os trabalhos de Ulyffes gyrando pelo mar. A pezar do tempo passado, e de lugares tão distantes, vemos presentes aquellas cousas, e aquellas acções; ouvimos as suas palavras, e os seus conceitos quasi do mesmo modo, que no las fariaõ vêr, e ouvir os sentidos externos.

Maravilhoso he certamente Ovidio nesta casta de imagens, e pinturas, expondo ordinariamente as cousas, como se as vira, e pintando-as com tal viveza, que tambem os leitores entendem, que as estaõ vendo. Veja-se como elle representa ao velho Sileno, que vinha das Indias em companhia de Baccho. Descreve-o embriagado, sobre hum jumento, pegandose-lhe ás crinas para não cahir; mas porque se lhe turba a vista em seguir, e olhar para as Bacchantes, que o vão cercando, e porque vay obrigando ao nimal a apressar os passos, cahe em terra, donde os Satyros logo o levantaõ. Mas ouçamos a viva expressãõ do Poeta, no qual não ha palavra, que não seja huma excellente cor, que aviva a Poesia :

*Ebrius ecce senex pando Silenus asello
 Vix sedet, & pressas continet arte jubar.
 Dũ sequitur Bacchas, Bacchæ fugiūtque petūtque,
 Quadrupedem ferulá dum malus urget eques ;*
 In

In caput aurito cecidit delapsus a fello.

Clamarunt Satyri: surge, age, surge, Pater &c.

Continúa o Poeta a descrever a chegada de Baccho á presença de Ariadne, que se queixava pelo desamparo, em que a deixara o desleal Theseo; e diz assim:

*Jam Deus è curru, quem summum cinxerat uvis,
Tigribus adjunctis aurea lora dabat.*

Et color, & Theseus, & vox abiere puellæ:

Terque fugam petiit: terque retenta metu.

Horrui, ut steriles, agitat quas ventus, arisæ:

Ut levis in madidâ canna palude tremit.

Cui Deus: En adsum tibi cura fidelior, inquit.

Pone metum; Bacchi, Gnosias, uxor eris.

Dixit, & è curru, ne tigres illa timeret,

Desilit: imposito cessit arena pede.

Ora vejaõ os leitores se se podiaõ mais vivamente exprimir as imagens daquella acção da fantasia do Poeta, e fazer conceber aquelle caso com cores mais proprias, e vivas. Naõ he menos admiravel a imagem, com que D. Luiz de Ulhoa pintou a turbação, sobresalto, e medo da formosa Judia Rachel, quando entraraõ os conjurados em sua casa para a matar; diz assim:

Traidores fue a decirles, y turbada

Viendo ciera de el pecho las cuchillas;

Mudò la voz, y dixo: Cavalleros,

Porque infamais los inclitos aceros?

O famoso Petrarca he cheyo destas bellas imagens; e por naõ copiarmos infinitos lugares seus, daremos só a ler hum, em que elle nobremente imagina o acto, em que lhe pareceo, que a sua Laura entrava no Ceo:

*Gli Angeli eletti, e l' Anime beate
Cittadine del Cielo, il primo giorno
Che Madonna passò, le furo intorno,
Piene di meraviglia, e di pietate.
Che luce è questa? E qual nuova beltate?
(Dicean tra lor) perch' abito sì adorno
Dal Mondo errante a quest' alto soggiorno
Non salì mai in tutta questa etate &c.*

Porém entre todos os Poetas modernos entendendo, segundo o meu juizo, que naõ houve algum taõ maravilhoso nas suas imagens, como o Padre Thomaz Ceva no seu Poema Latino, intitulado *Jesus Puer*. Descreve elle hum conductor de camellos, que tornando de Nazareth, o cercaõ os pòvos, e todos lhe pedem, que lhe dem novas de Maria, refugiada no Egypto. Narra este homem muitas cousas; mas apenas acaba de fallar, logo entraõ os outros de novo a fazerlhe mais perguntas. Esta pintura certamente naõ póde ser mais viva; porém, eu por fugir á prolixidade, só apontarey huma naturalissima circumstancia, com que o Poeta dá mais alma á sua obra:

*Nunc sequar (bospes ait) siccis permittite labris,
(Nam crudis capis vox aspera faucibus hæsit)*
Tan-

*Tantisper liquido verba irrorare lyæo.
Sic ait, appositoque mero, ut gens prisca solebat,
Implevit pateram, manibusque utrinque prebensam
(Quod felix, socii, faustumque sit omnibus) hausit,
Bisque interruptit sinceris laudibus hausum,
Inversâque manu barbâ, atque ora hispida terfit.*

Veja-se como este excellente Poeta tendo fixos os olhos da fantasia para o costume, e caracter de hum homem rustico, o exprimo todo com palavras admiravelmente significantes. Aquelle pedir vinho para (como nós ainda vulgarmente dizemos) *molhar a palavra*; por ter a voz áspera, e secca pelas cebollas cruas, que comera: aquelle pegar na taça com ambas as mãos, beber á faude de todos, e interromper duas vezes a bebida para louvar o vinho, e com louvores *sinceros*: aquelle enxugar a barba com as costas da mão, saõ tudo humas bellissimas, e vivissimas imagens, que pintaõ, e fazem vêr as coufas com evidencia.

Naõ posso profeguir aos exemplos de outros Poetas, sem trazer outro deste admiravel Pintor dos costumes, e da natureza. Veja-se como elle narra, que estando huns meninos brincando, veyo Maria, e interrompeo-lhes o brinco, dizendo-lhes, que lhe levassẽ hum recado, para o que a cada hum deu sua fruta. Arrebata certamente esta imagem a quem tem bom gosto poetico, pelas admiraveis cores, com que pinta o caracter, ou costume, e acção de taes pessoas;

..... Summo speculati in vertice nidum
Lusciniaë, jaëctis giebis, saxisque per auras
Dejicere instabant.

.....
Huc, ait. Et positis saxis accedere coram
Improbulos, cœnoque manus abstergere jussit;
Eduxitque sinu tria persica, & oscula ritè
Ferre prius manibus decuit; primumque Menassi;
Tum Jonathæ, Phineique dedit. Dein jam fugientes,
Acceptis donis, cupidosque ostendere, rursum
Ad sese revocat, prohibens ea lædere morsu,
Ferre intacta jubet. Vestris & matribus, inquit,
Si vos fortè rogent, Maria hæc Jesseia nobis,
Dicite, dona dedit, gravibus jam libera curis
Huc reditura brevi. Memores hoc deinde tenete:
Dicite, Juditham mihi servant, quam meus infans
Vult castis thalamis jam nunc sibi nubere Jesus.
Audistis? Juditha meo desponsa Puello est:
Hic meus, hanc, inquam, sibi nuptam destinat infans.
Sic instat, nomenque iterum, & mandata reposcit,
Ut memores servant, recitentque fideliter omne;
Et blæsas voces, semesaque dicta reformat.
Tantaque simplicitas erat, ut jam ferre decentem
Præcupidi haud possent. Ite ocyus, ite, Puelli.
Ocyus exiguos per culta virentia gressus
Accelerant leti; procul & clamoribus altis
Dona manu ostentant: Maria hæc pulcherrima donat.

Observe o leitor este verdadeiro costume, ou
caracter pueril; admire estas propriiſſimas ima-
gens: aquelle depôr das pedras, e fazer com
que estes meninos limpassem as mãos sujas da

terra; aquelle enfiarlhes a beijar a mão primeiro, que recebessem a fruta; aquelle querer elles fugir logo, para mostrarem o que lhes deraõ, e serem chamados a voltar a traz; aquelle repetirlhes tres vezes, e inculcarlhes a mesma coufa, para que se lhes imprimisse bem na sua fraca memoria; aquelle fazerlhes repetir o que se lhes tinha dito, e ajudallos a pronunciar bem as palavras; aquella impaciencia delles; depois a pressa, com que foraõ para casa, começando de longe a levantar as mãos, para mostrar a fruta, que lhe deraõ &c.

Toda esta viva pintura he filha de huma vivissima fantasia poetica, a qual, depois de ter bem concebido com miudeza as partes, e as verdades mais vivas do costume pueril, felizmente o colorio depois com palavras proporcionadas.

Estas mesmas virtudes acharemos em muitas partes do Poema, e Rithmas do grande Camões, insigne Pintor de imagens fantasticas; mas por fugirmos á extensãõ de demasiados exemplos, que a muitos parecerãõ prolixos, daremos hum só, que pertence, como o de cima, á *particularidade*, ou expressãõ individual de qualquer objecto, reduzido do universal ao particular. Abramos o Canto 6. da *Lusiada*, e admiraremos a Estancia 16., e as seguintes:

*Tritaõ, que de ser filho se gloria
Do Rey, e da Salacia veneranda,*

Era

Era mancebo negro , forte , e feyo ,
 Trombeta de seu pay , e seu correyo .
 Os cabellos da barba , e os que decem
 Da cabeça nos hombros , todos eraõ
 Huns limos prenhes de agoa , e bem parecem ,
 Que nunca brando pentem conhecerãõ :
 Nas pontas pendurados naõ fallecem
 Os negros mixilhões , que alli se geraõ :
 Na cabeça por gorra tinha posta
 Huma muy grande casca de lagosta .
 O corpo nu , e os membros genitacs
 Por naõ ter ao nadar impedimento ;
 Mas porém de pequenos animaes
 Do mar , todos cubertos cento , e cento :
 Camarões , e cranguejos , e outros mais ,
 Que recebem de Phebe crescimento ;
 Ostras , e bribigões de musgo sujos ,
 A's costas com a casca os caramujos &c.

A quem naõ parecerá nesta vivissima
 descripção , e imagem poetica , que está ven-
 do com os seus proprios olhos a este monstro
 marinho ? Quanto melhor he esta hipotipo-
 si feita em estylo Asiatico , do que a que nos
 deixou Virgilio do mesmo monstro , retra-
 tando-o com idéa Attica na popa de huma
 não , dizendo na Eneada liv. 10.

*Hunc veheit immanis Triton , & cœrula conchâ
 Exterrens freta , cui laterum tenuis hispida nanti
 Frons hominem præfert , in pristin desinit alvus.*

Ignacio Garcez Ferreira nas Notas , que

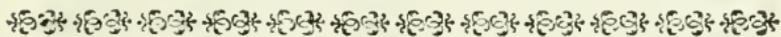
fez a este Poema, judiciosamente diz destas Estancias: *Entra o Poeta a fazer huma admiravel hipotiposi do Tritaõ, em que se observa huma singular fecundidade de imagens poeticas, todas propriiſſimas, e (a meu vêr) todas originaes do seu raro engenbo.* Naõ nos esqueceremos igualmente de huma vivissima imagem, que lemos em Pedro Jacome Martelli na sua *Arte d' amar a Dio*, na qual pinta vivissimamente hum raro costume, mas natural, de hum Pastor cego. Pergunta a este Nicoláo Pepoli, porque está taõ triste em hum Paiz taõ delicioso? Responde-lhe o cego entre outras cousas:

*Se vuoi saper, con che ragione io piango,
Vè in alto là; quella è la mia Capanna:
Qui a cenava il buon Cieco, alzando il dito,
Ed accendò tutto contrario al sito.*

Temos dito o que basta, para perceber por meyo de exemplos em que consiste a força das imagens simples, e naturaes da fantasia; resta por ora só advertirmos, que na classe destas imagens se naõ comprehendem (como erradamente quizerãõ alguns pouco verſados nesta materia) as *amplificações*; isto he, o extender com muitas palavras huma verdade, que de si he breve, descrevendo os antecedentes, os consequentes, os concomitantes, as causas, os effeitos, os relativos, e outros semelhantes modos, com que melhor se vem os objectos, segundo ensinaõ os Mestres da Eloquencia. Se o Poeta der em amplificar as

cou-

cousas , nem por isso poderá justamente dizer, que as pintou , antes muitas vezes causarã tédio aos leitores ; porque a amplificação não he propriamente aquella viva pintura, e evidencia , que se fórma pela fantasia poetica. Porém sobre este particular fallaremos largamente pelo discurso deste Livro, e o provaremos com evidentes exemplos de alguns Authores, que usaraõ de amplificações pouco nobres, engenhosas , e agradaveis.



C A P I T U L O XVII.

Das imagens fantasticas artificiaes ; sua excellencia. Imagens verdadeiras á fantasia por causa dos sentidos ; outras verdadeiras , ou verosimeis por causa do affecto : como se fórma o engano da fantasia &c.

ENtramos agora a fallar das imagens *fantasticas artificiaes*, que são as que mais propriamente, do que as *simplices*, e *naturaes*, reconhecem a fantasia por sua mãy. Tem esta outra maneira, e outro artificio, para pintar bem as cousas, e augmentar á materia a novidade, e belleza. Consiste pois este artificio em explicar as cousas com translações, expressões, e imagens, que sim são falsas a quem observa o sentido directo, mas com toda a sua falsidade são taõ vivas, que imprimem
mais

mais fortemente na fantasia, e entendimentõ alheyo alguma verdade; o que se naõ conseguiria com palavras proprias, e com imagens simples, e directamente verdadeiras. Se dissermos v. g. *Que o mar está em tempestade; que hum Heroe sempre he victorioso; que a belleza do semblante em toda a parte attrahе os corações &c.* naõ poderemos com estas expressões causar aquelle deleite, e novidade, que causaríamos, dizendo: *Que o mar irado faz guerra ás prayas; que sempre a victoria fielmente segue todos os passos daquelle Heroe; que o formoso semblante he hum poderoso iman, que attrahе os corações em toda a parte.* He certo, que similhantes expressões admiravelmente explicaõ, e representaõ com viveza huma verdade, ainda que directamente sejaõ falsas ao entendimento; pois naõ he verdadeiro, que a belleza seja iman, que o mar tenha colera &c. mas dizemo-lo deste modo, para poder imprimir com deleite estas mesmas cousas na fantasia alheya; o que naõ conseguiríamos, se usassemos de palavras proprias, e de expressões, que logo parecessem verdadeiras. Saõ por tanto summamente estimáveis estas imagens, e tanto mais o seraõ na Poesia, quanto mais forem vivas, maravilhosas, novas, insperadas, nobres, e delicadas; isto he, quanto mais fortemente fizerem conceber a qualidade dos affectos, e das cousas, que quizermos representar. Para darmos logo ao principio hum exemplo destas imagens, recorramos ao insigne Mestre o Padre Ceva

no liv. 2. do seu aureo Poema do Puer Jesus :

*Nox erat. In nidis volucres, in frondibus auræ,
Ipsa etiam ripis siagna acclinata quierant;
Et dormire putes, piñasque in gurgite stellas
Esse quiescentis nitidissima somnia lymphæ.
Cum levis in nimbo delapsa volucris alis
Lætitia in terras stellato ex æthere venit:
Cui comes ille ciens animos, & pectora versans
Spiritus à capreis montanis nomen adeptus,
Ignotum Latio nomen; pictoribus ille
Interdum assistens operi, nec segnius instans
Vatibus ante alios, Musis gratissimus hospes &c.*

Veja-se quanto são delicadas estas imagens artificiaes da fantasia poetica, e com quanta novidade, e deleite pinta o Poeta em nós algumas verdades. Observe-se aquelle parecerlhe, que durmaõ as agoas das alagoas; que as estrellas apparentes por causa do reflexo nas mesmas alagoas sejaõ resplandecentes fohos da agoa adormecida; cujo conceito tambem foy do suavissimo Maggi, dizendo :

*L'onda dorme, e scintillante
Con riverbero di stelle,
Par che sogni luci belle,
Fantasie di Cielo amante.*

Parece tambem ao Poeta, que a alegria, como coufa animada, desça do Ceo á Terra, e que traga comfigo o capricho, espirito amicissimo dos Poetas, e dos Pintores. Outra imagem destas igualmente admiravel achamos em

em Gabriel Pereira de Castro na sua *Ulyssæa* cant. 3. Estanc. 2. Concebeo elle na sua fantasia, que hia hum rio lentamente correndo pela planicie de hum sitio delicioso de plantas, flores &c. Pareceo-lhe, que era verdadeiro, ou verosimil, que á vista de tanta delicia ficasse o rio namorado do lugar, e que por esta causa, ou não queria partir dalli, ou não sabia o caminho para o seu curso, e diz assim este Poeta:

*Corre por entre os bosques divertido
Com curso taõ quieto, e socegado,
Que nas ondas se mostra arrependido,
De levar agoa doce ao mar salgado:
Deixava o arvoredado ao Ceo subido,
Dentro no espelho d'agoa seu traslado;
E em suavissima sombra lhe pagava
O ser, e a vida, que a seus troncos dava.*

Estas imagens fantasticas humas vezes consistem em huma só palavra, como v. g. as metaphoras &c. outras em hum sentido, e periodo, como os hyperboles, as allegorias &c., e outras vezes em parabolâs, e outras semelhantes imagens, de que se formão composições inteiras. Imagem fantastica artificial he a metaphora, com que o mesmo Gabriel Pereira descreve no seu Poema a amenidade de hum prado, dizendo:

*Mostrava a terra verde as bellas flores
Vestidas com tal graça, e alegria,*

*De mais finas , e mais suaves cores ,
Que estar-se rindo o prado parecia.*

Com igual conceito , e imagem descreveo hum
ma manhã Luiz Allamani , celebre Poeta Ita-
liano :

*E i depinti augelletti a lei d'intorno
Salutavan cantando il nuovo giorno.*

Com a mesma imagem ideou por boca de
Camões Vasco da Gama a ElRey de Melinde
a grande estatura do gigante Adamaftor , di-
zendo :

*Tão grande era de membros , que bem posso
Certificarte , que este era o segundo
De Rhodes estranhissimo Colosso ,
Que hum dos sete milagres foy do mundo.*

Porém não he este o lugar muy proprio
para estes exemplos , sem primeiro expormos
as imagens , que naturalmente parecem ver-
dadeiras á fantasia por causa dos sentidos. São
estas aquellas , que o sentido naturalmente in-
troduz na fantasia como verdadeiras , ainda
que o entendimento facilmente as descubra
logo por falsas. Quem v. g. no fim da tarde
está no alto mar , e não vê mais que Ceo , e
agoa , quando o Sol se poem , parece-lhe ,
que entra no mar , o que certamente jurariaõ
os olhos. Esta imagem , que de si não he ver-
dadeira , mas só o parece á fantasia por causa
do sentido , he admiravel para o Poeta , usan-
do

do della para causar gosto, e maravilha; porque parece cousa estranha, e maravilhoza o vêr, que este ardente Planeta sem detrimento seu se recolha nas agoas, e que na manhã seguinte se levante dellas mais resplandecente: por isso os Poetas para exprimir o occaso do Sol, disserão com liberdade: *Que se mette no mar; que vay a dormir nas agoas; e que se lava nas ondas &c.* Do mesmo modo disserão, que as figuras de huma pintura bem feita fallão, e são animadas, porque assim parece aos olhos; por isso Tasso descreveo em dous bellissimos versos as figuras de relevo, que estavao no palacio de Armida, dizendo:

*Manca il parlar, di vivo altro non chiedi;
Ne manca questo ancor, se a gli occhi credi.*

Sendo pois certo, que os nossos olhos verdadeiramente vem tão estranhas cousas, não podemos dizer, que o engano provêm delles, mas sim do entendimento, quando este queira cegamente crer o que lhe propoem os sentidos; por isso dizemos, que taes imagens são verdadeiras á fantasia, ainda que directamente o não sejao ao entendimento. Assim são estas, que agora propozemos com o exemplo do occaso do Sol, ao qual podemos ajuntar o de nos parecer tambem, *que as Estrellas cabem do Ceo em huma noite serena de verão; que diversas cores andaão como ondeando no pescoco das pombas; e que as prayas, e terras fogem, quando os navegantes se partem dellas &c.*

como

como fantasiou Virgilio, dizendo no 3. liv. da *Eneida*:

Provehimur portu, terræque, urbesque recedunt.

Este estranho effeito, ainda que falsissimo, parece com tudo verdadeiro aos olhos dos navegantes; e o confirmou Lucrecio com estes versos do livro 4.

*Quâ vehimur, navis fertur, quum stare videtur;
Quæ manet in statione, ea præter creditur ire;
Et fugere ad puppim colles, campique videntur.*

Ha outras imagens fantasticas, as quaes por causa dos affectos são directamente verdadeiras, ou verosimeis á fantasia; e destas he que na verdade deve estar muy rico o thesouro poetico: por isso será util, que digamos qual he a sua natureza, e em que consiste a sua belleza. Formão-se similhantes imagens pela fantasia, quando ella por algum affecto movida une duas diversas imagens simples, e naturaes, e da-lhes hum ser differente de quanto lhe representa o sentido. Deste modo ordinariamente dá a fantasia em imaginar, que são animadas as cousas, que não tem alma. São infinitos os exemplos para prova do que dizemos. Diz Virgilio na primeira Ecloga, que as fontes, e as arvores chamavaõ por Tityro, que se tinha ausentado dos seus campos:

..... *Ipsæ te, Tityre, pinus,
Ipsi te fontes, ipsa hæc arbuta vocabant.*

E na

E na Ecloga 10. diz que as arvores, e as pedras choraraõ, ouvindo o pranto, e olamente de Gallo :

*Illum etiam lauri, illum etiam flevere myricæ ;
Pinifer illum etiam solá sub rupe canentem
Menacus, & gelidi fleverunt antra lycæi.*

Igualmente na Ecloga 5. imitando, como na antecedente a Theocrito, finge que os leões, os campos, e os bosques choraraõ a morte de Daphne :

*Daphni, tuum pænos etiam ingemuisse leones
Interitum, montesque feri, sylvæque loquuntur.*

Hum dos Poetas mais admiraveis, e felices nestas imagens foy o celebre Petrarca. Descreve elle a sua Laura passeando pelo campo, e diz assim :

*L'erbetta verde, e i fior di color mille
Sparsi sotto quell' elce antica, e nera,
Pregan pur, che'l bel piè li prema, o tocchi.*

Muy similhante a esta imagem he outra do mesmo Poeta posta no Soneto 12. da 2. p. onde diz :

*L'acque parlan d'amore, e l' ora, e i rami,
E gli augelletti, & i pesci, e i fiori, e l'erba,
Tutti insieme pregando, ch' io sempre ami.*

Certamente todas estas imagens naõ podiaõ vir á fantasia por meyo dos olhos, ou dos ouvidos; porque naõ se vê, nem ouve, que

que as fontes, as arvores, os campos, e as feras chorem, nem que as flores, as aves, e os peixes roguem a alguem alguma cousa, como fazem os homens. Por isso a fantasia agitada do affecto, e movendo as imagens simples, ajunta v. g. a de huma flor com as acções, que se costumaõ ver nos homens; e com este artificio dá alma a humas imagens taõ bellas, como saõ estas.

Eisaqui como as paixões v. g. da ira, do temor, dos zelos, da esperanza, e da gloria recebem na fantasia de hum Poeta alma, corpo, e tambem movimento. Porém de todos os affectos, e paixões nenhuma he taõ querida, e frequente nos Poetas, como a do amor, ou seja por uso, e abuso, ou talvez porque he a paixão mais agradavel, e confôrme á nossa natureza. Continuemos a recrear o leitor com exemplos destas imagens, e sirva-nos de prova a paixão amorosa. Ouçamos o que em huma das suas Eclogas disse o Principe de Esquilache :

*Que puedo hazer, Pastores?
Aconsejadme fuentes, selvas, prados;
He de morir de amores?
Mas que podeis decir, si enamorados,
Quando Filida os pisa,
Verteis las flores, y doblais la risa?*

Ouçamos igualmente a Camões aquella vivissima, e summamente expressiva imagem do Canto 9. Est. 31. tratando da fragoa do amor :

Nas

*Nas fragoas immortaes, onde forjavaõ
 Para as settas as portas penetrantes,
 Por lenba coraçõens ardendo estavaõ,
 Vivas entranhas inda palpitantes:
 As agoas, onde os ferros temperavaõ,
 Lagrimas saõ de miscros amantes:
 A viva chamma, o nunca morto lume,
 Dejejo he só que queima, e naõ consume.*

Veja-se como por causa do affecto heartificiosa esta imagem fantastica, vestida de huma taõ bella galla de novas, e originaes cores poeticas. Taes saõ (como diz Garcez Ferreira) as da exquisita parabola de *corações por lenba*, e do *desejo por lume*. Até na dicção he admiravel esta Estancia, para em tudo ser optima; pois os versos naõ pódem ser mais numerosos, nem os periodos mais bem compassados. He, como dizem os Pintores, huma pincellada de mestre, se bem que naõ em tudo original; porque tambem figurou a mesma imagem Scipiaõ Herrico na sua *Babylonia Distrutta* C. 5. p. 30., e Mario de Leo nas Oitavas do *Amor preso*. Passemos do Canto 9. ao 3. Est. 135. do mesmo Camões, onde naõ se contentando só de usar desta casta de imagens, adiantou tambem a imitação dos antigos Poetas; pois naõ só introduzio as Nynfas do Mondego a chorar a morte de Dona Ignez de Castro, mas até quiz imitar as metamorphoses dos mesmos Gentios, inventando com feliz fantasia huma transformaçã

 das

das lagrimas daquellas Nynfas em fontes:

*As filhas do Mondego a morte escura,
Longo tempo chorando, memoraraõ ;
E por memoria eterna em fonte pura,
As lagrimas choradas transformaraõ :
O nome lbe puzeraõ, que inda dura,
Dos amores de Ignez, que alli passaraõ :
Vede, que fresca fonte reza as flores,
Que lagrimas saõ agoa, e o nome amores.*

Esta Estancia he huma das mais sublimes da Lusíada pela estrauha imagem fantastica, de que usou o Poeta por causa da paixãõ, fingindo a bellissima, e propriissima metamorphose em allusão á *fonte dos amores*, que ainda hoje existe em Coimbra em huma quinta, que fora jardim do palacio, em que vivera esta infeliz Princeza. Naõ se contentou de dizer aqui o Poeta, como já tinha dito tambem patheticamente no mesmo Canto, Est. 84. fallando da morte de ElRey D. Affonso I. com huma imagem das que já tratámos, apontando alguns exemplos:

*Os altos Promontorios o choraraõ,
E dos rios as agoas saudosas
Os semeados campos alagaraõ,
Com lagrimas correndo piedosas.
Mas tanto pelo mundo se alargaraõ
Com fama suas obras valerosas,
Que sempre no seu Reino chamarãõ
Affonso, Affonso os eccos, mas em vão.*

Em

Em hum amante sempre a fantasia está cheia destas imagens, que provêm do objecto amado. O Affecto violento lhe faz v. g. conceber como rara, e invejada fortuna o estar perto da cousa, que ama. Daqui vem imaginar verdadeira, e naturalmente a fantasia, que todas as outras cousas, como hervas, flores, (segundo os exemplos, que trouxemos) desejem, e suspirem por esta mesma felicidade. Não se pôde com razão duvidar, que esta imagem não pareça á fantasia verdadeira, ou ao menos verosimil: e por isso tem o Poeta sufficiente fundamento para a abraçar, e usar della na Poesia, a qual especialmente requer a pompa de humas proposições maravilhosas, e novas; como no nosso caso he ver fazer acções proprias de cousas animadas ás que não tem alma. He isto hum engano da fantasia namorada; mas o Poeta o representa a outrem do modo que lhe nasceo na sua imaginação, para lhe fazer comprehender vivamente a violencia do affecto, e paixão interna.

Que verdadeiramente haja este engano, e se forme na fantasia huma tal imagem, os mesmos Poetas o confessão algumas vezes, affirmando, que lhes passa pela fantasia aquella imagem, mas não accrescentando, que o crêm. Gabriel Pereira na sua *Ulyssæa* C. 7.

*Mostrava a terra verde as bellas flores,
Vestidas com tal graça, e alegria,*

De

*De mais finas, e mais suaves cores,
Que estarse rindo o prado parecia.*

Eisaqui como o Poeta descreve, segundo lhe passava pela fantasia, esta imagem, que já copiámos, se bem que para outro fim. Diz elle, que lhe parecia, que o prado se estava rindo: como se differa; á minha fantasia parecia isto assim; mas não digo, que seja verdade. Igualmente Petrarca no Soneto 132. part. 1. vendo passar a sua Laura por hum prado, diz, que á tua fantasia lhe parecia, que dos pés desta dama sahia huma virtude tal, que dava vida ás flores:

*Come il candido piè per l' erba fresca
I dolci passi onestamente move;
Virtù, che intorno i fiori apra, e rinove,
Dalle tenere sue piante par ch'esca.*

Tão naturaes são estas imagens, que ainda os mesmos Oradores usão dellas, quando achão lugar proprio, se bem que a sua obrigação he de usar de estylo sincero. Veja-se como huma destas vivas imagens passava pela fantasia de Cicero, quando em publico agradecia a Julio Cesar a graça de ter chamado do desterro a Marco Marcello: *Parietes (diz elle) medius fidius, C. Cesar, ut mihi videtur, hujus Curiae tibi gratias agere gestiunt, quod brevi tempore futura sit illa authoritas in his maiorum suorum, & suis sedibus.* Que as paredes do Senado Romano désssem os agradecimentos a Ce-

far, por querer em breve tempo restituir á Republica a sua antiga dignidade, he certo, que he huma imagem directamente falsa; mas como verdadeira a concebeo a fantasia de Cicero, fazendo, com que os ouvintes percebessem a grandeza do gofsto, que haveria em todos pela acção generosa de Cesar. Naõ quiz porém usar livremente desta imagem, sem pôr aquella limitação *ut mihi videtur*, para mostrar, que era opiniaõ, e imagem da sua fantasia, e que como tal he que se animava a usar della.

Esta liberdade, que com moderação pôde alguma vez entrar na Oratoria, apenas tem lugar na Historia, cuja modesta magestade quasi naõ soffre algum ornato, senaõ o da pura verdade; por isso me parece fóra de proposito huma imagem, de que usa Solis na sua *Historia de Mexico* liv. 1. cap. 8. dizendo: *Llegaron à un promontorio, ò punta de tierra introducida en la jurisdicción de el mar, que al parecer se enfurecía con ella sobre cobrar lo usurpado, y estaba en continua inquietud, porfiando con la resistencia de los peñascos.*

Esta liberdade, que naõ lograõ os Historiadores, e tem com muita sobriedade os Oradores, só nos Poetas tem toda a sua jurisdicção; porque pôdem livremente expor quantas bellezas vem á sua fantasia; nem estaõ obrigados á limitação, dizendo-nos, que *lhes parece*; porque deixaõ isso aos leitores. Por isso Horacio naõ disse, que parecera á sua fan-

fantasia ver a Baccho pelas montanhas ensinando versos ás Nynfas ; mas para logo disse, que o vira. Igualmente Virgilio deſcrevendo a navegação de Eneas com ſeus companheiros pelo Tibre, disse resolutamente, que as ondas daquelle rio, e os bosques ſe admiravaõ de ver aquella gente armada, e aquellas náos pintadas :

.....*Mirantur & undæ,
Miratur nemus infuetum fulgentia longe
Scuta virtum fluvio, pictasque innare carinas.*

Com o exemplo de Virgilio disse Ovidio, que as agoas ſe admiraraõ, quando no mar appareceo a primeira náó :

*Prima malas docuit, mirantibus æquoris undis,
Peliaco pinus vertice cæsa vias.*

E Estacio fallando do rio Ismeno no liv. 9. da *Thebaida*, diz :

.....*Stupet hospita belli
Unda viros, clarâque armorum incenditur umbrâ.*

Tambem naõ sey, que Author discorrendo da alegria do Tejo, por passar por elle huma grande Personagem, disse resolutamente como Horacio, quando vio a Baccho :

*Vidi ego, Neptunus vidit, nutuque probavit,
In mare jam verti; quod modo flumen erat.*

Finalmente daremos fim a este Capitulo, mostrando hum admiravel exemplo de Camões

no Cant. 10. Est. 12. da sua *Lusiada*; onde dando alma ás cousas inanimadas, usa de huma imagem artificialmente fantastica, sem dizer que a sua fantasia se engana no que diz; mas affirmando resolutamente, que a não, e o mar sentiriaõ o pezo de Duarte Pacheco, e que por esta causa gemeriaõ tambem os troncos dentro da agoa, &c.

*E canta como lá se embarcaria
Em Bellem o remedio deste damno,
(Sem saber o que em si o mar trazia)
O graõ Pacheco, Aquilles Lusitano.
O pezo sentirão, quando entraria,
O curvo lenho, e o fervido Oceano,
Quando mais n' agoa os troncos, que gemerem,
Contra sua natureza se metterem.*

Veja-se quanto mais melhorada está a imagem, do que a de Virgilio, quando disse no liv. 6.

..... *Simul accipit alveo
Ingentem Æneam; gemuit sub pondere cymba,
Sutilis, & multam accepit rimosa paludem.*

Mas entre estes bellos enganos da fantasia não ha talvez algum, que seja mais conhecido, e usado dos Poetas, como aquelle, que faz animado ao amor. Considerava a fantasia dos antiquissimos Poetas gentios quanta fosse a virtude, e força do amor, e pareceo-lhe, que elle tinha hum não sey que de divino; e cresceo tanto este idolo fantastico, que imaginaraõ ser verdadeiramente hum Deos. Este erro,

erro, que tiveraõ os Poetas antigos, e ainda os mesmos Filozofos, naõ tem o entendimento dos Christãos, os quaes bem sabem pelas luzes da nossa verdadeira Religiaõ, que o amor naõ he divindade, como se fingio, mas sim unicamente huma paixãõ do nosso animo. Com tudo quando os nossos Poetas trataõ de algum sujeito namorado, ou elles tambem o estaõ, parece-lhes na sua fantasia, que estaõ vendo o amor como pessoa animada; e que fallaõ com elle, attribuindo-lhe todas as acções, naõ só de pessoa animada, mas ainda dotada de hum poder divino. Destas determinadas imagens, com que a fantasia se deixa enganar, foy fecundissimo o engenho de Camões. Leaõ-se as suas Rithmas, que se encontrarãõ para exemplos muitos Sonetos. Admiravel he o 20. da 1. part. dizendo:

*N'um bosque, que de Ninfas se habitava,
Sibella, linda Ninfa, andava hum dia,
E subida em hum arvore sombria,
As amarellas flores apanhava.*

*Cupido, que alli sempre costumava
A vir passar a sésta á sombra fria,
Em hum ramo arco, e settas, que trazia,
Antes que dormeçesse, pendurava.*

*A Ninfa, como idoneo tempo vira
Para tamanha empreza, naõ dilata;
Mas co' as armas foge ao moço esquivo:*

As

*As settas traz nos olhos, com que atira;
 Ob Pastores fugi; que a todos mata,
 Senão a mim, que de matarme vivo.*

Igualmente no Soneto 8. da 1. part. pareceo â fantasia poetica do nosso Poeta, que vira ao amor, que lhe mostrava vivas faiscas &c. diz assim:

*Amor, que o gesto humano n'alma escreve,
 Vivas faiscas me mostrou hum dia,
 Donde hum puro crystal se derretia,
 Por entre vivas rosas, e alva neve &c.*

Seria hum nunca acabar, se quizeffemos buscar neste Poeta semelhantes imagens, para authorizar o que dizemos. Passe o leitor pelos olhos as suas Rithmas, e fará com que não sejamos prolixos; vicio, em que cuidamos muito não cabir, para que se não diga, que queremos ostentar erudição. Porém antes que acabemos este Capitulo, parece-nos justo apontar alguns exemplos de Petrarca, que verdadeiramente foy o mais delicado Pintor destas imagens. Pareceo á fantasia deste Poeta, que o amor, isto he, aquella imaginada divindade para se vingar hum dia de tantas offensas, que elle lhe fizera, occultamente o ferira com huma setta, e diz assim:

*Per far' una leggiadra sua vendetta,
 E punir' in un dì ben mille offese,
 Celatamente Amor l' arco riprese,
 Com' uom, che a nuocer luogo, e tempo aspetta &c.*

No

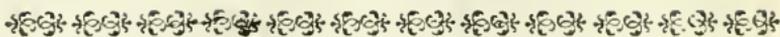
No Soneto 28. part. 1. claramente diz, que diante da sua fantasia tinha a imagem animada do Amor: e depois de ter dito, que andava cuidadosamente pelos lugares solitarios, para que ninguem soubesse, que elle tinha taõ violenta paixãõ amorosa, accrescenta estes tres versos, que na Pintura poetica merecem particular estimaçaõ:

*Ma pur si aspre vie, nè si selvagge
Cercar non so, che amor non venga sempre
Ragionando con meco; ed io con lui.*

O que tornou a repetir no Soneto 25. da 2.ª p. dizendo com esta bellissima imagem, que entre as dos Poetas bons he como hum quadro de Rafael:

*Amor, che meco, al buon tempo stavi
Fra queste rive a' pensier nostri amiche,
E per saldar le ragion nostre antiche,
Meco, e col fiume ragionando andavi.*

Eisaqui como os bons mestres concebendo com arte os affectos, e paixões proprias do seu assumpto, voaõ com a fantasia á mais alta regiaõ sem o risco de cahir; porque sempre levaõ por guia o juizo, a arte, e a prudencia. Pelo contrario os máos Poetas entregando-se totalmente ao arbitrio da sua desordenada imaginaçaõ, e correndo á redea solta, porque não buscaõ a guia da Arte, facilmente cahem naquelles precipicios, que já he tempo advertir, e os mostraremos no Capitulo que se segue.



CAPITULO XVIII.

Da proporção, relação, e similhaça, com que o juizo regula as imagens da fantasia.

SE as imagens fantasticas bem pintadas daõ alma á Poesia, as que são formadas sem juizo, e sem arte lhe tiraõ toda a viveza, e os bons intelligentes as reputaõ por cadaveres. Na proporção, na ordem, e unidade he que consiste a belleza poetica; de sorte, que as cousas, que directamente se lhe oppoem saõ a desordem, a impropriedade, a desproporção, e a desuniaõ. He sentença de Horacio na sua Poetica, dizendo, que todos se ririaõ, se hum Pintor fizesse hum painel, no qual pintasse huma cabeça de mulher com peçoço de cavallo, e rematasse esta figura com huma cauda de peixe:

*Humano capiti cervicem Piçtor equinam
Jungere si velit, & varias inducere formas,
Undique collatis membris, ut turpiter atrum
Desinat in piscem mulier formosa supernè,
Speçtatum admissi risum teneatis amici?
Credite, Pisones, isti tabulæ fore librum
Persimilem, cujus, velut ægri somnia vanæ
Fingentur species, ut nec pes, nec caput uni
Reddatur formæ.*

Naõ seria esta figura mais ridicula, e disforme, que a de huma imagem da fantasia estragada, sem connexaõ, sem juizo, e (como se costuma dizer) sem pés, nem cabeça. He a fantasia poetica como hum cavallo muy fogofo, o qual para naõ ser desenfreado, he preciso, que se sujeite ás regras da Arte. A mesma desordem, que ha, faltando esta ao bruto, se experimenta na fantasia, quando as suas imagens, por naõ serem dirigidas pelo entendimento, naõ tem a sua devida proporçaõ, e fundamento, para naõ serem tidas por excessivas, atrevidas, ou improprias. Estas circumstancias faltaõ certamente em muitas obras de Poetas, que tem conseguido grande nome; porque floreceraõ em século, em que reinava hum gosto estragado, naõ só em Portugal, e Hespanha, mas ainda por Italia, e França. Para mostrar, que naõ havendo proporçaõ nas imagens fantasticas da Poesia, necessariamente haõ de ser estas montruosas, usaremos de huma justa critica, apontando alguns exemplos, entre infinitos, que se poderiaõ transcrever. Principiemos por hum delirio de Luiz Peres de Montalvaõ na sua Comedia do *Marechal de Biron*. Diz elle assim, descrevendo o merecimento de hum Principe:

*Aquel, de cuyo coraçõ valiente
El Sol es Coronista solamente,
Porque a sus hechos solos
Aun estrechos le vienen ambos polos.*

Y assy

*Y assi el Ciel, que sabe,
 Que en solo su papel su nombre cabe,
 Deve ya detener sin duda alguna
 Destombrada la esfera de la Luna,
 Para que en su distancia
 Vaya escrivendo sus Anales Francia.*

Ainda que esta imagem per si mesma fosse bem formada, com tudo não devia (como diremos em seu lugar) entrar sem huma Comedia (ou seja Tragedia) onde a fantasia de quem falla, imitando a natureza, e o costume, se regula severamente pelo entendimento. Porém deixando á parte esta observação, e considerando esta imagem em si mesma, não podemos deixar de dizer, que seu Author a não formou, segundo a natureza das cousas, nem traz consigo hum tal fundamento, que a possa fazer parecer verosimil á fantasia, e merecer por isto a approvação do entendimento. Supponhamos muito embora, que o Ceo seja animado, e que conheça, como imaginou a fantasia, o merecimento daquelle Principe; pede sempre a razão, que se attribuaõ accções proprias, e verosimeis a este Ceo animado.

Ora não só he pouco verosimil, mas totalmente cousa desproporcionada a accção, que o Poeta lhe attribue. O Ceo se tivesse alma, nunca entenderia, que sómente nos seus immensos espaços (que tanto quer significar com a metaphora pouco bem considerada do

papel) he que poderia caber o nome daquelle Heroe ; e menos lhe viria já mais ao pensamento de fazer á Lua tal prejuizo , para que na sua esfêra se podessem descrever as acções deste Principe. Fazendo-se esta mesma consideração sobre huma imagem de Marino, pôde ser que não a approve o bom juizo critico , ou seja como nascida do entendimento, ou da fantasia. Falla elle da cithara de Orpheo morto , e diz , que se vio hirem as abelhas chupar mel das cordas :

*Dalle stemprate corde
Raccontasi che furo
Sugger dolcezze Iblee vedute l' api.*

Ainda que as abelhas tivessem alma racional (como pôde imaginar a fantasia de hum Poeta) e percebessem a virtude de Orpheo , e da sua cithara , com tudo nunca seria verosimil , e proprio da sua natureza o chupar mel daquellas cordas , as quaes sem duvida não tinham a propriedade das flores , nem a natureza de poder dar mel ; isto he , fazer ridiculas , e nescias ás que são tão engenhosas , e astutas , não tendo alma racional. Igualmente deveriamos reputar ridiculo o Ceo , quando sendo animado , obrasse como pretende o talento , e boa idéa de Montalvão. Nem se me diga , que sahindo da cithara de Orpheo , em quanto vivo , huma maravilhosa doçura , se podia tambem dizer , que della sahia mel , como já disse-

differaõ Homero da lingua de Nestor, e Ovidio da de Pifaõ, no verio :

Inclita Nestorei cedit tibi gratia mellis.

Por quanto demos de barato , que se possa dizer , que de huma cithara , ou da boca de hum homem sahe mel (o que naõ disse Homero , mas só que da bocca de Nestor sahiaõ palavras mais doces , que o mel) com tudo como o entendimento sabe , que este mel he só imaginado pela fantasia poetica , e naõ verdadeiro , naõ póde elle , ou naõ deve approvar a outra imagem fundada na primeira ; porque nem ainda á imaginaçãõ he verosimil , que as abelhas queiraõ chupar este mel sonhado. Este modo de conceituar he o mesmo , que fazer huma fabrica sem fundamento algum , que vem logo a baixo com qualquer impulso do vento.

Continuemos o nosso assumpto. Naõ seria proposiçãõ paradoxica , e muy rara , se se podesse provar , que nem por isso está ausente huma pessoa , ainda que esteja muy distante ? He certo , que sim : pois Lope da Vega no Soneto 94. pertende provar este paradoxo , formando huma falsa illaçãõ do Sol verdadeiro a hum metaforico :

Si de mi vida con su luz reparte

Tu Sol los dias, quando verte intente ,

Que importa , que me acerque , ò que me aparte?

Don.

*Donde quiera se vê su hermoso oriente ;
Pues si se vê desde qualquiera parte ,
Quien es mi Sol no puede estar ausente .*

Veja-se quanto he fraco o fundamento deste conceito , e a base desta imagem ; pois attribue o Poeta ao Sol metaforico de huma dama as mesmas qualidades , e attributos , que tem o verdadeiro . O mesmo Poeta em outro Soneto tirou huma conclusaõ tal como a passada , dizendo :

Dentro de el Sol sin abrasarme anduve .

Como se naõ fosse cousa muito facil , e natural , que naõ abrasasse hum Sol metaforico . Estes castellos armados no ar saõ fabricas , que agradaraõ a Calderon , dizendo tambem este conceito em huma Copla :

*Ardo , y lloro sin sociego ,
Llorando , y ardiendo tanto ,
Que ni al fuego apaga el llanto ,
Ni al llanto consume el fuego .*

Naõ advertio este grande Comico do seculo passado , que só o fogo real se apaga com a agoa , e naõ o que he imaginario , como o do amor . O mesmo passou por alto a Gongora , dizendo em hum Soneto a Santo Ignacio :

Ardiendo en aguas muertas llamas vivas .

Como se fora milagre (segundo diz judicio-
famen-

famente Luzan) que ardaõ chammas vivas em hum lugar chamado *Aguas mortas*, e mayormente se foffem estas chammas metaforicas do amor divino. Porém leamos deste mesmo Poeta huma imagem bem disforme, que traz no feu *Polifemo*, Estanc. 53. introduzindo a este gigante a fallar com Galatea, a quem diz, como em hum dia sereno se vira nas aguas de huma praya:

*Mirême, y luzir vi un Sol en mi frente,
Quando en el Cielo un ojo se veía,
Neutra el agua dudava, a qual se preste,
Al Cielo humano, ò al Ciclope celeste.*

Naõ ha conceito mais falso, nem imagem mais inverosimil. Em que convem o Ceo com Polifemo, e Polifemo com o Ceo, para o Ceo ser hum celeste Polifemo, e Polifemo hum humano Ceo? Tirou o Poeta esta illaçãõ, porque na linguagem das metáforas chama-se ao Sol *Olho do Ceo*, e ao olho *Sol da cara*. Eisaqui como por falta dos fundamentos, que temos allegado, se estraga a fantasia poetica; e neste exemplo se vê quanto fica escura, e remota toda a translaçãõ, que nasceo de outra. Neste mesmo vicio, e sobre este mesmo sujeito de Polifemo cahio Thomaz Stigliani no feu Poema pastoral intitulado *Polifemo*, quando disse no liv. 2.

*Chi più bello del Ciel, da cui si suole
Ogni bellezza dirivar frà noi?*

E pur?

*E pur' hà un' occhio in faccia, io dico il Sole,
 Con cui mira dá Mori a' liti Eoi;
 Egli nel mar, io nel mio scoglio il celo,
 Egli gran Polifemo, io picciol' Cielo.*

Naõ confiste nisto a belleza poetica, ainda que a muitos pareça o contrario, por serem como os meninos, ou hum simples rustico, que estimaõ o lataõ como o ouro, e o crystal como o diamante. Como estes leitores naõ penetraõ o fundo das cousas, ficaõ na superficie. A belleza poetica está fundada na verdade, e compoem-se de perfeições reaes, naõ de desconcertos, ou illusões aereas. Nunca ao entendimento póde directa, ou indirectamente parecer verdadeiro o que he falso, porque foy creado para conhecer a verdade, excepto se elle está depravado, pelo desconcerto dos orgãos.

Similhantes sofismas só em dous casos se pódem permittir. O primeiro he no estylo jocoso, no qual o fim como he promovêr o riso, muito bem se consegue com estes conceitos falsos no sentido metaforico, ou equivoco, segundo todos os Authores. Por isso devemos louvar similhantes imagens no *Polifemo* de Jacintho Frêire de Andrade por escrever esta fabula em tal estylo, e nas obras de outros Poetas, que escolheraõ o mesmo, como saõ as do famoso Cego Joseph de Sousa, que modernamente se imprimiraõ. O segundo caso he, quando o Poeta mostra, que está delirante,

rante, e frenetico por causa da paixãõ, que o violenta. Entãõ pede a natureza, que hum homem como louco naõ atine a discorrer formalmente, e a formar conceitos verdadeiros. He natural, que o que só he imaginaçãõ, o crea como realidade. Assim o observou onosso Diogo Bernardes excellent Poeta Bucolico, quando disse na Ecloga 3.

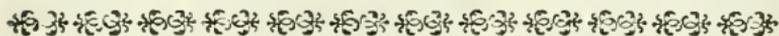
*A viva chamma, aquelle intenso ardor,
Que brando sinto já pelo costume;
De noite de si dá tal resplendor,
Que mil Pastores vem a buscar lume.*

Finge o Poeta, que tem a imaginaçãõ estragada á violencia do seu amor; e por isso af-senta, que do fogo, em que se abraza o seu peito, sahe hum tal resplendor, que os Pastores pódem accender lume neste fogo metaforico. Imitou Bernardes neste conceito falso a Porcio Licinio Poeta antigo, o qual em hum elegante Epigramma, disse tambem:

*Custodes ovium, teneræque propaginis agnũm,
Queritis ignem? Ite huc: queritis? Ignis homo est.
Si digito attigero, incendam sylvam simul omnem,
Omne pecus flamma est, omnia quæ video.*

Igualmente fingio este Poeta Latino, que por causa do amor estava frenetico, e o delirio lhe fez imaginar, que era verdadeiro fogo o que nascia da sua paixãõ amorosa; e por isso capaz de abraçar quanto tocasse com o dedo. Bastem estes poucos exemplos, entre innumera-
veis,

veis, que se poderiaõ transcrever, para mostrar, que sem a *Relaçãõ*, *Proporçãõ*, e *Similhança* naõ póde o entendimento regular as imagens da fantasia.



C A P I T U L O XIX.

Dos raptos, e extasis da fantasia

Q Uanto mais forte for a paixãõ reinante da fantasia do Poeta, tanto mais vivas, e atrevidas pódem sahir as imagens. Nem por isso deixarãõ de ser mais bellas; porque explicaõ maravilhosamente a violencia do affecto; e esta serve de fundamento á fantasia, para crer estas imagens como verdadeiras, ou verosimeis. Quando melhor se conhece esta verdade, he naquelles delirios poeticos, a que nós damos o nome de *raptos*, e *extasis* da fantasia, que saõ o ultimo, e glorioso excessõ desta potencia. Saõ, torno a dizer, bellissimas estas imagens, porque nunca perdem de vista a natureza. Quando os Poetas em honra de Baccho entravaõ a compor versos Dithirambicos, fingiaõ, que estavaõ embriagados. Como quem assim está naturalmente fórma na fantasia humas imagens muy estranhas, irregulares, e inverosimeis, por isso estes Poetas costumavaõ usar destes raptos, a fim de fingirem, e representarem, que estavaõ em-

briagados. Ninguem duvidará, que elles nisto imitavaõ a natureza, representando naõ só o que he verosimil, mas ainda verdadeiro nas operações de quem tem bebido muito; e o mesmo succede, quando ha outra paixãõ tambem forte, que occupa a fantasia do Poeta, como já apontámos no Capitulo antecedente.

Hum admiravel extasis he o que lemos no liv. 2. *Od.* 20. do Principe dos Lyricos Latinos. Desejava, e esperava Horacio, ou para melhor dizer, cria como certa a eternidade do seu nome por causa dos versos, que fizera, os quaes elle muito bem conhecia, que eraõ dignos de immortalidade. Com esta taõ justa ambição começou a agitar-se a sua fantasia; motivo porque lhe veyo a parecer, que já naõ era homem daquella baixa condição, de que a fortuna o fez nascer, mas que se havia transformado em hum candido Cisne, e que livremente voava, discorrendo pela terra, segundo lhe parecia. Brada depois este Poeta, e quer, que lhe poupem as lagrimas, e a pompa da sepultura; porque elle já naõ ha de morrer mais, nem tem necessidade de sepulchro. Ouçamo-lo, como falla a Mecenas:

*Non usitatâ, nec tenui ferar
Pennâ, biformis per liquidum æthera
Vates; neque in terris morabor
Longius, invidiâque maior.*

Urbes relinquam &c.

Jam jam residunt. cruribus asperæ

Pelles;

*Pelles, & album mutor in alitem
Superna: nascunturque leves
Per digitos, humerosque plumæ.*

Eu persuado-me, que Horacio neste extasi, que fingio, imitou a Ennio, o qual, segundo A. Gellio, tambem se fez passaro no Epitafio, que compoz para si, dizendo, que ainda depois de morto voava vivo nas bocas dos homens:

*Nemo me lacrymis decoret, nec funera flectu
Faxit; cur? Volito vivu' per ora virum.*

Naõ se póde negar, que estas, e outras imagens fantasticas usadas por Horacio naõ sejaõ muito estranhas. Com tudo considerando-se este delirio como hum raptio da fantasia, agitada de hum intimo desejo da gloria, e do conhecimento do proprio merecimento, facilmente o reputamos bello, e judicioso, exprimindo com admiravel força o conceito do Poeta. Além deste fogo da paixãõ, tem a imaginativa esquentada outro fundamento para ter por verosimil a transformaçãõ de hum Poeta em hum Cisne. Muitas vezes tem ella ouvido dizer, que aos Poetas se dá o nome de Cisne, e que estes cantaõ com a mesma suavidade, com que o vulgo crê, que cantaõ os Cisnes; e tanto assim, que o mesmo Horacio, sem se suppor arrebatado, usou desta mesma imagem no Panegyrico a Pindaro, liv. 4. *Od.* 2. No mesmo Poeta se póde observar outro

extasi, que lhe causou Baccho, para que cantasse os louvores de Augusto. Principia assim a Ode:

*Quo me, Bacche, rapis tui
Plenum? Quae in nemora, aut quas agor in specus? &c.*

Mas passemos dos antigos aos modernos Poetas, nos quaes não faltaõ exemplos, com que provemos os raptos poeticos. Celebrou o Padre Antonio Vieira em verso a delicadeza, e perfeição de huma Custodiã feita de cortiça; e finge a sua fantasia arrebatada, ou elle mesmo pela Musa, dizendo deste modo a respeito de ter já deixado a Poesia havia muitos annos:

*Quò me Musa rapit? Longumque relictus Apollo
Extinctos iterum, juvenes, quos lusimus, ignes,
Frigentemque etate jubet recalescere flammam?
Corticis est quae forma senem pulcherrima Vatem
Concipere Aonios effeta mente furores,
Suspensamque lyram, fractumque resumere plectrum
Cogit, & oblitos reminisci carmine fontes.*

Porém como não he sempre possível, que haja huma paixãõ taõ violenta, nem he licito aos Poetas usar a miudo destes taes extasis da fantasia, ha outra especie de movimentos internos, que são os chamados *Voos poeticos*, dos quaes usaraõ mais os Poetas. Ainda que elles não finjaõ, que se vem voando pelo ar, como parece á sua fantasia, com tudo sempre he poeticamente verdade, que voaõ, ou
tem

tem virtude de voar. Isto succede quando elles tendo a fantasia cheya de algum forte affecto, e agitando-a com vehemencia, discorrem com o pensamento por diversas, e estranhas imagens, sem observar ordem, nem uniaõ, que ordinariamente costuma haver, quando a fantasia quieta se regula pelo entendimento. Confirma esta sentença hum lugar de Lucrecio, que diz :

*Avia Pieridum peragro loca, nullius ante
Trita solo; juvat integros accedere fontes,
Atque haurire; juvatque novos decerpere flores,
Insignemque meo capiti petere inde coronam;
Unde prius nulli velarint tempora Musæ.*

Igualmente me parece admiravel outro rapto, ou voo poetico, que li em hum Poema, que anda com outros mais em huma Collecção intitulaça : *Applausos da Universidade de Coimbra a ElRey nosso Senhor D. João IV.* feitos na Acclamação deste Principe. Veja-se a pag. 34. v.

*Quid tamen aspicio? Densam per compita turmam
Ire equitum video? Mediã sub nocte resulget
Germano sine Sole dies? Quàm leta paratu
Pompa animos, avidosque oculos prædatur! Olympi
Quantum sydereos rapiunt spectacula Cives!*

Outra imagem similhante de voo fantastico lemos no livro *Carmina selecta* do nosso celebre Padre Macedo, descrevendo a coroação de Alexandre VII, e principia assim:

Quas

*Quas ego conspicio per nubila rupta cohortes
 Aligeram properare viam? Stellasque sequentes
 Inclinare polum (tanta est ea turba) Juventus
 Quò Romana ruit stimulis agitata videndi,
 Quæ vetus exhibuit nunquàm spectacula Roma? &c.*

Porém quando fazem melhor effeito na Poesia estes voos, que perturbaõ a ordem, e uniaõ ordinaria da fantasia, he quando o Poeta ora falla com hum objecto, que está muy distante, e que tambem o suppoem animado a sua imaginaçãõ, ora falla comfigo mesmo, ora se entristece, ora se alegra, ora se encoleriza, e em huma palavra, voa por mil diferentes paixões, e imagens. Foy Petrarca taõ divino nestes voos, que he preciso recorrer a elle, primeiro que a outros Poetas. Chegou-lhe á noticia, que morrera a sua Laura: e para explicar as duas paixões de sentimento, e de amor, que vivamente batalhavaõ no seu coraçãõ, falla ao Amor com esta bellissima imagem:

*Che debb' io far? Che mi consigli, Amore?
 Tempo è ben di morire,
 Ed ho tardato più, ch'io non vorrei.
 Madonna è morta, ed ha seco il mio core,
 E volendol seguire
 Interromper convien questi anni rei &c.*

Continua a discorrer com o Amor nesta Canção, e logo irado se volta a fallar com o mundo, porque naõ chora com elle:

Abi

*Ahi! Orbo mondo ingrato,
 Gran cagion' hai di dover pianger meco,
 Che quel Bel, ch'era in te, perduto hai seco.*

Deixa de discorrer com o mundo, e passa a fallar comfigo mesmo, e a confiderar a belleza, e predicados da sua Laura, com a qual falla tambem depois, e logo com as mulheres, rogando-lhes, que tenhaõ piedade delle. Finalmente diz, que já a si mesmo se teria morto, se o Amor lho não impedira, fallando-lhe no coração; e passa a narrar as mesmas palavras, que lhe pareciaõ ser ditas pelo Amor. Admiravel he certamente esta Canção para provar quaes são os voos poeticos, que pódem arrebatat a quem conhece, em que consiste a belleza, e bom gosto da Poesia. Por observar brevidade a não copiamos toda; mas rogamos ao Leitor, que a lea para se recrear. He a primeira da segunda Parte.

Igualmente insigne na delicadeza de formar os voos poeticos foy Virgilio. Diz elle na Ecloga 3. por boca de Dametas:

Oh quoties, & que nobis Galatea loquuta est!

Voa a fantasia namorada deste Pastor a formar huma imagem de ternura, que ninguem esperasse, e contiua, dizendo:

Partem aliquam, venti, Divûm referatis ad aures.

Não se podia descobrir cousa, que moveffe
 mais

mais a ternura, do que rogar aos ventos, que queiraõ levar alguma parte daquellas suas doces palavras aos ouvidos dos Deoses; quasi imaginando, que ellas naõ só eraõ dignas de que elles as ouvissem, mas ainda poderosas de accrescentar ás Divindades a sua bemaventurada felicidade. Tanta doçura acha este Pastor nas palavras daquella Nynfa!

Naõ he menos bello outro voo do mesmo Poeta na Ecloga 8. onde depois de dizer o mesmo Dametas, que a formosa Nisa, a quem elle amara muito, casara com Mopso Pastor muy feyo, voa com enfase a dizer:

Mopso Nisa datur. Quid non speremus amantes?

Entre todos estes voos enfaticos da Poesia merece hum particular louvor o de *Efigenia* na Tragedia de Monsieur *Racine*. Finge o Poeta a esta donzella amante, e amada de Achilles, já destinada a ser victima no altar por determinação do Oraculo, que assim o dispozera. Oppondo-se Achilles a hum taõ barbaro sacrificio, manda Agamemnon a sua filha, que naõ falle mais com Achilles, mas antes o aborreça. Narra Efigenia este preceito, e voa depois em hum instante com o pensamento aos Deoses, dizendo: O' Deoses mais benignos! Vós naõ pedistes mais, que a minha vida.

Dieux plus doux! Vous n'avez demandé que ma vie.

Naõ se podia mais viva, e engenhosamente expli-

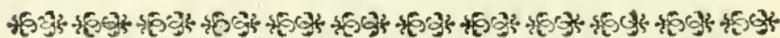
explicar a violencia do amor, que Efigenia tinha a Achilles, nem dizerse com mais belleza, que ella reputava por partido muito mais duro o naõ dever amar a Achilles, que o dever ficar sem vida, mostrando ao mesmo tempo ser mayor a crueldade de seu pay, que a dos Deoses, que a queriaõ sacrificada.

Na mesma Tragedia Agamemnon, que quer obedecer ao Oraculo sacrificando sua filha, e enternecendo-se, ouvindo as queixas de Clitemnestra, volta-se a fallar com os Deoses lembrado de que era pay, e diz-lhes: *Como deviaõ deixar-lhe hum coração de pay, impondo-lhe huma ley taõ violenta?*

*Helas! En m' imposant une loy si severe,
Grâds Dieux, me deviez-vous laisser un cœur de Pere?*

Porém quanto tem de attractivos estes voos poeticos, tanto tem de difficultosos. Deve o Poeta advertir, que está obrigado a medir as qualidades do sujeito, e observar, se elle póde natural, e verosimilmente mover tanto a fantasia, que racionalmente se possaõ usar estes voos poeticos. Se se propozerem á sua Musa objectos grandes, magestosos, e naõ ordinarios, ou seja por belleza, ou por virtude, ou por vicio, ou por outra qualquer causa, poderá agitar-se muito a fantasia quasi sempre com verosimilhança; e seraõ por isto naturaes os voos, e igualmente convenientes as figuras sublimes, e as imagens magestosas. Pelo contrario as cousas humildes, e aquellas,
que

naõ tem, ou naõ pódem ter força para excitar huma paixãõ vehemente na nossa fantasia, pedem aquella moderaçaõ, e aquella ordem de discorrer, que em tal caso costuma ter a fantasia, que naõ está esquentada. Aos objectos, v. g. pastoris, como saõ humildes, naõ se concede facilmente a liberdade, e uso dos voos sublimes. Naõ podemos negar, que tambem nestes sujeitos se move, e esquentã a fantasia, porém naõ de modo, que queira fubir ao ar, e bater as azas com força: *In parvis rebus* (dizia Cicero no 2. liv. de Orat.) *non sunt adhibendæ dicendi faces.*



C A P I T U L O XX.

Do engenho, e das imagens intellectuaes, ou engenhosas; imagens de similhança; varios modos de usar dellas; formaçaõ das metáforas.

DEpois de termos discorrido com a brevidade, que nos foy possível, da *fantasia*, a qual mostrámos ser (digamo-lo assim) como hum toucador, em que se encontraõ todos os enfeites para ornarse a belleza poetica; resta agora fallar alguma cousa sobre o *engenho*, o qual he outro thesouro das Musas naõ menos importante. Nenhuma outra cousa he o *engenho*, senaõ aquella virtude, e força activa, com que o entendimento recolhe,
une,

une, e acha as similhanças, as relações, e as razões das cousas. Para melhor se entender esta tal qual definição, he preciso observar, que de dous modos pôde especialmente o entendimento exercitar a sua força, e virtude, a que nós chamamos *engenho*. O primeiro modo he penetrando o interior das cousas, e comprehendendo a sua razão, qualidade, e natureza. O segundo he voando velozmente sobre mil objectos differentes, e distantes, e depois recolhendo as similhanças, as correspondencias, e os laços, que prendem a estes diversos objectos. O que souber obrar com o seu entendimento do primeiro modo, he dotado de engenho penetrante, e agudo; e o que tiver mais actividade para discorrer do segundo, he ornado de engenho vasto: e de ambas estas operações do entendimento nascem, como de duas abundantissimas fontes, conceitos bellos, e nobres para adorno da Poesia. Começemos pelas similhanças, mostrando como o entendimento possa fazer isto.

Qualquer que puzer fixamente os olhos do entendimento nos objectos, de que se compoem a grande Republica dos tres mundos, de que já tratámos, facilmente verá, que todos estes objectos, ainda que estejaõ, ou pareçaõ distantes, diversos, e ainda muitas vezes entre si contrarios, com tudo concordaõ, e saõ em alguma parte similhantes por alguma sua qualidade, e razão. De sua natureza he entre si couãa bem diversa hum *rochedo*, e huma

huma *mulher*; com tudo se esta for dotada de huma sevêra honestidade, e resistir fortemente aos assaltos de quem a ama, ella ahi semelhante a hum rochedo, que com igual resistencia não faz caso dos assaltos das ondas. O mesmo se pôde dizer de todas as cousas, de que se compoem este mundo.

Ora esta, e outras similhanças, que o entendimento achou, e recolheo, são as que chamamos *imagens intellectuaes*, ou *engenhosas*, para que se não confundaõ com as da fantasia: não já porque a fantasia não sirva ao entendimento no achar, e unir as similhanças; mas porque parece esta operaçãõ mais propria do entendimento, parecendo-lhe estas *imagens* directamente verdadeiras, ou verosimeis. A fantasia lhe representa os objectos entre si diversissimos, e distantes; elle fixando a vista, recolhe quanto verdadeiramente ha de similhança entre elles. Tanto mais serão bellas estas *imagens*, quanto mais se forem buscar as similhanças a objectos entre si remotos, e nobres, e quanto mais novas, e inspiradas forem; porque da novidade he que nasce a maravilha, e o deleite. Com esta sentença não se persuada alguém, que he pouco abundante esta fonte de *imagens* engenhosas, e que o Poeta usando muitas vezes dellas correria no perigo de causar tédio ao leitor.

São tantos, e tão varios os modos, com que se pôde, e costuma usar das similhanças, que he facil aos Poetas extrahir innumeraveis

con-

conceitos sem o temor de enfastiar. De dous modos porém he que pela mayor parte se usa dellas na Poesia. O primeiro he quando se trazem unicamente por ornato, a fim de explicar melhor huma cousa, ou pintalla, e exprimilla com mais valentia. Chamaõ-se entaõ a estas similhanças *comparações*, fazendo-se parallelo entre huma cousa, e outra. Nellas foy verdadeiramente admiravel o nosso Camões. Lea-se a Estanc. 38. do Cant. 2. que diz, falando de Venus:

*E mostrando no angelico semblante
Co' riso huma tristeza misturada,
Como Dama, que foy do incauto amante
Em brincos amorosos maltratada;
Que se queixa, e se ri n'um mesmo instante,
E se torna, entre alegre, magoada;
Desta arte a Deosa, a quem nenhũa igualla,
Mais mimosa, que triste, ao Padre falla.*

Igual viveza, e propriedade se conhece em outra comparação, de que usou este Poeta no mesmo Cant. 2. Estanc. 43. tratando do mimo, com que Jupiter consolou a Venus chorosa:

*E co' seu apertando o rosto amado,
Que os soluços, e lagrimas augmenta,
Como menino da ama castigado,
Que quem o affaga, o choro lhe accrescenta &c.*

Merece Estacio, que neste lugar façamos tambem memoria de huma sua felicissima com-
para-

paração, que traz no liv. 10. da sua *Thebaida* nestes versos:

*Ut lea, quam sævo fætami pressere cubili
Venantes Numidæ, natos erecta superstat
Mente sub incertâ, torvum ac miserabile frendens.
Illa quidem turbare globos, & frangere morsu
Tela queat; sed prolis amor crudelia vincit
Pectora; & in mediâ catulos circumspicit irâ.*

Cuja comparação felizmente imitou o Ariosto no Canto 19. do seu *Orlando Furioso*, mudando de leoa para urfa, com a qual compara a Medoro, que queria defender a sua vida dos inimigos, mas ao mesmo tempo não queria apartar-se do amado cadaver do seu Rey. Igual, ou mayor estimação merecem as comparações de Virgilio, principalmente a das formigas do liv. 4. da *Eneada*:

*Ac veluti ingentem formicæ farris acervum
Cum populant, hyemis memores, tecto que reponunt;
It nigrum campis agmen, prædamque per herbas
Contrectant calle angusto*

O que também imitou Camões na sua *Lusiada*, como quem quasi sempre seguia os vestígios de Virgilio, tratando no Cant. 2. Estanc. 23. das Nynfas, que estorvavaõ aos Portuguezes a sua viagem:

*Quaes para a cova as prôvidas formigas,
Levando o pezo grande accommodado,
As forças exercitaõ, de inimigas*

Do inimigo inferno congelado :

Alli sao seus trabalhos, e fadigas,

Alli mostraõ vigor nunca esperado :

Taes andavaõ as Nynfas estorvando

A gente Portugueza o fim nefando.

Quem desejar ler mais comparações deste nosso grande Poeta todas bellissimas, e naturalissimas, lea no Canto 1. a Estanc. 35. descrevendo o tumulto dos Deoses; no Canto 2. a Estanc. 27. descrevendo o medo dos Mouros, e comparando-os ás rans: a Estanc. 49. do Cant. 3. comparando a acção de tomar apressadamente as armas sem tino, com a pressa dos Pastores atemorizados, quando os desperta o incendio, que se ateou no campo: a Estanc. 106. do mesmo Canto, em que compara a Rainha Dona Maria de Castella, pedindo a seu Pay soccorro a favor de seu Marido, com Venus fazendo a mesma supplica a Jupiter para seu filho Eneas. Finalmente lea o curioso este Poema, que nelle achará outras muitas comparações feitas com particular artificio, e grande naturalidade, no que verdadeiramente foy divino este Poeta.

Tem depois delle hum distincto lugar, a respeito destas imagens, Antonio da Fonseca Soares na sua *Filis*. Compara este Poeta ao gado errante, e sem Pastor, o povo Troyano, dizendo no Canto 1. Estanc. 19. *De las rui-*
nas :

*No assi ganado sin Pastor errante
 Se esparce, y vaga por el verde suelo,
 Quando a golpes se vé del gran Tonante
 Caer en fuego el ayre, en lluvia el Cielo:
 Como el pueblo de Troya, a cada instante,
 Attonito en su daño, y en su recelo,
 Vaga confuso, viendo en sus desmayos
 Caer las muertes, y llover los rayos.*

Mais exemplos deste Poeta poderamos allegar; porém por fugirmos á extensaõ, apontaremos só os lugares. Veja-se do mesmo Poema no Canto 3. *Los affectos* a Estanc. 6. comparando gentilmente a formosura de Filis com a rosa: no Canto 9. *Los extremos* a Estanc. 80. comparando a firmeza de huma alma á de huma enzinheira, e de huma rocha: no mesmo Canto a Estanc. 56. comparando ao cháos a confusaõ, e o horror de huma batalha; e ultimamente lendo-se outras muitas Estancias, se acharaõ diversas, e propriissimas comparações.

Este he o primeiro modo, de que usaõ os Poetas para pintar, e exprimir vivamente huma cousa, ajudando-se da outra. O segundo modo de usar das similhanças he quando se usa dellas, naõ como comparações puras, e discretas, que se poderiaõ tirar do discurso, sem lhe causar prejuizo, mas indirectamente como cousa intrinseca daquelle conceito, que se propoem. Tem estas o seu uso, quando

v. g. para explicarmos, e provarmos huma
 cou-

coufa, nos valemos da similhaça de outra. O Cardeal Pallavicino no capitulo 9. do seu *Tratado do Estylo*, mostrando a utilidade, que se tira do bom uso das comparações, faz, que o seu mesmo conselho nos sirva de louvavel exemplo. Diz elle assim: *Non dee il Filosofo usarle senza utilità di maggior chiarezza, e solo per lusso d'ingegno: adirandosi il lettore, * che la Guida gli faccia allungar la via, non a fin di condurlo per la più piana, ma solo per fargli veder le ricchezze delle sue possessioni.*

Eisaqui como este Author prova admiravelmente com huma similhaça, e explica com ella o conceito proposto, dizendo, que o Filosofo não deve usar das similhaças só por ostentar engenho, mas para dar mayor clareza ao que diz; a fim de que o leitor se não enfade de que o guia o leve por caminho mais longe, não para o conduzir pelo melhor, mas para lhe mostrar as terras, que possui. Usou igualmente Petrarca de huma imagem, quanto póde ser, nobre neste genero. Dá elle a razão, porque começou a amar tanto a Laura, e vay descrevendo a formosura, que nella observou da primeira vez, que a vio, com esta bella imagem, que formou na sua fantasia:

*Non era l' andar suo cosa mortale;
Ma l'angelica forma, e le parole
Sonavan'altro, che pur voce umana.*

Em outra parte dá o mesmo Poeta a razão,

K

por-

porque á sua Dama se lhe não dava de morrer, estando na flor dos seus annos, e diz:

*Che gentil pianta in arido terreno
Par che si disconvenza; e però lieta
Naturalmente quindi si diparte.*

Maravilhosa he tambem a belleza de huma imagem de Tasso, descrevendo laconicamente com duas similhanças magestosas a gentileza, e o valor de Rinaldo:

*Se 'l miri fulminar tra l' armi avvolto,
Marte il diresti; Amor, se scopre il volto.*

Naõ falta igualmente esta casta de similhanças no nosso Camões, e entre muitos exemplos apontarey só alguns. Diz elle no Soneto 47. da primeira Parte imitando a Petrarca no Soneto 49. acima allegado, e tratando de huma Dama isenta em amar:

*Gentil planta disposta em secca terra,
Lindo fruto de dura mão colhido;
Lembranças de outro amor, e fé prejura.*

Naõ he imagem menos nobre, e bella outra similhança do mesmo Poeta, que lemos no Soneto 38. da primeira Parte principiando-o assim, á imitação tambem de Petrarca, nos versos de que acima fizemos menção: *Non era l' andar suo &c.*

*Formosos olhos, que na idade nossa
Mostrais do Ceo certissimos finais,*

*Se quereis conhecer quanto possais,
Olhay-me a mim, que sou feitura vossa &c.*

Veja-se igualmente a similhaça, com que principia o Soneto 90. da primeira Parte, em que com primoroso pincel pinta a formosura da sua Dama:

*A perfeiçãõ, a graça, o doce geito,
A Primavera cheya de frescura,
Que sempre em vós florece, a que a ventura,
E a razaõ entregaraõ este peito.*

Como tratamos destas similhaças, devemos precisamente tratar alguma cousa tambem das metáforas, que tem nellas o seu fundamento. Nestas imagens v. g. de Camões, em que diz, que a Primavera florece sempre na sua Dama, tem a fantasia a sua parte por causa da metáfora; e assim dizemos, que se costuma usar das similhaças tambem nesta fórma; isto he, transportando o nome do objecto similhante em outro objecto. A estas transposições commumente se dá o nome de metáforas; e com effeito estas não são outra cousa, senão humas similhaças, e comparações compendiadas: e todos sabem, que das similhaças até aqui descriptas passãõ os Poetas sem trabalho a formar translações. Quem v. g. diz, que *Filis he na figura bella como a mesma Primavera*, usa da similhaça puramente, e a faz servir só por comparação. Mas quem passa a dizer, *Filis ne formosura he huma Primavera,*

ra, usa da mesma similitude, mas transportando o nome do objecto semelhante em outro objecto. Não devem estas translações ter o nome de imagens do entendimento, mas sim da fantasia; pois não contém directamente o que he verdadeiro proprio do entendimento. Porque he verdadeiro, segundo o entendimento, que Filis he semelhante á Primavera, por isso propriamente attribuimos ao entendimento a primeira imagem. Porém a segunda sómente á fantasia parece verdadeira, e por este motivo lhe chamamos fantastica. Pertence por tanto primeiro ao entendimento (ou seja engenho) o descobrir similitude entre os objectos, e depois sobre este fundamento he que entra a fantasia a levantar as suas imagens. O entendimento v. g. sabe, que o *luxo*, e o *ladraõ* são entre si semelhantes, porque ambos roubaõ; e assim com verdade se póde affirmar, que o *luxo* he como o *ladraõ*: porém a fantasia não se contenta com este conceito, e diz, que com effeito o *luxo* he hum *ladraõ*. O Padre Sidronio Hoskio na sua primeira Elegia nos dá hum exemplo para provar o que dizemos:

*Vita mare est, res plena metu, res plena tumultu
Utraque; mortales, credite, vita mare est.*

Tambem o confirma Dante em hum Terceito do 11. liv. do seu Purgatorio, onde, para descrever a Fama, descobre tambem a simi-
lhã-

lhança, que ha entre ella, e o vento, exprimindo-a em fórma de metáfora :

*Non è il mondan rumore altro, che un fiato
Di vento, ch'or vien quinci, ed or vien quindi,
E muta nome, perchè muta lato.*

Destas cousas cada vez podemos hir aprendendo a differença, que ha entre as imagens fantasticas, e as intellectuaes. Estas são directamente verdadeiras, e taes parecem ao nosso entendimento; e aquellas directamente são falsas ao entendimento, ainda que indirectamente elle as conheça por verdadeiras. Poderse-hia compor hum volume completo sómente sobre as metáforas, porque he assumpto muy copioso; porém a nós basta-nos o ter apontado esta tão ampla, e usada maneira de nos servirmos das similhanças; e remettemos o leitor ao que escreverão nos seus livros os Mestres da Eloquencia.

Unicamente nos parece necessario dizer aqui alguma cousa aos principiantes, pelo que toca ás comparações, e metáforas. A respeito destas dizemos, que deve haver grande cautella nas regras, e exemplos, que sobre ellas dá o Conde Manoel Thesauro no seu *Cannocchiale Aristotelico*; porque talvez foy o que tratou peyor deste assumpto, sendo o que delle escreveo com mais extensaõ. Eu persuado-me, que quem souber, que cousa seja bom gosto, ha de reprovar muitas metáforas, que elle approva; como v. g. que as neves
são

faõ lyrios frios dos *Alpes*, e os lyrios *neves animadas dos jardins*: que as gottas de fangue, que Christo fuou no Horto, foraõ outros tantos globos, ou mundos, *debaixo de cujo pezo gemia o divino Atlante*: Que a abelha he *huma Amazona com azas*, *huma Maga volante*, e *huma aljava com settas*. Que o alambre he *huma luz viscosa*, e *hum ouro fragil*: Que o rouxinol he *hum orgaõ sem canudos*, e o orgaõ *hum rouxinol sem pennas*: e outras muitas semelhantes a estas, em que naõ ha proporçaõ por falta de similhaça de figura, de ministerio, e de acçaõ; o que sempre deve haver, para serem bem fundadas as translações.

Este Author era homem de grande doutrina, e de hum engenho vivo, ainda que daquelles, a que os Francezes chamaõ *brilhantes*; porẽm a destemperada ambiçaõ de novidade lho depravou: por isso quiz enganar o mundo com o nome de Aristoteles, e o encheo de conceitinhos, e de argucias frivolas, ridiculas, pueris, infulsas, e irreverentes, como faõ as metáforas apontadas; o que tudo diz o insigne Salvini nas Notas a Muratori tom. 1. pag. 249. Muito ajudou a Thesauro em estabelecer o pessimo gosto Lourenço Gracian na sua *Arte, y Agudeza de Ingenio*, infestando tanto a Hespanha, como o outro a Italia, e ambos o mundo; porẽm entendo, que em parte nenhuma foraõ taõ bem recebidos como em Portugal, como se vê pela experiencia. Sobre este uso das metáforas lea-se

se a Leitaõ Ferreira na sua *Arte de Conceitos*, p. 1. liç. §. 4. n. 20.

A respeito das comparações temos tambem, que advertir, que deve haver grande decóro na proporção, e verosimilhança da cousa, que se compára com a comparada. Contra esta regra infallivel peccou Barbuda no seu *Virginidos*, comparando no Canto 1. Estanc. 118. a Adaõ, por comer o pemo prohibido, com hum cavallo que tomou o freyo entre os dentes, e sem tino corre a despenhar-se.

*Vay-se Eva atravessando o Paraiso,
A levar da maçã parte ao esposo;
Que por lhe converter o pranto em riso,
Lhe vay dar hum bocado venenoso:
De Adaõ quer penetrar o alto juizo,
Pelo tornar, qual bruto, que furioso,
O bocado entre dentes em tomando,
Se despenha, da redea não curando.*

Outro vicio igual a este commetteo o mesmo Author no Canto 1. Estanc. 65. descrevendo a batalha de S. Miguel com Lucifer. Indecorosamente compara este Archanjo a hum leaõ feroz, que com unhas, e rugidos vence os outros brutos. Estas *armas* proprias do leaõ são indecorosamente impropriissimas em S. Miguel, porque falta a proporção, e similhaça:

*Oppoem-se-lhe Miguel vibrando a lança;
D' ar-*

ra he necessario observar mais miudamente, que, além das similhanças, ha outras infinitas dependencias, e uniões entre as cousas do Univerlo, sobre as quaes se fundão outras innumeraveis imagens do entendimento. Algumas destas uniões, ou prizões, ás quaes chamamos *relações*, são tão claras, e manifestas, que qualquer pessoa rustica as poderá perceber; outras porém são muy occultas, e pouco observadas pelo artificio, e idéa, que encerraõ. Quem discorre de hum Principe grande, e valeroso, facilmente sabe, que lhe dizem respeito, e relação os magestosos palacios, as riquezas, os póvos seus subditos, as Cidades, os soldados, os inimigos, os antepassados gloriosos, e outros similhantes objectos. Porém não saberá v. g. tão facilmente, que tenhaõ connexão com aquelle Principe o Ceo, as Musas, os montes, os Heroes da antiguidade, e outros taes sujeitos, ainda mais diversos, e remotos. Querendo pois hum Poeta louvar a hum Principe excellente, poderá lembrarse, *que nos palacios magnificos, e nos seus riquissimos ornatos se póde ler a magestade de tal Rey; que os póvos sujeitos gozão com effeito da idade de ouro, que sonbaraõ os antigos; que debaixo da sua conduçta não ha empresa marcial, em que seja difficil alcançar a victoria, tendo soldados tão valerosos, que os mesmos inimigos confessão temerosos a gloria, e o valor de tão grande Principe &c.*

Outras similhantes imagens filhas | do entendi-

tendimento se poderá extrahir, para as quaes concorrerá tambem a fantasia com algum ornato, observando as connexões de outros tantos objectos com o tal Principe: razão porque affirmamos, que o conhecer bem as reflexões, que ha entre todas as cousas, e o respeito, que dizem humas ás outras, he huma abundantissima fonte, da qual se costumão extrahir muitos novos, e excellentes sentimentos sobre qualquer materia. E verdadeiramente o nosso entendimento he huma potencia grande, e universal, que se póde estender com linhas infinitas por infinitos objectos, assim passados, e presentes, como futuros. Póde examinar, e recolher todas as relações, e connexões mais accomodadas, que ha entre aquelles objectos, e aquelle, que se tomou por assumpto para discorrer. Quem for dotado de hum engenho vasto descobrirá as cousas de mais longe, e achará entre ellas connexões nobres, e nunca observadas por outros entendimentos; motivo porque formará imagens maravilhosas, e agradaveis, visto serem novas, e não esperadas. Não sómente he util, mas ainda necessario, que o entendimento se empregue nestes descobrimentos, porque só assim se discorre bem em hum assumpto. Ordinariamente qualquer argumento não he per si mesmo tão rico, e fecundo, que possa socorrer com muitos conceitos o entendimento do Poeta; e por isso convém, que elle comece por necessidade a sahir (digamo-lo assim)

fini) das entranhas, e centro da materia, e a descobrir aquellas connexões, que com elle tem as outras cousas.

Como nós tratando dos voos poeticos difsemos, que nelles as imagens humas vezes são propriamente concebidas pela fantasia, e outras pelo entendimento, he preciso agora neste lugar dizer alguma cousa sobre o modo, com que o entendimento só per si recolhe as relações, e connexões, mostrando ao mesmo tempo, como a fantasia unida com elle cause utilidade. Quando os Poetas, especialmente os lyricos, entraõ a tratar de algum assumpto, costumam considerallo de dous modos: ou em si mesmo, ou com as relações, que tem com elle infinitas cousas. No primeiro modo buscaõ a belleza interior da materia, no segundo a belleza exterior, e tanto de hum, como de outro se valem para ornar as suas composições. Consiste esta belleza externa em descobrir as connexões, e relações, que tem os objectos exteriores com o sujeito, que se tomou por argumento. Destas ou se serve o entendimento, que as descobrio, ou tambem a fantasia, para formar suas imagens, humas vezes intellectuaes, outras fantasticas, como mostraremos com exemplos. Seja o primeiro o do insigne Hespanhol Lupercio Leonardo de Argensola, escrevendo huma Canção em louvor de ElRey Philippe II. na occasião das festas da Canonizaçãõ de S. Diogo. Inflammada a fantasia deste Poeta com a grandeza

deza do assumpto, remonta-se, como em ex-tasi, a imaginar na santidade daquelle Monarcha, e nos seus futuros milagres:

*En estas sacras ceremonias pias,
 Donde tu gran piedad, Philipo Augusto,
 Con admirables rayos resplandece
 Verás como dexando el cetro justo,
 Despues de largos, y felices dias,
 Al nuevo tronco, que à tu sombras cresce;
 Nuestra Madre santissima te ofrece
 Los mismos cultos, y la misma palma,
 Que yà nos muestra como en cierta idea,
 Que tal quiere, que sea
 La gloria entonces de tu cuerpo, y alma,
 Y que al immenso Templo, que edificas
 Al gran Levita, que en ardiente llama
 Examina de su amor divino,
 Ha de venir gozoso el peregrino
 No solo convidado de su fama
 Por contemplar las aras de oro ricas,
 Sino por ver si à su dolencia aplicas
 Saludable remedio desde el Cielo
 Como lo dàs à todos en el suelo.*

Voa depois este suavissimo Poeta com a mesma fantasia a especificar as virtudes particulares daquelle Monarcha, como a justiça, a clemencia, o valor, a prudencia, a politica; e confusa entre tantas virtudes a sua imaginação, duvida por qual dellas será elle invocado dos homens. Não copiamos este lugar, por ser muy extenso, e o leitor o poderá ler

na *Poetica* de Luzan pag. 161. Ora nesta Canção certamente, que parecia serem objectos muy remotos, e muy alheys do assumpto *o applicar remedio ás doencas, o ser invocado &c.*, e depois passar a discorrer com as imagens *de espada rigorosa, de trombetas, de exercitos, de ballas, de victorias, de tempestades, de sementeiras, e colheitas &c.* d: que tudo usa na passagem, que não copiamos. Porém o engenho do Poeta soube descobrir as relações, e connexões, que todos estes objectos podiaõ ter com o seu principal assumpto, e achou meyo de as enlaçar, e unir.

Passemos desta Canção a huma de Alexandre Guidi, que lemos na Collecção da Poesia vulgar dos Arcades. Quer este Poeta provar, que he preciso á Arcadia ter leys para se dirigir bem, e entra a discorrer da idade de ouro. He certo, que muitos engenhos não poderãõ facilmente descobrir a connexão, ou ao menos aquella bella correspondencia, que elle achou entre estes dous objectos. Eis-aqui como elle discorre:

*Io non adombro il vero
 Con lusinghieri accenti:
 La bella età dell' oro unqua non venne.
 Nacque da nostre menti
 Entro il vago pensiero,
 E nel nostro desio chiara divenne.*

Costumaõ os outros Poetas contar entre as suas historias a da idade de ouro; porém ef-

te insperadamente começa a dizer', que nunca se vio no mundo esta feliz idade, e que só os nossos desejos he que a fizeraõ famosa. Dá depois engenhosamente a razão disto, dizendo, que em todo o tempo viveraõ homens máos, os quaes pelos seus vicios mereceraõ o castigo do Ceo; e accrescenta:

*Or, se del Fato infra i tesor felici
Il secol d'or si serba,
Certo sò ben, che non apparve ancora
Un lampo Sol della sua prima Aurora.*

Do que se segue, segundo a mente deste engenhoso Poeta, que em todo o tempo houve necessidade de refrear com as leys a perversa inclinaçaõ dos homens. Esta he a insperada connexaõ, e o respeito, que diz o assumpto, que tomou, com a idade de ouro. Do mesmo modo Nero, e Romulo parecem, e são na verdade dous objectos bem remotos para provar a necessidade das leys, e por isso não dizem respeito algum com o sujeito proposto; com tudo lembrando-se o mesmo Poeta, que o primeiro depois de ter governado cinco annos, praticando excellentes virtudes em utilidade dos póvos, se fez hum dos Tyrannos mais crueis, de que ha memoria; e que o segundo, ainda que professasse a vida de Pastor, que he o mesmo, que dizer, que tinha costumes innocentes, e coração brando, com tudo arrastado da ambiçaõ, chegou a matar a feu irmão; daqui toma assumpto o entendi-

men-

mento para provar quanto são precisas as leys em todo o estado ; para que não entendaõ v. g. os Pastores da Arcadia , que pôdem sem leys viver com innocencia , e pureza.

Temos dito o que basta para se vir no conhecimento do que são as imagens intellectuaes de relação , e provado isto com os exemplos apontados ; e se estes não bastarem a alguns entendimentos , lea-se a Horacio , que he Mestre tão insigne na Theorica , como na Practica. Elle melhor , que outro algum Poeta , poderá ensinar este modo de descobrir as relações remotas de hum objecto , e a sua connexão. Observe-se entre outras Odes a 13. do liv. 2. que principia : *Ille , ó nefasto te posuit die &c.* em que o seu assumpto he tratar de huma arvore , que cahio improvissamente perto d'elle , e com grave perigo da sua vida. Nella usa de objectos bem diversos , e que pareciaõ muy remotos para haverem de convir a huma arvore ; como são os parricidas , os traidores aos hospedes , os feiticeiros , os marinheiros Carthaginenses , o Bosforo Thracio , os Soldados Romanos , os Parthos , os Reinos de Proserpina , o Juiz Eaco , os Campos Elysiõs , o Poeta Alceo , a Poetiza Sapho , Tantalõ , Orion , Prometheo , &c. Porém o seu engenho ornou assumpto tão estéril , descobrindo razaõ de convir , e connexão entre estas cousas com o argumento proposto.

Passemos agora a dizer alguma cousa sobre as imagens engenhosas de reflexão. Já
aci-

acima dissemos , que (segundo a nossa opiniaõ) nenhuma outra couza he o engenho humano , senaõ aquella virtude , e força activa , com que o entendimento descobre , e recolhe ou as *similhanças* , ou as *relações* , ou as *razões internas das cousas*. Já discorremos , como foubemos , das primeiras virtudes do entendimento ; entremos agora a tratar da terceira , isto he , do recolher , e descobrir as razões ; donde (se nos não enganamos) se argumenta a penetração , e agudeza do engenho de cada hum. A este descobrimento das razões internas , e á consideração , ou contemplação , que faz o entendimento sobre as cousas , chamamos nós *reflexaõ* , vocabulo , que ignoraraõ os antigos , e percebem presentemente os modernos , por ser muy proprio , e accommodado a explicar estas contemplações do entendimento. Para se saber pois , que couza sejaõ estas reflexões , deve-se primeiramente dizer , que os Poetas nem sempre sabem , ou querem , ou pódem revestir as suas composições de imagens fantasticas , de similhanças , e de relações ; e muitas vezes será preciso não usar dellas. Por isso recorrem elles a outra fonte , que he a das reflexões , e observações. Fórma estas o nosso entendimento , quando elle medindo , e penetrando com a sua agudeza o interior , e natureza das acções , dos costumes , e em huma palavra de todas as cousas , descobrimos verdade nellas , a qual não descobririaõ facilmente outros engenhos ,
ou

ou não a esperariaõ os ouvintes, e leitores.

Ora esta verdade por causa da consideração, e reflexão do entendimento, toma o mesmo nome, e chama-se *reflexão*. Similhantes imagens são tão commúas aos Oradores, como aos Poetas; porém como não ha Author, que busque mais que o Poeta o que he maravilhoso, por isso a elle mais, que a qualquer outro, lhe he necessario, e util o uso dellas. Aclaremos esta doutrina com alguns exemplos, que mostrem o fino de huma engenhosa reflexão. Principiemos por Camões, que foy certamente nesta materia tão admiravel na Poesia Bucolica, que lhe podemos dar o nome de Teocrito Portuguez. Na sua Ecloga 2. introduz ao Pastor Almeno queixoso do rigor da sua Nynfa, e diz assim:

O' Nynfa delicada!

Honra da natureza!

Como pôde isto ser,

Que de tão perigrino parecer,
Podesse proceder tanta crueza?

Não vem de nenhum geito

De causa divinal contrario effeito.

Pois como pena tanta

He contra a causa della?

Fóra he de natural minha tristeza.

Mas a mim, que me espanta?

Não basta (ó Nynfa bella)

Que pôdes preverter a natureza?

Não he a gentileza

*De teu gesto celeste
 Fóra do natural?
 Não póde a natureza fazer tal.
 Tu mesmo, ó bella Nynfa, te fizeste;
 Porém porque tomaste
 Taõ dura condiçãõ, se te formaste?*

Veja-se, que admiraveis imagens reflexas se incluem nestes versos; sempre nelles está o Poeta a reflectir, e com observações taõ peregrinas, novas, e elevadas, que bastaria este exemplo para prova da nossa doutrina. Iguaes virtudes poeticas descobrimos no primeiro ramo da Canção 1. dizendo :

*Fermosa, e gentil Dama, quando vejo
 A testa de ouro, e neve, o lindo aspeito,
 A boca graciosa, o riso honesto,
 O collo de crystal, o branco peito;
 De meu não quero mais, que o meu desejo,
 Nem mais de vós, que ver o lindo gesto.
 Alli me manifesto
 Por vosso a Deos, e ao mundo; alli me inflâmo
 Nas lagrimas, que choro;
 E de mim, que vos amo,
 Em ver, que soube amarvos, me namoro:
 E fico por mim só perdido, de arte,
 Que bey ciumes de mim por vossa parte.*

Repare-se na reflexaõ conceituosa destes versos; onde diz o Author da *Arte de Conceitos*, ponderando esta imagem reflexiva, que merece Camões ser chamado o nosso Anacreonte;

te: e com justo fundamento; porque não ha cousa mais nobre, que reflectir este Poeta, dizendo, que tinha tal satisfação de saber amar, e desejar a sua Dama, que por esta fineza se namorava de si proprio; e que com tal extremo estava por si perdido, que este amor de si mesmo lhe causa ciumes pela parte della, que a contemplação unio a si; isto he, os que elle de si lhe causaria, se amara outra formosura, e aspirara a outra dita.

Passemos de Camões a Euripedes. Introduz este Poeta Tragico a Andromaca reflectindo sobre a morte de seu filho Astianates, mandada executar pelos Gregos. Não attribue ella a causa desta morte á crueldade dos vencedores, mas descobre outro motivo, para causar mais ternura, e maravilha aos ouvintes, e diz deste modo, fallando com seu filho: *O' amado filho, tu deixando-me aqui em pranto, morrerás ás mãos do cruel inimigo; porém o que mais me peza he considerar, que quem te mata he o valor de teu pay, que a tantos servio de escudo, e defensa.* Parece cousa estranha, e nova, que o valor de Heitor fosse o que dêsse a morte a seu filho Astianates; porém, se bem se considera, a causa porque foy morto este menino, foy justamente a que deu sua mãy; porque temendo os Gregos, que no filho resuscitasse o valor do pay, quizeraõ com sua morte livrar-se deste receyo. Eis aqui como esta verdade se faz nova, e admiravel ao auditorio, que talvez entendia, ou atten-

dia ao contrario. Naõ menor novidade descobrimos igualmente em hum verso de Publio Mimo, o qual fazendo reflexaõ sobre os avarentos, deduz engenhosamente esta verdade:

Tam deest Avaro quod habet, quàm quod non habet.

Como os avarentos naõ usãõ do que possuem, antes o tem enterrado, pode-se dizer com verdade, que tanto lhes falta o que possuem, como o que ainda naõ tem. He quanto póde ser engenhosa esta reflexaõ, e poucos com o seu engenho chegariaõ a reflectir nesta verdade. Naõ he menos engenhoso outro pensamento reflexo do Conde de Villamediana, dizendo sobre os effeitos do amor profano, e da belleza:

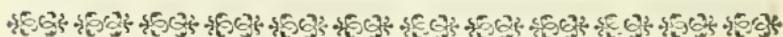
*Amor no guarda ley: que la hermosa
Es licita violencia, y tyrania,
Que obliga con lo mismo, que maltrata.*

De similhantes imagens de reflexaõ usaraõ com economia os melhores Poetas. Digo com economia; porque os prudentes sabem, que ellas mais convém ao Filosofo moral, que ao Poeta, e que saõ pedras preciosas para ornar com parcimonia, e naõ com prodigalidade o corpo das composições poeticas. Se o Poeta tomasse por assumpto a Filosofia dos costumes, naõ duvidamos, que entãõ poderia usar mais livremente destas imagens, importando isto muito á gravidade do sujeito. Assim o
pra-

praticaraõ os Poetas mais insignes da Grecia, como se vê do Poema de Hesiodo, intitulado *As obras*, e *Os dias*, das composições de Theognides, Phocilides, Tirteo, Solon, Simonides, e outros muitos. O mesmo fez Maggi em Italia, e entre nós Francisco de Sá de Miranda, ambos copias de Seneca, tratando em verso de materias moraes.

Naõ nos extendemos a mais exemplos; porque he cousa facil achallos entre os que poetizaõ com bom gosto, e com engenho penetrante, e agudo. Porém he preciso advertir, que nem todas as imagens do entendimento saõ sempre bellas, e bellas em tudo. Por este motivo he necessario saber em que defeitos costumaõ cahir as ditas imagens, e como pódem ficar improprias, por naõ se seguir os passos da natureza, a qual devemos por meyo da Arte Poetica melhorar, e naõ offender. Duas (segundo nos parece) pódem ser as causas principaes, que injuriem a natureza, por serem defeituosas as taes imagens. A primeira he, o naõ conterem estas o que real, e internamente he verdadeiro; e isto succede quando saõ fundadas em algum sofisma, ou principio falso. A segunda he, o naõ serem verosimeis ás pessoas, que o Poeta introduz a fallar. A estes dous defeitos das imagens podemos tambem accrescentar terceiro, que he a affectação, a qual consiste em fazer as ditas imagens demasiadamente engenhosas, consideradas, e subtis; de que he causa
o mui-

o muito estudo de dizer cousas novas para ostentar engenho com a novidade. Será pois justo, que digamos alguma cousa sobre estes tres defeitos, em cujo exame certamente seremos util ao leitor. Principiemos pelo primeiro.



C A P I T U L O X X I I .

Das imagens verdadeiras, e das falsas; examinã-se os conceitos do Conde Manoel Thezauro.

NAõ ferá a primeira vez, que temos dito, que o nosso entendimento naturalmente busca o que he verdadeiro, e que este, ou o verosimil he o principal fundamento da belleza poetica. Por tanto, para que as imagens da reflexaõ contenhaõ sempre esta belleza, convém muito, que sejaõ fundadas sobre o que he verdadeiro. Porém como as imagens da fantasia não deixaõ de ser bellas, ainda que se conheça serem falsas, diffemos tambem já, que até as mesmas imagens fantasticas tem a obrigação de ensinarem ao nosso entendimento alguma cousa, que seja verdadeira, ou verosimil, revestida com o que he falso. As imagens intellectuaes, e engenhosas pelo contrario não sô representaõ o que he verdadeiro, ou verosimil real, mas tambem o exprimem por meyo do que he verdadeiro; fazendo com
que

que as palavras sejaõ externamente hum puro, e vivo retrato daquellas verdades, e razões internas, que directamente argumentando descobrio, e concebeo o nosõ entendimento. Veleio Paterculo no liv. 1. das suas Historias, fallando de Codro Rey dos Athenienses, o qual disfarçando-se de proposito para não ser conhecido, voluntariamente se deixou matar pela faude da Republica, escreveo desta maneira: *Codrum cum morte eterna gloria, Athenienses sequuta victoria est. Quis cum non miretur, qui illis artibus mortem quaesierit, quibus ab ignavis vita quaeri solet?* Eis aqui por exemplo huma imagem intellectual de similhaça, na qual se descobre o que interna, e realmente he verdadeiro, e este explicado com palavras verosimeis. Todas as vezes, que se fugir desta regra taõ confôrme á razaõ, qualquer parto será monstruoso: seráõ sofismas as reflexões, e imagens intellectuaes, e engenhosas, quando não forem fundadas no que he verdadeiro. Na apparencia contém verdade estes argumentos sofisticos; porém internamente os descobre com facilidade por falsos o engenho, que he penetrante, e agudo. São á maneira daquelles vidros, ou cryttaes, que vulgarmente chamamos *pedras falsas*, as quaes apparentemente parecem diamantes, rubins, e esmeraldas, mas não tem a belleza interna destas pedras preciosas.

Por desgraça nossa, assim como não ha cousa taõ bella, que não desagrade a alguem,
 assim

assim igualmente não ha cousa tão fea, que não tenha no mundo a alguém que a ame, e estime. Começarão estes falsos conceitos a reinar, ainda quando florescia o Imperio Romano, tendo seus apaixonados, huns com mais, outros com menos tenacidade. Marcial, Poeta de tanta graça, como agudeza, teve por verdadeira, mais que todos os seus antecessores, a esta moeda falsa. Houve innumeraveis, que o seguirão, principalmente ha perto de hum seculo, e foy dos principaes o Conde Manoel Thefauro, que não só seguiu a Marcial, mas até escreveu o seu decantado *Canocchiale Aristotelico*, para que todos adoecessem como elle deste achaque literario.

Ainda que já temos dito, que a falsidade destes conceitos logo se descobre, tanto que se medem pelas regras da Logica, e da razão, com tudo he justo, que agora, por fallarmos deste Author, descubramos de todo a chaga, e mostremos aos apaixonados de tal estylo quanto he falso, e debil o fundamento, com que formaõ as suas agudezas. Fundaõ-se estes em imagens fantasticas, e tomaõ por verdadeiro intellectual, e real ao que sómente he verdadeiro, ou verosimil á fantasia, misturando, e confundindo os partos de huma, e de outra potencia. Daqui nascem mil antitesis, mil agudezas, e conceitos falsos, que, segundo Thefauro, causaõ singular maravilha, e deleite a quem os ouve; quando (segundo os de bom gosto) só causaõ motivo de riso.

Expliquemos melhor isto com hum exemplo, e vejamos como este infeliz Mestre de conceitos conceitúa sobre esta proposição: *Magdalena Christum amat, ejusque pedes lacrymis rigat.* Começa elle a observar, que o amor se chama fogo, e as lagrimas agua, e diz assim: *Quid hoc prodigii? Aqua, & flamma discordes olim rivales, socordes modò contubernalis in Magdalene oculis convivunt? Apage te flebilis amatrix Magdalena, pedes istos nè vel aduras, vel mergas. Fallor, jam merferat, ni flammis undas exsicasset; adufferat, nisi unda temperasset incendium. Fontem anbelas, viator? Ad Magdalene oculos diverte: frigidam propinant. Pastor, ignem quæris? Ad eosdem oculos diverte: ferulam inflammabis. Unis in oculis fontem habes, & facem; ac ne desit utilitati miraculum, ex aqua ignem elicies, aquam ex igne. Audieram Ætnæo in monte impunita cum nivibus incendia colludere. Fidem astruit fabuloso monti Magdalene oculus. Hæc defuit portentis appendix, ut rivuli flammis, flamma rivulis aleretur &c.* Bastaõ estas poucas regras para exemplo, e recreação do leitor; que se não seguir os mesmos passos, certamente não poderá soffrer o riso, lendo conceitos tão pueris, e imagens tão loucas. Toda esta machina se funda em duas imagens da fantasia, isto he, sobre duas metáforas. Em muitas cousas he semelhante ao fogo a paixão amorosa, pois ás vezes consome aos amantes, porque os enche de espiritos inquietos, e porque lhes parece, que internamente trazem hum fogo, que

que os abraza : este he o fundamento , que tem a fantasia , para dizer , que o *Amor he hum fogo*. Sabendo nós igualmente , que entre os olhos de quem chora , e huma fonte de agua , ha grande fimilhança , diz tambem a fantasia , que *os olhos são fontes de lagrimas , e de agua*. Estas duas imagens são verdadeiras , ou verosimeis á fantasia , e basta este fundamento para serem bellas ; porém não são verdadeiras , nem verosimeis ao entendimento , quando elle attende para o sentido directo.

A' vista desta doutrina tantas vezes ponderada , bem se póde contentar a razão de que a fantasia chame *fogo ao Amor* , e aos *olhos* huma fonte : porém não já , que se tomem estas imagens como directamente verdadeiras , segundo o entendimento , e que sobre ellas se fórme hum sillogismo , que he cousa , em que a fantasia não póde ter parte , mas sim o entendimento : Porém aquelles , que andaõ buscando conceitos , ordinariamente cahem neste erro , pondo as imagens da fantasia como fundamento das do entendimento. Este mesmo discurso de Thesauro nos dará a prova. Diz elle :

O Amor he hum fogo , e os olhos chorosos são duas fontes. He proprio do fogo o abraçar , e das fontes o lançar agua. Logo a Magdalena , que nos olhos tem o amor , e o pranto , lavando os pés a Christo , poderá abrazallos , e submergillos : *Pedes istos nè vel aduras , vel mergas*. Todo o maravilhoso desta imagem , ou de huma tal consequencia , está fun-

fundado sobre a proposição, que concebeo a fantasia, e sobre huma imagem, que sómente a esta potencia he verdadeira. Não póde o entendimento valer-se della para fundamento de algum seu raciocinio; pois he causa evidente, que se val de hum fundamento falsissimo, e que disto nasce hum sophisma, que facilmente se desfata deste modo. O amor he hum fogo: *distingo*, natural, he falso, imaginado da fantasia, he verdadeiro. He proprio do fogo o queimar: *distingo*, do fogo natural, he verdade: do fogo imaginado sómente pela fantasia, he falso. Logo o amor da Magdalena chorosa poderá abraçar os pés de Christo: he falsissima esta consequencia; porque o amor da Magdalena he fogo só imaginado da fantasia, e não natural. Concedamos a Thesauro, que a sua fantasia imaginasse ao amor como fogo, e o chamasse tal; mas como póde elle suppor argumentando, que he proposição verdadeira, segundo o entendimento, a que só he verdadeira, ou verosimil á fantasia? Porém ainda cresce mais o imprudente atrevimento de alguns, que muitas vezes usaõ de proposições, que nem ainda á fantasia são verdadeiras, ou verosimeis; e isto para o fim de serem premissas de alguma maravilhosa consequencia. Taes são os que se empenhaõ em amplificar com demasia as imagens fantasticas, e formar metáforas sobre metáforas. Parece verosimilmente á fantasia, que as lagrimas sejaõ agua: mas se se amplifica esta translação, e se faz este

este argumento: *As lagrimas são agua, a neve tambem he agua, logo as lagrimas são neve, fica a proposição, que antes era verdadeira, ou verosimil á fantasia, sendo inverosimil ainda á mesma fantasia; porque já a esta potencia não he verosimil, que as lagrimas sejaõ neve.*

Isto assim estabelecido, seria cousa maravilhosa, e estranha dizerse, que a neve conversava familiarmente com o fogo; porque esta proposição não sómente he falsa, segundo o entendimento, mas tambem segundo a fantasia, á qual não póde parecer cousa verdadeira, ou verosimil, que as lagrimas sejaõ neve, pois não se descobre alguma boa similitão, entre estes dous objectos. Não discorria com esta philosophia tão natural o bom Thesouro, porque disse: *Audieram Etnæo in monte impunita cum nivibus incendia colludere: fidentem astruit fabuloso monti Magdalene oculus.* Não contente este Author de ter feito duas fontes dos olhos da Magdalena, passa a dizer, que são banhos, e entra a convidar os doentes para recuperar a saude: *Vos ergo, debiles, morbidique ad ista vaporaria Leucadio fonte salubriora balneator Amor accersit.* Eu persuado-me, que não se póde ouvir conceito mais desordenado que este, em que faz ao Amor enfermeiro de banhos; porém contende sobre a primazia esta imagem com aquella, em que convida ao Pastor, que vá accender luz nos olhos da Magdalena: *Pastor, ignem quæris? Ad eosdem oculos diverte; ferulam inflammabis.* Esta ima-

imagem só podia ter lugar (como já dissemos) na boca de quem imaginasse, que estava louco por causa de alguma paixão : e deste modo he que podemos admittir como engenheiro o Epigramma de Porcio Licinio , reputando-o como delirio de hum entendimento namorado. Veja-se (segundo já apontamos) a Aulo Gellio nas suas *Noites Atticas* liv. 19.c.9.

Seria muy prolixo, se quizera fazer menção de todos os conceitos puerís, e estranhos, de que estão quasi cheyas as obras deste infeliz Mestre, e Expositor dos preceitos Aristotelicos, a quem tantos seguiraõ, e seguem, ou por pertinacia, ou por ignorancia. Não quero contar neste numero ao Conde de Villamediana; mas só direy, que tambem muitas vezes adoeceo deste achaque. Louva elle a huma Dama, que se estava penteando posta ao Sol, e diz, que ella com hum dourado baixel de candido metal surcava bellos golfos; que a sua maõ envergonhava a prata, e os seus cabellos os rayos do Sol :

*Al Sol Nise surcava golfos bellos,
Con dorado baxel de metal cano :
Afrenta de la prata era su mano,
Y afrenta de los rayos sus cabellos.*

Acaba este Soneto', dizendo, que aquelles cabellos eraõ cadeas, e redes, que prendiaõ a quem queria fugir; e que tambem eraõ tremulas ondas de tempestuoso ouro, e Ceos navegados :

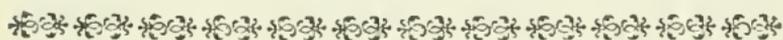
*En red, que prende mas al que se escapa,
Cadenas son, y de oro proceloso
Tremulas ondas, navegados Cielos.*

Acabemos este Capitulo com hum Epigramma de Hugo Grocio, homem aliás de hum sublime engenho, feito em louvor da famosa Joanna d' Arc, chamada vulgarmente a *Pucelle d' Orleans*, a qual foy condenada pelos Inglezes a morrer queimada:

*Gallica non unquam periturae laudis Amazon,
Virgo intacta viris, sed metuenda viris.
Cujus non oculis fedet Venus, atque Cupido,
Sed Mars, atque horror, sanguineaeque vices.
Haec est, cui Salicæ leges, cui Patria sese
Debet, & in veras reddita sceptrâ manus.
Nec fas est de morte queri; namque ignea tota,
Aut nunquam, aut solo debuit igne mori.*

A razão, que descobrio este Poeta, pela qual não pareceffe cruel a morte, a que foy destinada esta valerosa Donzella, he esta. Ella era toda fogo; logo ou nunca devia morrer, ou a morrer, devia ser sómente no fogo. Na verdade era huma cousa maravilhosa descobrir hum fundamento, que parecia impossivel acharse, pelo qual se provasse, que não fora barbara, mas natural a morte desta Donzella, quando nós a temos por muito barbara, e desmerecida. Porém o entendimento facilmente conhece ser falsa, e sofisticada a razão, e fundamento com que Grolio conceituou, e deu
fim

fim ao Epigramma; pois o ser *toda fogo*, nenhuma outra cousa quer dizer, senão que aquella Donzella tinha hum animo cheyo de espiritos valerosos. Ora que tem isto, para daqui se deduzir a reflexão de dizer, que não deve parecer tyrannia a morte desta mulher? Ou ella morresse no fogo, ou em agua, ou em hum patibulo, he certo, que sempre o entendimento havia fundamentalmente abominar esta morte, e julgalla por cruel. A' vista disto, onde está aquella maravilha, que o Poeta queria causar, descobrindo huma razaõ taõ occulta? Onde está aquelle deleite, que tem o entendimento bem regulado em saber huma cousa, que ignorava, e aquella verdade, que tanto lhe agrada, se nenhuma cousa de novo póde apprehender com a reflexão deste Poeta?



C A P I T U L O XXIII.

Do verosimil, e inverosimil das imagens; duas especies de verosimil.

JA' temos dito, que a principal base, em que se funda a belleza das imagens intellectuaes, he ou a verdade, ou a verosimilhança interna; porém não basta só isto, para que as reflexões, e conceitos sejaõ completamente bellos. He tambem necessario, que estes contenhaõ

tenhaõ outra especie de verosimil, a que chamaremos *relativo*, porque diz relaçaõ a quem falla. Este pode-se considerar de dous modos; ou como verosimil, que convém á qualidade, condiçaõ, e gráo da pessoa, que falla, ou como verosimil, que convém ao affecto, e paixões, que ha, ou se suppoem em quem falla. Pelo que respeita aos conceitos verosimeis á condiçaõ de quem falla, quem naõ sabe, que as reflexões, e imagens, que viráõ ao entendimento de hum Pastor sempre creado nos bosques, e apartado das Cidades, haõ de ser differentes das que conceberá, ou poderá conceber hum Cidadão, hum Guerreiro, hum Heroe, e hum Principe? Saõ neste particular bem solidos os versos de Horacio, ensinando-nos que diversamente ha de fallar o servo do senhor, e o moço, do velho. Pelo que pertence ao verosimil, que convém ás paixões da pessoa, que falla, todos igualmente sabem, que as imagens, que saõ proprias a quem falla sem paixãõ alguma, ficarãõ improprias a quem discorre movido de algum affecto violento. Humas devem ser as imagens para aquelle, que se introduz a fallar com pensamentos meditados, e outras as que convém áquelle, que se finge discorrer de repente, e com discurso continuado, como succede na conversaçãõ civil. Largamente trataremos desta materia, quando fallarmos da Tragedia, e da Epopea; por ora contentamo-nos com apontar alguns exemplos, pa-

ra que facilmente se comprehenda esta doutrina.

Para mayor clareza he preciso saber, que em tres modos se costuma representar a Poesia. O primeiro he quando o Poeta mostra, que não falla, mas introduz pessoas, que fallam sempre, como se pratica na Tragedia, na Comedia, e em algumas Eclogas, onde sómente os interlocutores he que fallão, sem que o Poeta falle, e se descubra. O segundo modo he quando só o Poeta he o que falla, sem introduzir outras pessoas a fallar, como succede nas Satyras, nos Dithirambos, e nas mais Composições lyricas, em que elle sómente he o que discorre. O terceiro he o que participa dos dous modos antecedentes; e he quando o Poeta, ou falla como historico, ou finge, que fallão outras pessoas, como ordinariamente se pratica nos Poemas Heroicos, e algumas vezes nas Eclogas, e em outros Poemas lyricos. Quando falla o Poeta mesmo, sem introduzir pessoa alguma, he certo, que os seus conceitos, ainda que muito estudados, e engenhosos, facilmente nelle serão verosimeis, com tanto que estas imagens, que elle formar, sejaõ internamente verdadeiras; e não tenhaõ escuridade, desordem, e outros defeitos, que costumaõ affear a belleza poetica. Quando porém o Poeta introduz pessoas, que fallão, como v. g. nas Comedias, muitas vezes nos Poemas Epicos, e algumas vezes nos lyricos, então os

feus conceitos postos na boca daquellas pessoas facilmente poderãõ ser inverosimeis, se não refrear a fantasia, e os impetos do engenho, e se com prudencia se não revestir do caracter daquellas pessoas, considerando a natureza, as circumstancias, e as paixões dellas.

Dizemos considerando a natureza; porque ella he em toda a occasiãõ a que julga o que he verosimil; mas com isto não queremos dizer, que basta ao Poeta imitar a natureza imperfeita, e fallar como ordinariamente fallaõ os homens: dizemos, que elle deve aperfeiçoalla, e fallar como melhor deveriaõ, ou poderiaõ as gentes. De duas maneiras se faz isto: a primeira he fingir o Poeta, que as pessoas introduzidas a fallar em verso sãõ as mais perfectas, que naturalmente no seu genero possaõ dar-se; e entãõ conceber, e escolher os pensamentos mais bellos, e nobres, que verosimilmente poderiaõ vir ao entendimento daquellas pessoas. A segunda maneira he, revestindo com cores poeticas, e ornando com bellas frases todos aquelles conceitos, que elle imaginou serem proprios daquellas pessoas. Se se introduz hum Pastor, hum Soldado, hum Principe, hum valeroso, hum fraco &c. a cada hum destes deve o Poeta suppor, que he excellente, e perfeito no seu genero, e que tem hum optimo engenho para poder exprimir a sua paixãõ proporcionalmente, segundo o seu genio. Isto presuppõto, deverã depois attender para a natureza de

de quem falla, e ás suas paixões, considerando bem, se naquella pessoa supposta perfeita no seu genero seraõ verosimeis as imagens engenhosas, se lhe convém os delirios da fantasia, e se o que falla he demasiadamente estudado, considerado, e engenhoso.

Os delirios, que Lucano poz na boca de Cesar no liv. 5. da *Farsalia*, certamente não são falsos, antes esta imagem está pintada com vivissimas cores. Introduz este Poeta a Cesar entrando de noite em huma barca com animo de passar o mar; e porque o pobre barqueiro Amyclas temia a tempestade, que já principiava a sentirse, finge Lucano, que este Capitaõ lhe falla assim;

..... *Italiam si Cælo auctore recusas ;
Me pete. Sola tibi causa hæc est justa timoris,
Vectorem non nosse tuum ; quem Numina nunquam
Destituunt, de quo malè tunc Fortuna meretur,
Quum post vota venit. Medias perrumpe procellas.
Tutelâ secure meâ. Cæli iste, fretique,
Non puppis nostræ, labor est. Hanc Cæsare pressam
A' fluëtu defendet onus, nec longa furori
Ventorum sævo dabitur mora : proderit undis
Ista ratis &c..... Quid tantâ strage paratur,
Ignoras? Quærit pelagi, Cælique tumultu
Quid præstet fortuna mihi &c.*

A alguém parecerão maravilhosos estes pensamentos, e com effeito são quanto podem ser engenhosos; porém a mim parece-me, que não são muito verosimeis na boca

de Cesar. Tenho para mim, que aqui ha hum
naõ sey que de Roldaõ, e de Ferrabraz; por-
que naõ me sey persuadir, que Cesar, homem
ainda que muito afortunado, todavia prudente,
houvesse de fallar deste modo com conceitos taõ hyperbolicos, e estudados. Naõ
me parece provavel, que elle dissesse: *Anda
homem, se o Ceo o prohibe, eu to mando. Tu justa-
mente temes, porque naõ conbeces quem te manda.
Sabe que os Deoses nunca me desampararaõ, e
que me dou por offendido da fortuna, quando ella
para me favorecer, espera, que eu primeiro mostre,
que desejo os seus favores. Esta agitaçaõ naõ he
de nossa barca, he dos ares, e do mar. Contra es-
tes, e naõ contra ella, he que os ventos comba-
tem. O pezo de Cesar a defenderá das ondas, ou
esta mesma barca livrará as ondas da tyrannia dos
ventos &c. Queres tu saber, porque se levantou
taõ grande tormenta? Quer a fortuna com hum
tal tumulto dos ares, e do mar acreditar-se mais
comigo, fazendo-me beneficios, quando me podia
causar damnos. Certamente (segundo a nossa
opiniaõ) a mayor parte destes conceitos saõ
pouco verosimeis em Cesar, o qual naquella
ocasiaõ, conforme dizem os Historicos, na-
turalmente, e tambem com muito engenho
disse: *Anda, bom homem; segue animosamente
a tua viagem, e naõ temas, porque levas comtigo
a Cesar, e a fortuna de Cesar.* Se Lucano quan-
do compunha estes versos perguntasse de quan-
do em quando a si mesmo, se era verosimil,
que este prudente Heroe podesse, ou devesse
fallar*

fallar naquella occasião com tanto estudo, e temeridade, certamente deixaria este Poeta de conceber conceitos taõ declamatorios, e buscallos-hia mais naturaes, como sempre observou Virgilio, admiravel na contemplação da natureza. A respeito deste sublime Poeta não sey, que bom fundamento teve o Padre Bouhours para lhe reprovar aquelle lugar, em que introduz a Mezencio fallando com o seu cavallo, antes de morrer. Eu pelo contrario tenho este discurso por muito verosimil em tal occasião. Era aquelle bruto muy amado de Mezencio, ou para melhor dizer, era cousa que mais amava depois da morte de seu filho. Manda pois que lho tragaõ á sua presença, e cheyo de raiva, de dor, e de desesperação lhe falla, como se o cavallo o podesse entender:

..... *Equum duci jubet. Hoc decus illi,
Hoc solamen erat: bellis hoc victor abibat
Omnibus. Alloquitur mœrentem, & talibus infit:
Rhæbe diu (res siqua diu mortalibus ulla est)
Viximus &c.*

Todos os dias vemos gentes fallarem aos seus caens, cavallos, e outros animaes, como se tivessem entendimento para perceberem: quanto mais naturalmente o podia fazer Mezencio movido da paixão, e com hum cavallo, que elle tanto amava? Na força das paixões violentas até se falla com cousas, que nem tem alma sensitiva. Quem v. g. desgraçadamen-

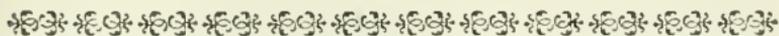
damente tivesse morto !com huma espada a hum seu amigo, era natural, que deitasse fóra a espada, e fallasse com ella, dizendo: *Vay-te embora, cruel espada, pois foste causa do mais horroroso attentado, que já mais se commet-teo &c.* Poderia desafogar com ella a sua ira, e dor, como se aquelle ferro inanimado tivesse culpa, e entendesse o que se lhe dizia. Por isso huma das mais bellas imagens, que tem o mesmo Virgilio sempre foy aquella, em que Dido rompe ternissimamente na Apóstrophe:

Dulces exuviae, dum fata, Deusque sinebant &c.

Por tanto se consultarmos a natureza, veremos, que totalmente he verosimil a falla de Mezencio ao seu cavallo, e a de Rugerio ao seu Frontino, como se lê em Ariosto no Canto 45. do seu *Orlando furioso*; e sómente se lhe podia censurar o fazer ao seu Heroe tão erudito nesta parte.

Mayor liberdade do que estes Poetas tomou Homero, porque não se contentando de introduzir a Achilles fallando com os seus cavallos, faz tambem com que estes no liv. 19. da *Iliada* fallem, e lhe respondeão. Porém nem ainda nesta parte póde entrar a Critica justa, porque o Poeta vence a difficuldade, dizendo, que Juno lhes dera voz; e deste modo, como elle cria, que os Deoses podiaõ tudo, fica o que era incrivel sendo crível, e verosimil, principalmente ornado com as cores poeticas.

ticas. Baste por agora de discorrer mais nesta materia, que em seu lugar expenderemos melhor, e passemos a dizer algumas cousas sobre a affectação, como promettemos.



C A P I T U L O XXIV.

Da affectação dos conceitos muy refinados, e esquadrinhados: vicio da escuridade.

Entre as imagens, que chamamos inverosímeis, alguma haverá, que não mereça ser usada dos Poetas, ainda quando fallão sem introduzir pessoa alguma a discorrer. O fundamento porque se não devem admittir taes imagens, he por serem muy refinadas, e esquadrinhadas. Este he o terceiro defeito principal, que já observámos nas reflexões, ou imagens *intellectuaes*, e tambem algumas vezes succederá o mesmo nas *fantasticas*. Chamamos conceito refinado, e rebuscado áquelle, que custou grande estudo ao engenho, ou á fantasia para se descobrir, mostrando estas duas potencias huma como ambição de achar razões extraordinarias, e remotas da commúa idea dos homens.

Muitos entendem ser indicio de hum entendimento vasto, e penetrante, ou ao menos de hum feliz engenho, o descobrir as mais bellas verdades internas, e as menos conhecidas razões das cousas. He certo, que não se

se enganaõ em crer esta doutrina; porque deste modo se consegue o deleitar com a novidade os animos dos leitores; porẽm igualmente he certo, que muitos Poetas abusaõ deste conselho, e enganados com a apparencia do que he bom, cahem, por fugir do trivial, no extremo contrario, que he fazerem, com que os seus conceitos fiquem muito engenhosos, e subtr̃s, tudo procedido de affectarem novidade no discurso. Escrupulizaõ de dizer hum sentimento, e razaõ, que possa vir á imaginaçaõ de outros Poetas, e como se naõ fosse bello, sennaõ aquillo, que está remoto da cõ-mũia idea, que os homens fazem das cousas, formaõ com subtileza de engenho razões, e imagens taõ estranhas, como desconhecidas dos verdadeiros Poetas. Como estes pensamentos dos engenhos desenfreados naõ contẽm ferriedade, por serem demasiadamente subtr̃s, e metafisicos, por isso a natureza, digamos, padece, e se offende muito com elles, vendo, que os homens, desprezando as verdades internas, que ella subministra, só abraçaõ as razões inverosimeis, sofisticas, e falsas. Eis-aqui em que consiste a *affectaçãõ*; em ornar com hum estudo forçado as cousas mais do que he licito, e formar conceitos fora dos limites do verosimil. Passemos para mayor clareza a dar alguns exemplos destas taes imagens. Lembraõ-nos huns versos, naõ sabemos de que Author Hespanhol, que confirmaõ bem a razaõ da nossa Critica:

*Ven muerte tan escondida,
Que no te sienta venir;
Porque el placer de el morir
No me torne a dar la vida.*

Eisaqui como este Poeta para rogar á morte, que lhe tirasse a vida, usou da subtileza de hum pensamento taõ refinado, e inverosimil; pois todos sabem, que o gosto, que hum infeliz experimenta em morrer, naõ lhe póde conservar a vida, e muito menos resuscitallo. Ouçamos a Quevedo, grande Mestre destes conceitos, louvando as virtudes do seu Monarcha, e tratando da grandeza do seu Imperio:

*Aquella frente augusta, que corona
Quanto el mar cerca, quanto el Sol abriga;
Pues lo que no gobierna, lo castiga
Dios, con nõ sugetarlo a su persona.*

Alguns defenderáõ esta imagem como boa, outros soffrella-haõ; mas tambem naõ ha de faltar quem a julgue muito affectada, suppondo o Poeta, que Deos castiga aquelles póvos, que naõ saõ vassallos de tal Principe, com os naõ fazer seus subditos. Passamos por esta affectação, mas naõ podemos fazer o mesmo a outra do mesmo Author. Louva elle a hum Principe montado a cavallo; e 'depois de ter engenhosamente dito, 'que aquelle generoso bruto em lugar de obedecer ao vento, que jactava de ter por pay, o desafia na carreira:

Al

*Al viento, que por padre blasonaba,
En vez de obedecerle, desafia.*

Continúa a dizer, que o bruto mostrava, que estava ferrado com azougue, ou tambem com os Talares de Mercurio, e que ameaçava a terra, mostrando querella ferir, ou pisalla com os pés, mas que com effeito a não feria; porque vendo-se carregado da magestade daquelle Principe, persuadio-se fer a terra indigna de que elle a pisasse:

*Herrado de Mercurios se mostraba,
Si amenazaba el suelo, no le heria;
Porque de tanta magestad cargado
Aun indigno le vio de ser pizado.*

Na mayor parte das obras do nosso suavissimo Antonio da Fonseca Soares sempre lemos algum conceito destes; o que não faz maravilha neste Poeta, nem em outros muitos do seculo passado; porque viverão no tempo, em que Portugal se vio infestado do pessimo gosto da Poesia, vindo de Hespanha, e protegido por Gongora, Villamediana, Lope da Vega, Quevedo, e outros muitos exceptuando com alguns mais a Garcilasso de la Vega, que foy Poeta de hum optimo gosto, sobre hum juizo exquisito. Alguns exemplos poderamos allegar do nosso Soares; porém baltará por todos aquelle celebrado conceito, com que dá fim a hum Soneto, em que louva a hum Cavalhei-

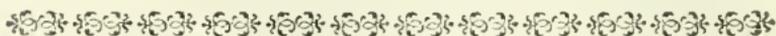
valheiro por matar de huma cutilada a hum touro :

*Em fim cabio o bruto, e parecia,
Que o som do golpe, que nos valles dura,
Em todo o ar exequias lhe fazia:
Pois foy tal desse braço a força dura,
Que inda a terra parece, que lhe abria
Nos sobejos do golpe a sepultura.*

Na aceitação do bom discurso perde este pensamento todo o assenso, por ser cousa muy affectada, e fóra da possibilidade, e verosimilhança engenhosa dizer, que o som da cutilada atroasse os valles, e durasse nelles, para no ar fazer exequias ao touro; e que a força do braço lhe abrisse na terra sepultura com os sobejos do golpe. Verdade he que com o *parece* dirão alguns, que quiz vencer o inverosimil; mas o certo he, que se a venceo com esta limitação, sempre este conceito-pecca em ser muy refinado, e esquadrinhado entre as idéas, que não são commúas nos homens, mas singulares.

Estas imagens engenhosas tão refinadas lá de algum tal, ou qual modo se poderão soffrer no Poeta, quando elle immediatamente he o que falla, sem introduzir pessoa alguma a fallar; porém são totalmente insoffríveis no theatro, porque então, mais que nunca, são precisos os conceitos naturaes; por fallar o Poeta por meyo de pessoas, que introduz a discorrer. Quando tratarmos da Comedia, entã

taõ he que com exemplos confirmaremos esta doutrina; e passemos a dar alguma instrucção sobre o estylo poetico, e em que mais vicios póde cahir fóra da affectação.



C A P I T U L O XXV.

Divisão do estylo em maduro, e florido; sua origem, e sequazes.

A Inda que a mayor parte da nossa doutrina até aqui se tenha empregado em mostrar o modo, com que fallaõ os Poetas, quaes sejaõ os seus conceitos, e em que se distinguem dos Oradores; com tudo segundo a necessidade de alguns, ainda naõ teremos fatisfeito ao nosso assumpto, quanto deveriamos. He pois necessario discorrer expressamente do estylo poetico, já que nelle consiste grande parte do artificio, com que os Poetas causaõ maravilha, e deleite. Divide-se o estylo poetico em *maduro*, e em *florido*: este pertence á Primavera, aquelle ao Outono. Propende o florido para aquillo que he fogoso, pueril, e picante; e o maduro para o que he temperado, adulto, e natural. O primeiro pinta as acções, os costumes, e as coufas com agudeza de pensamentos, com viveza de reflexões, e sentenças; e restringindo os conceitos em poucas palavras, fere á primei-
ra

ra vista com a pompa da sua luz o entendimento alheyo , descobrindo muy claramente a Arte. O segundo estylo não tem tanto resplendor na sua superficie ; porém tem mais substancia, e seriedade; usa de palavras mais accomodadas ao sujeito ; e não descobre o seu estudo, e arte, ainda que nella seja mais, ou menos insigne, que o florido.

Estes dous estylos , se bem que são diversos, quasi em todas idades tiveraõ parciaes, ou para melhor dizer obstinados adoradores. Quem gosta da quinta essencia de Tacito, e dos pensamentos fogosos de Plinio o moço, deseja em Livio, e em Cicero menos quantidade de palavras, e mayor novidade, e agudeza nos seus conceitos. Pelo contrario os que são devotos de Tullio, parece-lhes, que Plinio, e Tacito em lugar de melhorar a natureza com verdadeiros ornatos, a enfeitaraõ de modo, que as suas composições mais parecem donzellas levianas, que sérias matronas. Chegou a tanto esta parcialidade, que nos lembraremos do que fazia André Navagero, celebre Poeta Italiano do seculo decimosexto. Convocava todos os annos aos seus amigos no dia em que celebrava o seu nascimento, e depois de os banquetear, accendia huma fogueira, e queimava nella todos os exemplares de Marcial, que tinha comprado naquelle anno, dizendo quando os queimava, que naquella acção fazia *hum sacrificio ás Musas*. A causa disto era o immoderado, e ce-
go

go affecto, que tinha a Catullo, não soffrendo, que houvesse quem o pospozesse a Marcial, que está cheyo de conceitos muy refinados.

Da mesma opiniaõ de Navagero foy Murero, homem de subtilissimo engenho. Estava este taõ namorado daquella aurea pureza, e simplicidade de Catullo, que na sua Prefacção ás obras deste Poeta chegou a chamar ridiculo a Marcial, e a affirmar, que se houvesse de não seguir a Virgilio, antes seguiria a Ennio, e a Furio, que a Lucano, ainda que mais erudito, porém muito mais inchado, e menos natural, que estes antigos Poetas.

He de saber, que a Poesia, e a Eloquencia nos seus principios usavaõ de huma grande simplicidade de pensamentos, e pouco se afastavaõ da commua, e natural linguagem dos homens. Aquelles mesmos conceitos, que ordinariamente costumaõ nascer no juizo do povo, esses mesmos formavaõ tanto a prosa, como o verso, com huma rustica, mas delectavel naturalidade. Cresceo depois pouco a pouco o estudo, e começaraõ os entendimentos mais nobres a conhecer, que a Poesia não causava muita novidade contentando-se sómente de cousas triviaes. Entraraõ pois a cantar aquellas accções, e a usar daquelles conceitos, que a natureza perfeita costuma conceber, ou deveria, e poderia conceber, obrando perfeitamente. Este era todo o seu estudo;

expu-

expunhaõ estas bellezas da natureza , mas ainda com estylo natural ; porém sempre accommodando-se aos assumptos ; isto he, apparecendo sublimes nas cousas grandes, e agradaveis nas humildes. Naõ se contentaraõ com esta boa pratica alguns ambiciosos engenhos, porque buscando a novidade mais do que deveraõ, e vendo, que o povo, ainda que ignorante, gostava muito de ditos engenhos, e de reflexões agudas, introduziraõ nas suas obras hum estylo muy conceituoso, com que se fizeraõ celebrados.

Até o tempo de Tiberio esteve em grande reputaçã o estylo maduro; porque estava a Republica Romana bem provída de engenhos sérios, e severos: porém depois que faltaraõ Cicero, Livio, Catullo, Horacio, e Virgilio, reliquias da magestade Latina, sim entraraõ a florecer engenhos excellentes, mas naõ taõ severos, como os de seus antecessores, fazendo-os affeminados assim o ocio, como a servidaõ. Naõ erraremos, se dissermos, que esta mudança teve sua origem nos Declamadores, os quaes propriamente estabelece-raõ o seu throno no tempo de Tiberio, segundo diz Quintiliano no liv. 2. cap. 11. com estas palavras: *Inter præcipuas, quæ corrumpent eloquentiam, causas licentia, atque inscitia Declamatorum fuit.* Reduzida pois a melhor parte dos eloquentes ao ocio, e exercicio particular de declamar nas escólas, aqui perdeu o engenho o rumo, e entregou-se a mostrar
a sua

a sua agudeza, e a corromper a utilissima Arte Oratoria, dando em huma defrençada liberdade de ornar ridicularias, e de conceituar demasiadamente sobre os assumptos sublimes. Este pessimo gosto não comprehendendo sómente aos Oradores, passou tambem aos Poetas; e tanto, que Ovidio applicou-se muito a declamar nas Escólas, como testifica Seneca o velho, e o provaõ as duas Orações de Ajax, e de Ulysses, que se lem nos seus Metamorphoses, as quaes não são outra cousa, mais que duas Declamações nobremente deduzidas até o fim.

Daqui vem, que logo facilmente se conhece a grande differença, que vay entre os Poetas, que floreceraõ depois de Ovidio, e os seus antecessores, como Virgilio, Horacio, &c. Nestes tudo são frutos fazonados, e na mayor parte dos outros, ou tudo são flores, ou se ha frutos, não são agradaveis ao paladar, por estarem cheyos estes Poetas daquellas engenhosas, e demasiadamente estudadas reflexões, de que usavaõ os Declamadores. Taes são Marcial, Lucano, Estacio, Seneca, Claudiano, e outros, se bem que este ultimo não adoeceo tanto como os outros desta geral enfermidade.

Como no principio deste Capitulo fizemos consistir tambem a differença dos dous estylos na differença do artificio, justo será, que expendamos este ponto com mais clareza. De dous artificios póde usar o engenho
poeti-

poetico; ou de hum, que he *occulto*, ou de outro, que he *descuberto*. O primeiro he proprio do estylo maduro; o segundo só pertence ao florido. Se attendermos bem para os conceitos, e imagens, de que usão os Authores do primeiro estylo, veremos, que todos parecem naturaes, dotados de huma luz, e ornato tão pomposo, mas simplez, e puro, e que todos produzidos sem trabalho nascerão per si mesmos do assumpto, que se empredeo. Não penetraõ estes com a vivacidade das cores, mas deleitaõ com a sua natural belleza á força de hum modesto, e delicadissimo artificio. Pelo contrario o segundo artificio, a que chamamos *descuberto*, sim diz as mesmas cousas, que descreve o estylo maduro, porém com cores tão vivas, com tal brevidade, subtileza, e quinta essencia de conceitos, que logo á primeira vista penetra, e arreбата a muitos leitores, ou ouvintes.

Estes sentimentos, a quem fez maravilhosos o artificio descuberto, costumaõ ter o nome de *agudezas*, e *conceitos*, e os antigos Rhetoricos lhes chamavaõ *sentenças*, e *luzes*. Destas fallou Quintiliano liv. 12. cap. 10. dizendo, que *feriunt animum, & uno icu frequenter impellunt, & ipsa brevitate magis hærent, & dictione persuadent*. E no liv. 8. cap. 5. affirmou, que os antigos pouco usaraõ destas sentenças, e que no seu tempo eraõ muy vulgares nas Orações: *Consuetudo jam tenuit, ut*

* *lumina, præcipudque in clausulis posita, sententias*

tias vocaremus, quæ minus crebra apud antiquos, nostris temporibus modo carent. Daqui vem, que ao estylo florido se chamou depois *conceituoso*, porque a cada passo usava destas agudezas, e conceitos, nos quaes claramente se dá a conhecer o estudo, e artificio do Escritor.

Pelo contrario obra o artificio occulto conduzido pela modestia do estylo maduro; e está entre os bons intelligentes em mayor reputação, assim porque principalmente se encaminha a descobrir o que he maravilhoso na materia, como porque tem a virtude de se occultar a si mesmo, quando o outro nenhuma outra cousa deseja mais, que o descobrir-se, e manifestar o agudo engenho com que discorre. Entenderão alguns, que no estylo maduro não ha muito artificio, porque considerando, que elle se compoem de palavras proprias, de reflexões, e luzes naturaes, de huma pura connexão, e simples expressão das cousas, entendem, que não he difficil compor deste modo, e não faltará quem imagine de si poder fazer outro tanto. Porém estou certo, que muitos quando forem á prova, se haõ de achar muy confusos, e que talvez deenganados confessarão com Cicero: *Id esse optimum, quod quum tu facile credideris consequi imitatione, non possis.*

Com effeito tome-se hum pensamento de Virgilio, e considere-se se nelle se achaõ as circumstancias do estylo florido, ou as qualidades do maduro. Descreve elle divinamente
mais

mais que em outro lugar no quarto das *Georgicas* os successos de Aristeo, e a descida de Orpheo ao Inferno para tornar a vêr sua mulher Euridice. Em premio da suavissima melodia do seu canto, foy-lhe esta concedida, e que a levasse para o mundo; mas com a condiçaõ de que para a vêr naõ olharia para traz: diz pois o Poeta, que já Orpheo vinha com ella para o mundo:

*Quum subita incautum dementia cepit amantem,
Ignoscenda quidem, scirent si ignoscere Manes.
Restitit, Euridicemque suam jám luce sub ipsâ
Immemor, heu, victusque animi respexit.....*

Nestes versos naõ ha pompa conhecida, e talvez, que os pensamentos, que elles incluem, naõ sejaõ dignos no tribunal de alguem de merecerem o nome de conceitos, porque o artificio naõ ufou de agudezas, mas sim de palavras naturaes, e de expressões puras, e simples. Com tudo he quanto póde fer maravilhosa a delicadeza do artificio occulto, com que estaõ feitos estes versos; nem todos a poderáõ perceber, ainda que todos possaõ sentir os effeitos. Por ventura podia-se explicar com mais ternura, e representar-se o costume, a paixãõ, e o erro de Orpheo, do que com estas palavras: *Immemor, heu, victusque animi respexit*? Igualmente admiravel, e cheia de affecto he aquella insperada reflexaõ sobre a loucura do defacautellado amante, chama-

do-a digna de perdaõ, se os Deoses infernaes soubessem perdoar :

Ignoscenda quidem, scirent si ignoscere Manes.

De similhantes bellezas, que pouco, ou nada percebem os entendimentos ordinarios, eslaõ cheyos os Poemas de Virgilio, em humas partes mais, em outras menos, segundo a qualidade da materia. Com outro gyro de palavras, ou talvez com algum conceito subtil exprimiria outro Poeta este successo de Orpheo; mas naõ conseguiria certamente com o seu agudo engenho o chegar á belleza incomparavel daquellas poucas palavras do Poeta Latino, que tanto penetraõ o interior de quem as lê. Igualmente poderia outro Poeta talvez com mais agudeza, porém naõ com mais brevidade, e magestade, descrever a occulta partida dos principes de Tyro para Carthago, a fim de alli edificarem hum novo Reino, guiados pela Rainha Dido. Porém Virgilio em tres unicas palavras faz huma admiravel observaçaõ, que naõ parecerá tal a alguns juizos, dizendo :

. *Dux foemina facti.*

Do mesmo modo he admiravel, mas sem pompa, a descripçaõ de Troya destruida, quando disse o mesmo Poeta :

Et campos ubi Troia fuit.

Naõ podia darse huma idéa mais viva, e
magest-

magestosa, hem que tão breve, daquella ar-
 ruinada Cidade: e cada vez me parece melhor
 este pensamento todas as vezes, que o com-
 paro com o de Monf. Raciné descrevendo no
 Acto 1. scena 2. da sua *Andromaca* o mesmo
 objecto com mais palavras, porém com me-
 nor força. Diz elle: *Eu não vejo senão humas*
torres cubertas de cinza, hum rio tinto de sangue,
e huns campos desertos. Deste modo não nos faz
 este Poeta bastantemente conceber a grande
 desgraça de Troya, dizendo que as torres es-
 tavaõ cubertas de cinza; porque se estas es-
 tavaõ ainda em pé, como se collige das suas
 palavras, fazem crer, que ainda Troya não
 estava de todo arruinada; e se estas torres já
 estavaõ cahidas, não lhes devia chamar tor-
 res, mas sim ao menos hum monte de pedras;
 e deste modo veja-se quanto incomparavel-
 mente Virgilio pintou com estylo laconico,
 e artificio occultou a extrema ruina daquella
 Cidade, dizendo: *Et campos ubi Troia fuit.*

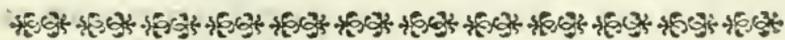
Naõ he da nossa intençaõ condemnar o
 estylo florido, nem totalmente distinguillo
 do maduro, como se se não podessem unir, e
 com effeito algumas vezes se não vissem uni-
 dos. Dizemos por tanto, que louvavelmente
 se pódem unir as bellezas de hum, e outro
 estylo; pois ainda os mesmos parciaes do ma-
 duro não desprezaõ alguma vez de temperar
 as tuas composições com o agradavel sabor
 do florido. Huns oufaõ mais, outros menos;
 e he certo, que o nosso Camões teve em to-
 das

das as suas obras huma particular arte de os unir com a economia, que lhe dictava o seu entendimento sublime. O mesmo fizeraõ em Italia Petrarca, e Tasso, em França Corneille, e Racine, e em Hespanha Garcilasso, e outros, se bem que poucos, porque muito mais se namoraraõ do estylo florido, que do maduro.

He de advertir, que quando approvamos a uniaõ, e liga destes dous estylos, sempre a nossa tençaõ he dizer, que se use do florido com muita temperança, e parcimonia, e que appareça modesto naõ só na quantidade, mas tambem na qualidade. Aquelles conceitos, que demasiadamente saõ agudos, e mostraõ sem algum rebuço a pompa, e suor do engenho, seraõ louvaveis em composições feitas em annos pueris, e naõ em idade adulta. Além de que, humas Poesias soffrem mais, outras menos a viveza destas cores; e nestas mesmas Poesias humas vezes ha mais lugar, outras menos para os ornatos, e artificios do estylo florido.

Ha muitas reflexões (como já diffemos) engenhosas, e agudas, mas ao mesmo tempo modestissimas, com as quaes he que se póde (digamos) pulverisar o estylo maduro. Sempre porém julgamos por melhor conselho o encostar a este estylo, como mais adulto, e internamente de mais valor, que o outro. Ultimamente sim póde o florido mostrar huma mayor superficie de belleza, que logo fi-

ra os olhos; mas direy com Quintiliano no liv. 6. cap. 4. *An ego fundum cultiorem putem, in quo mihi quis ostenderit, lilia, violas, & amœnos fontes surgentes, quàm ubi plena messis, aut graves fructu vites erunt? Sterilem platanum, tonsasve myrtos, quàm maritam ulmum, uberesque oleas præoptaverim?*



CAPITULO XXVI.

Extremos viciosos dos estylos, contrapostos, equivocos, paranomafias, allusões, e outras pestes condemnadas.

JUsto ferá, que depois de termos tratado dos dous estylos poeticos, passemos a notar os extremos, e vicios, em que está collocada a belleza delles. Póde peccar o estylo florido por parte do *muito*, e o maduro por parte do *pouco*. Ao primeiro v.cio chamamos *afectação*, de que já tratámos, ao segundo damos o nome de *secura*. Hum he excesso, outro he falta daquella maravilha, e novidade da Materia, ou do Artificio, em que consiste a belleza poetica. Facilmente cahe no primeiro defeito quem quer dizer tudo com substancial brevidade, e agudeza, espalhando em tudo flores, e aromas; ou se empenha a discorrer com engenhosa escuridade, para que os seus conceitos não sejaõ logo entendidos,

dos; ou tambem para que quem lê imagine nelles o que não ha, ou muito mais do que ha. Já Quintiliano se queixava destes escritos, dizendo no liv. 8. cap. 2. *Pervasit jam multos ista persuasio, ut id jam demum eleganter, atque exquisitè dictum putent, quod interpretandum sit.* Nesta escuridade tão considerada, e nestes conceitos, e abstracções tão frequentes, bem se lê logo a ambição do engenho de quem quer á similhaça do pavaõ mostrar todo o thesouro, que tem, e com esta descarada industria hir adquirindo louvor, e applauso de quem ouve, ou lê taes conceitos.

Ora naturalmente aborrecendo nós a soberba alheya, porque ninguem ama a quem o quer exceder, especialmente com o engenho; e vendo-se, que estes taes engenhos, de que tratamos, nos insultaõ com tanta pompa, e vaidade de riquezas conceituosas, com que ornaraõ as suas obras, em lugar de sentirmos deleite, experimentamos desgosto. Como isto assim seja, segue-se, como já temos dito, que não ha cousa, que corrompa mais a verdadeira belleza poetica, e passe dos confins do gosto exquisito desta arte, como o querer ornar muito as cousas por demasiada sede da novidade, e desejo de causar admiração.

He verdade, que *grata est novitas, & magis inopinata delectant*, como escreveo Quintiliano, e nós tantas vezes temos persuadido; porém igualmente he certo, que a todas as

coufas he necessaria a medida, que lhes he proporcionada, e que o *muito* he o mayor inimigo, que tem a belleza da Poesia. A Justo Lypfio acerrimo parcial do estylo florido, conciso, e agudo pareciaõ as Tragedias de Seneca huns maravilhosos, e incomparaveis Poemas. Particularmente sobre a *Thebaide* escreveo elle deste modo: *Eximiè pulchra est, & quoties lego, veneratio me habet, vel potius stupor. Nemo Vatum visus mihi tam altè, & tam feliciter volasse.* Elevou-se este grande homem destas Tragedias, porque cada hum ama o seu semelhante. Seguia Lypfio o mesmo estylo, e naõ reparava, que naquellas obras muitas vezes se encontra com o defeito da affectaçãõ, querendo Seneca dizer tudo com agudeza taõ demasiada, que ainda enche de argucias as paixões, e affectos mais fortes, mostrando nelles, que se deixava arrastar do gosto Declamatorio, e do estylo, que se pratica nas Escólas.

Porém onde mais claramente se conhece a affectaçãõ, he quando o Poeta vay anciosamente buscando *antithesis*, ou contrapostos, a que tambem chamamos metáforas de opposiçãõ. Naõ se deve negar, que esta figura pôde causar maravilha, quando o engenho especulando descobre, e faz ver, que em hum mesmo sujeito se verificaõ dous contrarios, e predicados oppostos. Pódem sem duvida estes contrapostos conter o que na Poesia he verdade, e belleza, com tanto que naturalmente nasçaõ da Materia, e naõ se conheça

tra-

trabalho, e ambição de engenho, que por força os introduz. Isto mesmo recommenda Aristoteles com estes exemplos: *Boa cousa he morrer, antes que se mereça o morrer. Sendo tu pessoa mortal, não convém, que seja immortal a tua ira.* Igualmente Publio Sirio disse com engenho: *A vida he longa para o infeliz, curta para o feliz;* e Cicero fallando de Cesar, e Pompeo, disse tambem: *Quizesse Deos, que elles, ou nunca entre si tivessem contrahido, ou nunca desfeito o parentesco.*

Porém assim como ha alguns compostos fundados no que he verdadeiro, assim ha infinitos, que se estribaõ no que he falso, e mostraõ claramente o pueril trabalho de quem os formou; como saõ em Hespanha os de Gongora, e outros muitos, e em Italia os de Marino, que teve innumeraveis sequazes. Hum dos mayores foy Thetauro, o qual chegou a escrever, que a figura *antithetis*, era *douta figura*, pois assim lhe chamara Persio. Muito affastado da mente deste Poeta estava este Escriitor, quando lhe interpretou aquelles versos da Satyra 1.

*Fur es, ait Pedio. Pedius quid? Criminaras is
Librat in antithetis. Doctas possuisse figuras
Laudatur. Bellum hoc. Hoc Bellum? &c.*

Com maneira mordaz satyriza Persio neste lugar tanto o meyo, que tomou aquelle homem, o qual em vez de se defender do delicto, que se lhe imputara, começa a fazer antithe-

titheſis, como a loucura do povo ignorante, que dizia deſtas ridicularias. *O' bellamente bellamente!* E quanto mais, que Perſio ſó quiz ſignificar com o nome de *antithetis* aquelles periodos, que ſe compoem de membros correspondentes alternadamente, e contrarios hum ao outro; e entre os Rhetoricos ſaõ eſtas antithetiſis figuras chamadas *verborum*, e não *ſententiarum*.

Naõ ſe póde negar, que eſta peſte de contrapoſtos, equivocos de vozes &c. veyo de Italia no principio do ſeculo decimoſexto, ſegundo a authoridade de Monſ. Boileau inſigne Critico Francez, quando diſſe no 1. Cant. da ſua *Poetica* :

. *Laiſſons à l' Italie*
De tous ces faux brillans l' éclatante folie.

Sim ſe oppoz a eſta opiniaõ o celebre Muratori, a quem tanto temos ſeguido, dizendo na ſua obra *Della perfetta Poefia Italiana* liv. 2. cap. 3. que eſte peſſimo goſto nacera em Heſpanha, e não em Italia; porque Lope de Vega uſara muito delle, antes que nacetſe em Italia Marino. Porém ſe consultarmos a Chronologia, he muito mal fundada a impugnação, que Muratori faz a Boileau; porque Lope de Vega nasceo em 25. de Novembro de 1562, e morreo em Madrid em 28. de Agoſto de 1635, e Marino nasceo em 18. de Outubro de 1569, e morreo em Napoles em 26. de Março de 1625. Naõ nos importa

ta discutir este ponto; o que nos serve he dizer, que muitos nossos Poetas principaes adoeceirão deste contagio, viesse donde viesse.

Quem ler o *Virginidos* de Barbuda, o *Ulyssipo* de Macedo, o *Macabeo* de Sylveira, o *Condestable* de Lobo, e a *Ulysssea* de Gabriel Pereira, ha de achar muitas destas argucias, conceitos falsos, antithesis, paranomalias, equivocos de vozes, &c. Seria materia infinita se para exemplos allegassemos versos destes Poetas, e baste, que os eruditos saibaõ, que fallamos verdade no que dizemos. O mais he, que até Camões não escapou deste mal, porque tambem abraçou este modo de dizer, sendo aliás hum Poeta de exquisito gosto em muitas cousas. Apontaremos deste alguns exemplos para sermos cridos, pois fallamos de hum Epico de tão grande merecimento. A respeito dos equivocos de vozes, eu não sey, que haja quem possa gostar da Estancia 91. do Canto 3. em que diz, fallando de ElRey D. Sancho II.

*De governar o Reino, que outro pede,
Por causa dos * Privados foy privado.*

E menos se póde gostar em estylo heroico (se bem que em outro se poderia permittir) do fim da Estancia 14. do Canto 6. tratando da hida de Baccho ao mar, e dizendo, que as Nymfas se. estaõ maravillhando:

De

*De ver, que commettendo tal caminho,
Entra no Reino * d'agoa o Rey do vinho.*

Porém ainda este não he o mayor defeito dos versos deste insigne Poeta: mayor he o vicio dos continuados contrapostos, que a cada passo se pôde dizer, que se encontraõ no feu Poema; e ainda que muitos, no sentir de Garcez, sejaõ naturalissimos, com tudo outros saõ muy affectados, e triviaes. Lea-se a Estancia 56. do Canto 3. onde diz, fallando da Villa de Cintra:

*Cintra onde as Nayadas, escondidas
Nas fontes, vão fugindo ao doce laço,
Onde amor as enreda brandamente
* Nas aguas accendendo fogo ardente.*

Naõ fallemos na metafora viciosa, e conceito falso, suppondo material a hum fogo, que só he metaphorico, porque este lugar aqui tem sua defenza; veja-se sim quanto parece pueril esta antithesi de *agua*, e *fogo*, a qual quando muito se poderia louvar em hum principiante. Do mesmo theor he outra, que se lê na Estanc. 82. do mesmo Canto 3.

*Logo todo o restante se partio
De Lusitania, postos em fugida:
O Miralmominim só não fugio,
Porque antes * de fugir, lhe fuge a vida.*

Outros muitos lugares pudemos trazer, mas não queremos encher papel inutilmente.

Naõ

Naõ faltará quem nesta parte queira defender a Camões, dizendo que elle fizera o mesmo, que praticaraõ os Poetas mayores da antiguidade, entre os quaes tem Virgilio o primeiro lugar. He verdade, que na *Eneida* se achaõ alguns lugares, que poderiaõ defender a Camões; porém he motivo para rir (como diz Muratori) dizerse, que Virgilio usasse advertidamente destas agudezas, que ou naõ eraõ conhecidas, ou eraõ desprezadas naquelle bom seculo. Virgilio no liv. 1. do seu *Poema* fim escreveo : *Puppisque tuæ, pubesque tuorum* : no liv. 4. *Viri virtus* : no liv. 9. *Sperate parati*, e tambem *Vellere vallum*.

Naõ só nos Poetas, mas igualmente nos Historiadores, e Oradores se achará algum lugar para esta defença. Tito Livio escreveu : *Campanos campos, vellent vallum*; e Cicero disse : *Commentariis commentitiis, decem duces, &c.* Naõ cuidaraõ certamente (como diz o citado Muratori, e Salvini liv. 1. pag. 443) estes insignes homens em fazer trocadilhos; por acaso lhes lembraraõ taes palavras, como sempre está succedendo a quem escreve; e o mais he pertender sem fundamento solido fazer meninos a estes Authores taõ graves. O mesmo se póde dizer daquelle lugar de Virgilio do liv. 10. da *Eneida*.

*Interea Genitor Tiberini ad fluminis undam
Vulnera siccabat lymphis.*

Faz a estes versos huma observaçaõ o Padre

dre I.acerda, e diz: *Vide acumen. Aquæ, quæ verè rigant, hic siccant.* Nunca Virgilio sonhou em fazer semelhante agudeza taõ impropria do seu estylo. Ao que só attendeo, foy a expôr naturalmente o effeito da agua fria, que suspende o fluxo do sangue, e por isso he que usou do verbo *siccare*, para exprimir bem o seu pensamento; e de nenhum modo por agudeza; pois em hum Poema heroico, e em materia grave naõ havia usar de huma cousa de que só se poderia contentar quem principia a fazer versos, Verdade he, que Quintiliano no liv. 9. cap. 3. traz por exemplo de figura, das chamadas *Verborum*, o lugar apontado de Virgilio: *Puppæque tuæ, pubesque tuorum*; porém difficoltosamente me poderey persuadir, de que esta fosse a intençaõ daquelle Poeta, no que figo a gravissimos Authores, como Escaligero na Poetica, Salvini, e Muratori já allegados. Quanto mais, que Quintiliano aponta semelhantes exemplos, naõ para que se imitem, mas para que totalmente se fuja delles, como cousa pueril.

Similhantes agudezas sómente se pôdem guardar para o estylo jocosõ, que serve de promover o riso, e esta he toda a sua virtude, como ensinaraõ os melhores Mestres. Neste estylo tem hum particular lugar os equívocos, os quaes nos agradaõ muito, e movem a rir, tanto que descobrimos o em que consiste a galantaria. Deve-se porém observar sempre, que o uso delles seja moderado, e

guia-

guiado pela regras, que nos deixaraõ gravísimos Escretores; e quando sem grande cautella, e juizo se usa de paranomalias, e outros jogos de palavras, he certo, que se dizem cousas ridiculas, e naõ galantarias engenhosas.

Se nestas allusões, e equivocos se descobre taõ claramente hum estudo de engenho superficial, quanto mais se observará este em outros jogos, que ha taõ affectados, insulsos, e que foraõ séria occupação de tantos seculos, a quem fez ignorantes este gosto depravado? Taes saõ os *acrosticos*, os *acromonosyllabicos*, os *isolefticos*, os *correlativos*, os *alfabeticos*, os *anastroficos*, ou *cancrinos*, e *retrogados*, os *serpentinicos*, os *palindromicos*, os *cronosticos*, os *sinfonicos*, os *concordantes*, os *protheos*, os *logogrifos*, os *parallelos*, os *filomelismicos*, os *tautogrammaticos*, e outros mil, todos nomes Gregos, que quando agora os ouvimos, parecem palavras nigromanticas; e eu confesso ingenuamente, que naõ sey o que significa a mayor parte delles; do que naõ tenho pezar, por ser cousa bem inutil, e abórtos de engenhos infelices, que querendo deleitar com a novidade, se perderaõ a traz destes modos artificiosos, e novas invenções de versos, que naõ conheceo a fabia Antiguidade, e desprezaraõ os melhores Authores modernos. Na mesma classe destes entraõ aquelles versos, que se formaõ, e se dispoem em diversas figuras, como oval, pyramidal, cubica, &c. Eu vi alguns, que re-

pre-

presentavaõ *altares*, *azas*, *lanças*, *thronos*, *esféras*, *cruzes*, *columnas*, *torres*, e outras mais figuras, que só por brinco, e galantaria he, que alguma vez as formaraõ os antigos, e naõ por seriedade, como fez a ignorancia dos séculos barbaros.

Nem saõ mais estimaveis, assim os *anagrammas* numericos, ou literaes, como os *enigmas*, os quaes naõ tem outra excellencia, senaõ serem entre as custosas ridicularias do engenho as mais engenhosas; se bem que confessaremos, que pódem os enigmas merecer algum louvor, naõ sendo literaes, mas sim contendo aquelle juizo, e bom fabor, com que naõ só os Gregos, mas ainda os Hebreos os faziãõ naõ menos agradaveis, que instructivos. Ora naõ he a nossa Critica taõ severa, que alguma vez naõ admitta similhantes composições, naõ para servirem á Eloquencia, e Poesia, mas para lançarem fóra a ociosidade, máy de todos os vicios, com hum exorcismo taõ innocente.

A naõ ser por este fim de lançar fóra o ocio, digaõ-me, que gofio, e deleite pódem ter engenhos aliás grandes, e penetrantes em formar estes jogos de palavras, confittendo toda a sua belleza, e maravilha em huma apparencia, e superficie? Naõ ha cousa (tornamos outra vez a dizer) que mostre mais a pobreza de hum engenho, do que estas ridicularias, tanto naquelles, que as publicaõ, como nos que as approvaõ. A vasti-

daõ do engenho conhece-se no descubrir, e unir as similhanças, e relações mais remotas dos objectos ; e quem faz allusões, paranomafias, &c. como sómente se applica a recolher as similhanças, e relações, que são muy proximas, nenhum progresso faz no assumpto, que empredeo.

Quando queremos discorrer de alguma materia, o primeiro objecto, que se nos representa, são os nomes das cousas. Com muy pouco trabalho, que tenhamos, logo nos occorrem outros nomes similhantes : v. g. se fallarmos de *Marte* facilmente nos occorre *Morte*; de *Imperio Impyreo*; de *Augusto Augusto* &c. A quem falla de huma *vide*, naõ ha cousa mais facil, querendo formar estes conceitinhos, que lembrar-se de *vida*, como fez Marino, dizendo :

*Stringe il marito, e gli s' appogia appresso
La vite, onde la vita è sostenuta.*

E fallando da *calamidade*, usa da palavra *calamita*, que he o iman em Italiano :

D'ogni calamità sia calamita.

Quem pretendeo conseguir com estes insipidos pensamentos grande applauso entre os fabios, foy o Conde Manoel Thesauro tantas vezes allegado ; e se naõ veja-se como conceituou na mayor parte dos seus Elogios, e traremos por exemplo huma inscripção feita sobre hum elevado assumpto. Diz elle:

Fri-

Frigida ipsa bruma in rogali flammâ Regalem ardorem sentit. Adamas es, non adamans, Heroum hæres felicissime, regalis domûs columen, & culmen, tam omnibus clarus, quàm carus. Alicubi nascere, ubique nosceris. Tot tibi perpetes annos annuit, quot præpetes fulgurum fulgores isto ex monte coruscabunt. Cerne, viator, rerum omnium rarum omen, non læthalia, sed læta, omnia deferre, &c.

Temos mostrado o que são semelhantes conceitos, os quaes á maneira de huma têa de aranha, com qualquer assopro se reduzem a nada: temos igualmente discorrido, quanto basta, das imagens verdadeiras, e falsas, ou da fantasia, ou do entendimento, do verosímil, e inverosímil; e finalmente de tudo o em que consiste a belleza poetica, materia discorrida por muy raros Authores: resta agora tratar das especies da Poesia, e dizer nellas o que temos lido, e observado nos Escriitores mais classicos, que trataraõ da Poetica; no que serviremos muito á mocidade Portuguesa, para quem escrevemos.

INDEX

BRITISH MUSEUM

1851

A
B
C
D
E
F
G
H
I
J
K
L
M
N
O
P
Q
R
S
T
U
V
W
X
Y
Z

INDICE

DAS COUSAS NOTAVEIS
desta primeira Parte.

A

- A** *Afectação*. Seus effeitos, 51, 52. A dos conceitos, 183, e seg. 199.
- Agudezas*. Que cousa sejaõ, 193. Reprovadas, *ibid*.
- Amiclas*, Pescador, falla que lhe fez Cesar, 179.
- Amor*. Paixaõ a mais frequente nos Poetas, 109. Considera-se animado, 117.
- Amplificações*. Naõ se comprehendem nas imagens *Simplices*, 100.
- Antithesis*, 201. Sua origem, 203.
- Antonio da Fonseca Soares*, 143. Suas comparações, 144. Sempre tem algum conceito refinado, 187.
- Antonio Vieira*, louvado, 132.
- Arabes*, tem Poesia, 81.
- Arte*. Huma das tres causas da Poesia, 39.
- Artificio Poetico*, 58, 59. Sua belleza, 75, e seg. O que lhe pertence, 91. Como se deve usar, 193.
- Astrologia*. Deve-a saber o Poeta, 45.
- Atrabilis*. Esquentada causa o enthusiasmo, 40.

B

- B** *Accbantes*, 40, 44.
Barbuda. Criticado, 151, 204.
Belleza Poetica, 54, e seg. Sua divisaõ, 58.
Belleza da materia, 65. Do artificio, 75.
 e seg. Está fundada na verdade, 127.
Boileau. Louvado, 203.

C

- C** *Alderon*. Criticado, 125.
Camões. Arguido, 53, 204, 205. Allegado com louvor, 69, 77. Insigne pintor de imagens fantasticas, 98, 116. Admiravel nas comparações, 141, 142. Seguio os vestigios de Virgilio, *ibid.* Louvado nas femelhanças, 146. Na Poesia Buccolica, 161, e seg. Louvado, 197.
Catullo. Estimado de Navagero, e Moreto, 190.
Ceva. (Thomás) Louvado por admiravel Poeta, 95, 103.
Cesar. Introduzido a fallar por Lucano, 179.
Claudiano. Criminado pelas importunas digressões, 50. Criticado, 192.
Comedia. Sua origem, 11. Seu fim, 26.
Comparações diversas, 48. As de Camões apontadas, 141, 142. As de Antonio da Fonseca Soares, 144. O que nellas se deva advertir, 151.

Conceitos. Dos triviaes não deve usar o Poeta, 67. Falsos quando começaraõ, 168. Verofimeis, 175, e seg. Refinados, 183, e seg. *Conde de Villa mediana*, 164. Notado, 173. *Corneille.* Louvado, 198.

D

D *Ante.* Louvado por Bulgarini, 51.
David. Compoz Psalmos em diversos metros, 3.
Declamadores. Quando floreceraõ, 191.
Deleite poetico, 54.
Diegmaticon. Estylo da Poesia, 21.
D. Diniz (ElRey) dado à Poesia, 17.
Diogo Bernardes. Louvado, 128.
Doçura Poetica, 54.
Dramaticon. Estylo da Poesia, 21.

E

E *Gypcios.* Como receberaõ, e adoptaraõ a Poesia, 10, 12.
Engenho, 139, e seg. Em que se conhece a sua vastidaõ, 209, e seg.
Enigmas. Reprovados, 209.
Entendimento humano. Que cousa seja, 86. Seu officio, e differença da fantasia, *ibid.* e seg. Foy creado para conhecer a verdade, 127.
He potencia grande, 154.
Entes. Sua divisaõ, 32.
Enthusiasmo, 39. He huma das tres causas da Poesia, 141. *Epo-*

- Epopéia*. Sua origem, 11.
Estacio, 39. Louvado, 141. Criticado, 192.
Estylo. Ha delle tres generos na Poesia, 21.
 O *Jocoso*, 127, 207. Sua divisaõ, origem,
 e sequazes, 188, e seg. O *Maduro*, até que
 tempo durou, 191. Qual he o *Conceituoso*,
 194. O *Florido*, e *Maduro* se unem, 197.
Estro. He furor poetico, 40.
Euripides, 163.

F

- F** *Ama*. Comparada ao vento, 148, 149.
Fantasia. Como se agite, 41, e seg. Sua
 noticia, e differença entre ella, e o enten-
 dimento, 85, e seg. Seus raptos, e exta-
 sis, 129, e seg. 138, e seg.
Filosofia moral. Seu objecto, 33.
Furor poetico, 39. Muitos Authores o negaõ,
 ibid. Que cousa seja, 41. Pode-se adqui-
 rir com a arte, 43.

G

- G** *Abriel Pereira de Castro*, 104. Criticado,
 204.
Garcilaffo de la Vega. Louvado, 186, 198.
Geografia. Deve sabella o Poeta, 46.
Gongora. (D. Luiz) Criticado, 125, 202.
Gregos. Foraõ ao Egypto aprender a Poesia,
 12. Os modernos tem Poesia, 81.

H

H *Ebreos*. Floreceo nelles a Poesia antes dos Gregos, 3. A sua Poesia foy a mais pura, e santa, 80.

Historia. Como pinta a verdade, 34. Deve-a saber o Poeta, 47. Naõ soffre ornato, 114.

Historiador. Naõ se deve engolfar em discorrer nas cousas por modo scientifico, 49.

Homero. Quando floreceo, 4. Insigne descriptor dos objectos, 34. Soube a Historia, 47. Louvado, 51. Defendido, 182.

Horacio. Imitador da Lyrica Grega, 14. Louvado, 130, 131, 139.

Hugo Grocio. Notado, 174.

I

J *Acinto Freire de Andrade*. Louvado, 127.

Imagens. Como as fórma a fantasia, 88. *Simplices*, e *Naturaes*, 89. *Fantasticas*, 90, 101. Em que consistem, 104. As que parecem realmente verdadeiras, 105. Como se fórmaõ, 107. A proporçaõ, relaçaõ, e semelhança com que se regulaõ, 120. *Imagens Intellectuaes*, *Engenhosas*, e de *Semelhança*, e modos de usar dellas, 138, 152, e seg. De *Reflexaõ*, 159, e seg. Os defeitos, que podem ter, 165, e seg. As *Intellectuaes*, 166. *Inverosimeis*, 183.

Imitaçaõ. Nella consiste a essencia da Poesia,

19. Reduz-se a duas classes *Fantastica*, e *Icastica*, 25, 35. O que he na Poesia, 30. Do *Universal*, e do *Particular*, 35, e seg.
Joseph de Sousa (o Cego) Louvado no estylo jocosario, 127.
Justo Lipsio. Parcial do estylo florido, 201.

L

- L** *Eys*. Deve o Poeta ter estudo dellas, 48.
Licinio (Porcio) Poeta antigo, 128. Notado, 173.
Lyrical. Especie a mais antiga da Poesia, 11.
Lope da Vega. Criticado, 124, 125, 202.
Lourenço Gracian. Juizo sobre este Author, 150.
Lucano, 39, 46. Criticado, 51, 180, 192. Louvado, 179. Juizo que delle faz Mureto, 190.
Luzes. Se chamaraõ aos conceitos, 193.
Lyno. Excellente Poeta, e Musico, 146.

M

- M** *Accedo* (Antonio de Soufa) Criticado, 204.
Maggi, 103, 165.
Manoel Thesauro. Nelle deve haver grande cautela nas regras, e exemplos das metaphoras, 149. Estimou muito os conceitos falsos, 168, e seg. Notado, 202.

Mar-

Marcial. Estimou os conceitos falsos, 168.

Seus exemplares queimados por Navagero, e porque, 189. Mureto lhe chamou ridiculo, 190. Criticado, 192.

Marino. Criticado, 123, 202.

Metafora, 147, e seg.

Micton. Estylo da Poesia, 21.

Moysès. Compoz a Deos hum Cantico em verso Hexametro, 3. He tido pelo primeiro Poeta, 4.

Montalvan (Luiz Peres) Criticado, 121.

Musica. Deve sabella o Poeta, 46.

N

N *Atureza.* He huma das tres causas da Poesia, 39. Como se aperfeiçoa pelo Poeta, 178.

O

O *Rador.* Não se deve engolfar no discurso das cousas por modo scientifico, 49. Uso de imagens Poeticas, 113.

Oratoria. Como pinta a verdade, 34.

Orfêo. Foy excellente Poeta, e Musico, 46.

Ovidio. Censurado, 51. Louvado, 93. Applicou-se a declamar, 192.

P

- P** *Allavicino* (Cardeal) Sua doutrina sobre as comparações, 145.
- Pastor*. Foy o primeiro estado dos homens, 4. Foraõ os inventores da Poesia, 5, e seg.
- Persas*. Tem Poesia, 81.
- Persio*, 39.
- Petrarca*. Reprehendido por Castelvetro, 51. Louvado, 95, 145, 198. Foy feliz nas imagens, 108, 118. E nos voos poeticos, 134.
- Poesia*. Sua origem, progressos, e essencia, 1, e seg. He ignorada, mas antiquissima a sua origem, 4, e seg. Suas especies mais antigas, 11. Sua intençaõ, e fim, ibid. Que cousa seja, ibid. e 53. A *Vulgar* sua origem, 15. Sua essencia, e definiçaõ, 19, 23, e seg. Seu fim, 26, e seg. Seu objecto, ibid. e 30. Como pinta a verdade, 34. O que soa, 37. Suas causas efficientes, 39. Como póde ser delectavel, 55, e seg. A dos Hebreos he a mais pura, santa, e antiga, 80. Representa-se em tres modos, 177.
- Poetas*. Houve alguns antes de Homero, 4. Como foraõ bellas as suas composições, 57. Naõ usaõ de conceitos triviaes, 67.
- Poeta Epico*. Rarissimas vezes deve fallar em sua propria pessoa, 21. O que soa esta palavra, 37. Em que classes se divide, 39. Deve ter instrucçaõ de todas as sciencias, e ar-

e artes , 45 , e seg. Não se deve engolfar em discursos scientificos , 49 , 50. Deve completar a natureza , 66.

Provenças. Refuscitaraõ a Poesia , 16.

Publio Mimo. Louvado em huma sua reflexaõ , 164.

Q

Q *Uevedo* (D. Francisco) Foy grande mestre dos conceitos refinados , 185.

R

R *Acine.* Louvado , 336 , 198. Comparado , 197.

Reflexaõ. Que cousa seja , 159 , 160. Como se fórma , 160.

Relações , 152. Como as recolhe o entendimento , 155.

Relativo. Especie do verosimil , 176.

Romanos. Melhoraraõ os inventos dos Gregos , 13. Ruina do seu idioma , 15.

S

S *A' de Miranda* (Francisco) 165.

Satyra. He a mais antiga especie da Poesia , 11.

Secura. Extremo vicioso na Poesia , 199.

Semelhança. Como se usa della na Poesia , 141.

Seneca , Poeta Tragico. Criticado , 192. Suas Tragedias agradaveis a Lipsio , 201.

Seni

- Sentenças.* Se chamavaõ os conceitos, 193.
Sybillas. Como profetizaraõ, 40, 44.
Sicilianos. Retuscitaraõ a Poesia, 16.
Sidronio Hoskio. Citado, 148.
Silveira (Miguel) Criticado, 204.
Solís (D. Antonio) Arguido, 114.
Suzeno, Poeta Persiano. Louvado, 7.

T

- T** *Affo* (Torquato) Louvado, 146.
Thomás Stigliani. Criticado, 126.
Tragedia. Sua origem, 11. Seu fim, 27.
Translações, 147.
Turcos. Tem Poesia, 81.

U

- V** *Erdade.* He objecto de varias artes, e sciencias, 32, 33.
Verdadeiro. Como o buscaõ os Poetas, 71, e seg. Suas especies, 72.
Verosimil, 74.
Versos artificiosos. Condemnados, 208, 209, e seg.
Virgilio. A quem imitou, 14. Soube varias sciencias, 46, 47. Foy insigne na formaçaõ dos voos poeticos, 135. Louvado nas comparações, 142. E em outras virtudes, 182, 194. Admiravel na contemplaçaõ da natureza, 181. Notado, 206. Censurado por Bouhours, 181.
Voos poeticos, 132. Zeu-

Z

Z *Euxis.* Na pintura de Helena, 36.

